UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CLARA LACERDA CREPALDI

Partículas Adversativas do Grego Antigo:
ἀλλά, ἀπάρ, μέντοι e καίτοι em Eurípides

Versão Corrigida

São Paulo
2018

CLARA LACERDA CREPALDI

Partículas Adversativas do Grego Antigo:
ἀλλά, ἀπάρ, μέντοι e καίτοι em Eurípides

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo

São Paulo
2018

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo, cuja orientação foi crucial para que a pesquisa tivesse forma e objetivos claros.

À minha orientadora do início do doutorado Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte, que aceitou meu projeto inicial e me orientou em direção às mudanças necessárias.

Ao meu supervisor durante o estágio de doutorado-sanduíche Prof. Dr. Rutger J. Allan, da Vrije Universiteit Amsterdam, que se dispôs a ler partes da minha tese, mesmo em português, e discuti-las comigo.

Ao Prof. Dr. Gerard Boter, Professor Titular de Grego na Vrije Universiteit Amsterdam, que cuidou dos detalhes práticos da minha acolhida. Aos demais pesquisadores da área de Língua e Literatura Grega e Latina da VU, professores e doutorandos, que contribuíram para que minha estadia na Holanda fosse não só produtiva, como também *erg gezellig*. Em especial, agradeço a Cassandra Freiberg e Arjan A. Nijk por discutirem partículas e questões da minha tese comigo.

Na FFLCH, agradeço aos professores e aos colegas que facilitaram meu trabalho de pesquisa de uma maneira ou outra: Alex Mazzanti, Bárbara Costa, Karen Sacconi, Lilian Sais, Márcio Mauá, Milton Torres, Paula da Cunha Corrêa, Rafael Semêdo, Renata Cazarini de Freitas, Waldir Moreira. Agradeço também aos membros do Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo pelas discussões sempre proveitosas.

Aos membros da banca por aceitarem o convite para avaliar esse trabalho.

À Capes, pelas bolsas de pesquisa concedidas no país e no exterior.

Aos amigos queridos, agradeço por me ajudarem a me manter em órbita e também, vá lá, por me desviarem dela, tão regular e infalivelmente: Ernest Bowes, Franklin Marques, Kauê Lopes, Lélia Hortal, Luciano Brito, Tatiana Faia, Victoria Broadus.

Agradeço, enfim, à minha família estendida, cujos laços de afeto muito ultrapassam os laços de sangue – principalmente ao Vítor, companheiro invulgar.

RESUMO

CREPALDI, Clara Lacerda. **Partículas adversativas do grego antigo**: ἄλλά, ἀλλά, μέντοι e καίτοι em Eurípides. 2018. 149 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A tese visa a uma descrição das partículas gregas ἄλλά, ἀλλά, μέντοι e καίτοι em Eurípides. De viés funcionalista, tal estudo busca entender os usos de cada partícula na macroestrutura do discurso, suas funções e contextos, e sobretudo o modo como essas partículas articulam e organizam a estrutura do discurso. Para tanto, o estudo realiza análises qualitativas de todas as ocorrências das referidas partículas no corpus e as compara a descrições anteriores. Dois parâmetros principais de análise são empregados: a posição que cada partícula ocupa na estrutura do discurso e o tipo de contraste que ela designa. Como principais referências, consideram-se: o trabalho pioneiro de J. D. Denniston (*Greek Particles*) e a Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld & Mackenzie.

Palavras-chave: partículas gregas, partículas adversativas, Gramática Discursivo-Funcional, Eurípides.

ABSTRACT

CREPALDI, Clara Lacerda. **Adversative particles in Ancient Greek: ἄλλά, ἀλλά, μέντοι and καίτοι in Euripides.** 2018. 149 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This dissertation aims to describe the usage of the Greek particles ἄλλά, ἀλλά, μέντοι and καίτοι in Euripides. Adopting a functionalist perspective, it explores: the uses of each particle within the discourse macrostructure; their functions and their contexts of occurrence; and the way they help to articulate and organize discourse structure. In keeping with this goal, this study performs qualitative analyses of all occurrences of the aforementioned particles in the selected corpus and compares them with earlier descriptions. Two main parameters of analysis are employed: the position that each particle takes in the discourse structure, and the type of contrast that it designates. The main references for this dissertation are the groundbreaking work of J.D. Denniston (*Greek Particles*) and the Functional Discourse Grammar developed by Hengeveld & Mackenzie.

Keywords: Greek particles, adversative particles, Functional Discourse Grammar, Euripides.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A partícula ἄλλὰ em Eurípides	25
Tabela 2 – Tipos de ἄλλὰ em início de turno	48
Tabela 3 – Tipos de ἄλλὰ por peça analisada	69
Tabela 4 – A partícula ἄτάρ no drama clássico	99
Tabela 5 – Partículas adversativas e suas funções	133

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	PARTÍCULAS	7
1.2	PARTÍCULAS DISCURSIVAS	8
1.3	DISCURSO: SEGMENTAÇÃO E ESTRUTURA	9
1.4	DISCURSO: NÍVEIS DE ANÁLISE	13
1.5	CONTRASTE: CARACTERIZAÇÃO E EXPRESSÃO LINGUÍSTICA	16
1.5.1	Tipos de relações adversativas	19
1.5.2	As partículas adversativas do grego antigo	20
1.6	OBJETIVOS E ESTRUTURA DESTA TESE	21
2	ἈΛΛΆ	22
2.1	DELIMITAÇÃO DO CORPUS	25
2.2	TIPOS DE ἈΛΛΆ	26
2.2.1	ἄλλά discursivo-estrutural	26
2.2.1.1	Substituição	26
2.2.1.2	Negação de inferência	33
2.2.1.2.1	ἄλλά contraexpectativo em relatos de mensageiro	38
2.2.1.2.2	Réplica	45
2.2.1.3	Contraste discursivo	49
2.2.1.4	ἄλλά em resposta ao não-verbal	55
2.2.2	ἄλλά como partícula de foco	60
2.3	CONCLUSÃO	68
3	ἈΤΆΡ	70
3.1	REVISÃO DA LITERATURA	70
3.2	NEGAÇÃO DE INFERÊNCIA	75
3.3	CONTRASTE DISCURSIVO	86
3.4	CONCLUSÃO	98
4	ΜΈΝΤΟΙ	100
4.1	REVISÃO DA LITERATURA	100
4.2	ATITUDINAL	102
4.3	ADVERSATIVO	105
4.4	CONCLUSÃO	115
5	ΚΑΪΤΟΙ	116
5.1	REVISÃO DA LITERATURA	116
5.2	NEGAÇÃO DE INFERÊNCIA INVERTIDA	119
5.3	CONTRASTE DISCURSIVO	126
5.4	CONCLUSÃO	131
6	CONCLUSÃO	133
	REFERÊNCIAS	135
	APÊNDICE A	147
	APÊNDICE B	149

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as partículas adversativas gregas *ἀλλά*, *ἀλλά*, *μέντοι* e *καίτοι* a partir uma perspectiva discursivo-funcional, isto é, pretende-se observar as funções que essas partículas exercem na organização do discurso. Para tanto, elegemos como corpus as tragédias supérstites de Eurípides, cuja forma dialogada revela-se especialmente apropriada para um estudo da língua em interação.

1.1 PARTÍCULAS

Não é necessário nenhum exame minucioso para perceber que o conjunto de vocábulos tradicionalmente chamados de partículas (e. g. *ἀλλά*, *δέ*, *μήν*, *που* etc.) contém itens com propriedades bastante diferentes entre si. Em comum, esses itens são palavras invariáveis, que carecem de referente semântico e não podem, sozinhos, constituir uma sentença. Em consequência de uma tão larga definição, há desacordo sobre quais vocábulos podem ser considerados partículas, ainda que a obra monumental de Denniston [1934] tenha exercido influência quase definitiva na delimitação do conjunto¹.

A imprecisão da definição de partícula se encontra na própria gênese da classe. Como demonstra Schenkeveld (1988), em seu estudo sobre a história do conceito, apenas na Renascença o termo '*particula*' passa a ser usado em sentido(s) moderno(s) graças aos trabalhos dos gramáticos Sanctius (1587) e Devarius (1588). O espanhol Sanctius foi o primeiro a definir *particula* pelo critério morfológico de invariabilidade, mas sua classe de *particulae indeclinabiles* incluía tanto preposições, como advérbios e conjunções. Devarius, por outro lado, estava mais interessado nas funções que as partículas desempenhariam na sentença e admitia até mesmo verbos e substantivos nessa classe, em determinadas circunstâncias.

¹ Sicking (1993, p. 3) observa que as classes de palavras não incluídas no inventário de Denniston são aquelas cuja omissão modifica as condições de verdade de uma sentença, como as negações e os interrogativos.

A partir do século XX, excluídas as preposições, a conjunção subordinativa ἐπεὶ e alguns advérbios como πῶς, ναί e μή, o inventário mais comum de partículas reúne conectivos e diferentes tipos de advérbios². Apesar da heterogeneidade do conjunto e das dificuldades para defini-lo, a conveniência da manutenção da classe de partículas se justifica pelos séculos de tradição do uso do termo³. Para os fins dessa tese, é suficiente a vaga definição de partícula como vocábulo indeclinável e de significado discursivo-pragmático.

1.2 PARTÍCULAS DISCURSIVAS

Expressões com propriedades similares às das partículas gregas também existem, naturalmente, em outras línguas. Na linguística moderna, tais expressões são conhecidas como “marcadores discursivos”, “partículas discursivas”, ou ainda “marcadores pragmáticos” – só para citar algumas denominações.⁴

A primeira monografia detalhada sobre marcadores discursivos é a obra de Schiffrin (1987). Para a autora, marcadores discursivos formam “a functional class of verbal (and non-verbal) devices which provide contextual coordinates for ongoing talk” (1987, p. 41). Interessada no modo em que os marcadores discursivos contribuem para a coerência do discurso, Schiffrin analisa itens variados: os advérbios temporais *now* e *then*, os conectivos *and*, *but* e *or*, os marcadores de causa e resultado *so* e *because*, os marcadores de informação e participação *y’know* e *I mean*, o marcador de resposta *well* e o marcador de gerenciamento de informação *oh*.

Assim como as partículas, os marcadores discursivos são elementos de difícil descrição, e não há consenso sobre o que os constitui e sobre quais itens fazem parte do conjunto. Para Schiffrin, um marcador discursivo: pode ser removido de uma frase sem prejuízo sintático, é comumente usado em posição inicial, tem um contorno prosódico

² Duhoux (2006, p. 519-536) propõe subclassificar as partículas como entonadores (que sublinham a entonação do que se segue, e. g. ἦ, ἄρα), modalizadores (que indicam o grau de realidade atribuído a um elemento do discurso, e. g. ἄν, γέ) e conjunções de coordenação (e. g. ἀλλά, καί). O autor sugere que uma mesma partícula pode pertencer a duas classes, assim ἀλλά seria tanto uma conjunção de coordenação, quando um entonador. Não me parecem claros os critérios de definição desses subgrupos, especialmente dos entonadores, razão pela qual não vejo vantagem nessa proposta.

³ Duhoux (2006, p. 522); Drummen (2015, p. 6).

⁴ Drummen (2016, I.3).

próprio e é capaz de operar em nível local e global, e em diferentes planos do discurso (1987, p. 328).

Para os estudos clássicos, a perspectiva de Schiffrin é especialmente importante, uma vez que foi uma das principais referências do modelo teórico proposto por Caroline Kroon para a descrição de *nam*, *enim*, *autem*, *vero* e *at* latinos. Duas ideias básicas guiam esse estudo: que as partículas marcam a coerência da estrutura do discurso; e que o discurso é um sistema complexo e hierarquicamente estruturado desde unidades discursivas mínimas às mais complexas (KROON, 1997, p. 19).

1.3 DISCURSO: SEGMENTAÇÃO E ESTRUTURA

O influente estudo de Sinclair & Coulthard, que analisou o inglês usado por professores e alunos em sala de aula, introduziu a segmentação do discurso em *atos*, *moves*, *trocas*, *transações* e *lições* (1975). Na definição original, os *atos* do nível do discurso coincidem, em parte, com as orações do nível da gramática e são as partes constitutivas dos *moves*. Os *moves*, por sua vez, são a menor unidade livre, capaz de ensinar uma *troca* entre falantes A e B (1975, p. 23). Observando fronteiras superiores no discurso, sinalizadas por marcadores específicos (chamados de *frames*) e metacomentários sobre as lições (os *foci*), Sinclair & Coulthard (p. 21-22) estabeleceram a existência das *transações* (um exemplo do corpus: *Now* (frame), *I want to tell you about a king that lived a long time ago in Ancient Egypt* (focus)). Por falta de dados comparativos que corroborassem a existência de um nível discursivo mais alto, os autores usaram o termo *lição* para indicar a totalidade do discurso produzido a cada aula.

A passagem de *Hipólito*⁵ abaixo exemplifica o tipo de segmentação proposto por Sinclair & Coulthard:

Hipp. 88-113

Troca	Move	{Θε.} ἄναξ, θεοὺς γὰρ δεσπότας καλεῖν χρεών, ἄρ' ἄν τί μου δέξαιο βουλευσάντος εὔ;
-------	------	--

⁵ Aqui, como em todo o resto da tese, utilizo o texto de Eurípides editado por James Diggle (Oxford Classical Texts).

	Move	{Ιπ.} καὶ κάρτα γ'· ἥ γὰρ οὐ σοφοὶ φαινοίμεθ' ἄν. 90
	Move	{Θε.} οἷσθ' οὖν βροτοῖσιν ὃς καθέστηκεν νόμος;
	Move	{Ιπ.} οὐκ οἶδα· τοῦ δὲ καὶ μ' ἀνιστορεῖς πέρι;
	Move	{Θε.} μισεῖν τὸ σεμνὸν καὶ τὸ μὴ πᾶσιν φίλον.
	Move	{Ιπ.} ὀρθῶς γε· τίς δ' οὐ σεμνὸς ἀχθεινὸς βροτῶν;
	Move	{Θε.} ἐν δ' εὐπροσηγόροισιν ἐστὶ τις χάρις; 95
	Move	{Ιπ.} πλείστη γε, καὶ κέρδος γε σὺν μόχθῳ βραχεῖ.
	Move	{Θε.} ἥ κὰν θεοῖσι ταῦτ' ἐλπίζεις τόδε;
	Move	{Ιπ.} εἴπερ γε θνητοὶ θεῶν νόμοισι χρώμεθα.
	Move	{Θε.} πῶς οὖν σὺ σεμνὴν δαίμον' οὐ προσενέπεις;
	Move	{Ιπ.} τίν'; εὐλαβοῦ δὲ μὴ τί σου σφαλῇ στόμα. 100
	Move	{Θε.} τήνδ' ἥ πύλαισι σαῖς ἐφέστηκεν Κύπρις.
	Move	{Ιπ.} πρόσωθεν αὐτήν ἀγνὸς ὢν ἀσπάζομαι.
	Move	{Θε.} σεμνή γε μέντοι κἀπίσημος ἐν βροτοῖς. 103
	Move	{Ιπ.} οὐδεὶς μ' ἀρέσκει νυκτὶ θαυμαστὸς θεῶν. 106
	Move	{Θε.} τιμαῖσιν, ὧ παῖ, δαιμόνων χρῆσθαι χρεῶν.
	Move	{Ιπ.} ἄλλοισιν ἄλλος θεῶν τε κἀνθρώπων μέλει. 104
	Move	{Θε.} εὐδαιμονοίης, νοῦν ἔχων ὅσον σε δεῖ. 105
Troca	Move	{Ιπ.} χωρεῖτ', ὅπαδοί, καὶ παρελθόντες δόμους 108 σίτων μέλεσθε· τερπνὸν ἐκ κυναγίας τράπεζα πλήρης· καὶ κατανήχειν χρεῶν 110 ἵππους, ὅπως ἂν ἄρμασι ζεύξας ὕπο βορᾶς κορεσθεῖς γυμνάσω τὰ πρόσφορα.
Troca	Move	τὴν σὴν δὲ Κύπριν πόλλ' ἐγὼ χαίρειν λέγω.

SERVO. Senhor — pois os deuses é que devem ser chamados soberanos —, aceitarias de mim um conselho, se fosse bom?

HIPÓLITO. Sim, com certeza! Caso contrário, não pareceria sábio.

SERVO. Então conheces um costume que foi estabelecido entre os mortais?

HIPÓLITO. Não conheço. Sobre o que me perguntas?

SERVO. Odiar a soberba e o que não é a todos amigável.

HIPÓLITO. Perfeitamente. Mas para quem entre os mortais a soberba não é um fardo?

SERVO. E não há uma certa virtude na cortesia?

HIPÓLITO. E muita — e o lucro vem com pouco esforço.

SERVO. E para os deuses não supões o mesmo?

HIPÓLITO. Sim, se nós mortais seguimos os costumes dos deuses.

SERVO. Como então não te diriges a uma soberba divindade?

HIPÓLITO. Qual? Cuidado para que tua boca não cometa um lapso.

SERVO. Aquela que foi posta entre os portões, Cípris.

HIPÓLITO. De longe, cumprimento-a — sou casto.

SERVO. É soberba, de fato, e notável entre os mortais.

HIPÓLITO. Não me agrada um deus que durante a noite é cultuado.

SERVO. Com honras, ó filho, os deuses é preciso tratar.

HIPÓLITO. Cada um tem seus interesses, deuses e também homens.

SERVO. Que sejas feliz — e tenhas o juízo que te falta!

HIPÓLITO. Ide, servos, entrai na casa

e cuidai da refeição — prazerosa é a mesa
cheia depois da caça. É preciso escovar
os cavalos para que, atrelando-os aos carros,
depois de satisfeito de comida, eu os exercite como apropriado.
E à tua Cípris eu mando belas saudações!⁶

No trecho, cada turno corresponde a um *move*. Esses *moves* são, por sua vez, compostos por um ou mais atos discursivos, separados por barras verticais. A última fala de Hipólito, em que ele se dirige aos demais servos que o acompanham, interrompe a troca com o servo principal e é considerada como uma troca em si (ainda que não haja resposta verbal de seus interlocutores).

Apesar de se concentrar no domínio da sentença, a Gramática Funcional de Simon Dik reconhece a relevância de uma série de Constituintes Extra-Oracionais, sintaticamente independentes e com contorno prosódico próprio (1997b, p. 381), que podem co-determinar a interpretação do discurso (1997b, p. 380). Um subgrupo deste conjunto é formado pelos Constituintes Extra-Oracionais de Organização Discursiva, aos quais pertencem a organização, estruturação e apresentação do conteúdo discursivo (1997b, p. 384). Esses constituintes são definidos pelas funções pragmáticas de Marcadores de Fronteira, Orientação e Antitema (1997b, p. 386-405). Para o estudo de partículas como *ἄλλὰ*, *ἀτάρ* e *δέ*, é especialmente relevante o subgrupo dos Marcadores de Fronteira, que inclui Inicializadores, Alteradores de Tópico e Marcadores PUSH e POP. Por exemplo, na passagem de *Hipólito* citada acima, a partícula *δέ* é usada para introduzir novo tópico no verso 95 (*ἐν δ' εὐπροσηγόροισίν*) e reintroduzir tópico no verso 113 (*τὴν σὴν δὲ Κύπριν*).

Em seu único capítulo sobre discurso (1997b, p. 409-441), Dik diz que a estrutura do discurso é hierárquica, em camadas, e que o falante possui vários meios para indicar ao ouvinte uma transição de uma fase a outra do discurso (1997b, p. 423), incluindo os marcadores PUSH e POP (*ibid.*, p. 425).

Para a análise da estrutura conversacional das passagens em que Eurípides emprega *ἄλλὰ*, *ἀτάρ*, *καίτοι* e *μέντοι*, utilizo os conceitos da Gramática Discursivo-Funcional, que *grosso modo* segue os princípios introduzidos por Sinclair & Coulthard (1975, p. 14-60) e refinados por Caroline Kroon (1995, p. 80-89)⁷. Desse modo, defino como *atos discursivos* as menores unidades comunicativas identificáveis, possuidoras

⁶ Todas as traduções sem indicação explícita de autoria são minhas.

⁷ Sobre a influência do trabalho de Kroon nas diversas correntes funcionalistas holandesas, vide Butler (2003, p. 306-320).

de locução própria e contorno entonacional próprio⁸. Um ou mais atos discursivos centrais, acompanhados ou não de atos subsidiários, constituem um *move*, a unidade mínima capaz de ensejar uma *troca* entre falantes A e B.

Para muitos autores, a noção de coerência é essencial para a compreensão da estrutura do discurso:

When a discourse is properly construed it will be coherent in the sense that the different constitutive parts will follow each other in a natural, interpretable way. This holds true both for the local sequencing (local coherence) and for the sequencing of more global discourse units (global coherence). If either at the local or at the global level the principles of natural sequencing are not observed, the discourse will be, in that respect, incoherent and difficult or impossible to interpret (DIK, 1997b, p. 433).

Dik diz ainda que os conectores são um meio para se criar coerência, já que especificam uma relação semântica/pragmática entre orações (p. 440). O autor insiste na distinção feita por Pinkster entre coordenadores e conectores: enquanto os primeiros ligam constituintes dentro da sentença com a mesma função sintática ou semântica, os segundos relacionam sentenças independentes (PINKSTER, 1990, p. 253; 257).

Um modelo capaz de interpretar e prever a estrutura do discurso em sua totalidade ainda parece longe do exequível, a despeito de tentativas feitas nesse sentido, especialmente em estudos sobre o processamento de línguas naturais (e.g. MARCUS et al, 1993). Entre as teorias sobre estrutura discursiva que surgiram a partir dos anos 80, destaca-se a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (Rhetorical Structure Theory, doravante RST), que tenta compreender a organização dos textos a partir da caracterização das relações funcionais estabelecidas entre suas partes. A tipologia de relações retóricas dessa teoria inclui as relações de Motivação, Fundo, Solução, Antítese, Propósito, Condição e Concessão, entre outras.

Outro modelo influente para a análise do discurso é o da Escola de Genebra⁹. Em sua última configuração, o modelo é definido como cognitivo interacionista e tem três componentes constitutivos: um linguístico, que diz respeito à sintaxe e ao léxico da

⁸ Para boas discussões sobre a definição de atos discursivos, vide Hannay & Kroon (2005) e De Kreij (2016, II.2). Na GDF, o Ato Discursivo do Nível Interpessoal corresponde à Frase Entonacional do Nível Fonológico, sobre os quais, vide infra. Para a relação entre a noção antiga de *colon* e a noção moderna de unidade entonacional, vide Bonifazi (2016, IV.3) e Viljamaa (2003). Scheppers (2011) e Goldstein (2016) também demonstram a relevância da segmentação do discurso em unidades entonacionais para a posição de clíticos e partículas pospositivas.

⁹ Cf. Roulet; Filliettaz; Grobet, 2011. Versões anteriores e ainda bastante influentes do modelo podem ser encontradas em Roulet et al 1987 e Roulet 1999.

língua; um situacional, relacionado ao universo da referência e à situação do discurso; e um textual, relacionado à estrutura hierárquica do discurso. Original no modelo de Genebra é a ideia de recursividade: um segmento discursivo subsidiário pode ser realizado não somente por um ato discursivo, mas também por um *move* e até mesmo por uma troca, ou seja, por constituintes de posição igual ou superior ao *move* (ROULET, 2001, p. 54)¹⁰.

Outra perspectiva contemporânea sobre a estrutura do discurso é oferecida pela Análise da Conversação, que tem entre suas preocupações a organização das seqüências. Nesse sentido, é especialmente relevante a ideia de *pares adjacentes*, que são seqüências de dois turnos, produzidas por falantes diferentes, de forma ordenada e tipificada, de modo que um determinado primeiro turno torna relevante um segundo turno específico (e.g. pergunta e resposta, saudação e saudação, pedido e aceite/rejeição).¹¹

1.4 DISCURSO: NÍVEIS DE ANÁLISE

O modelo de Kroon postula que as partículas têm significado mais funcional do que referencial, ou seja, mais relacionado ao contexto comunicativo do que a uma representação de uma ação, evento, etc., e analisa o discurso em três níveis diferentes¹²: representacional, apresentacional e interacional.

O nível representacional retrata um mundo real ou imaginário fora da própria língua. Partículas que operem nesse nível relacionam estados de coisa (ação, evento, situação, etc.) representados no mundo. Essas relações podem designar temporalidade, condição, contraste, finalidade e coordenação, entre outras coisas. Em grego, as conjunções *εἰ*, *ἐπεὶ* e *ἵνα* (e também *ἀλλά* e *καί*, quando coordenam duas entidades)

¹⁰ “(...) la définition de l’unité textuelle minimale dépend davantage de l’organisation de l’activité discursive que de la structure de la langue.” (ROULET, 2001, p. 63)

¹¹ Os textos fundamentais da Análise da Conversação são Sacks, Schegloff e Jefferson (1974); Sacks (1992) e Schegloff (2007). No Brasil, temos uma boa introdução de Marcuschi (2005). Aplicada ao grego antigo, a Análise da Conversação figura em Smith (2012); Schuren (2014); Bonifazi, De Kreij & Drummen (2016) e Emde Boas (2017a; 2017b).

¹² Schiffrin havia distinguido cinco planos de análise: exchange structure, action structure, ideational structure, participation framework e information state (1987, p.-24-25).

podem ser entendidas como partículas que operam no nível representacional do discurso.

No nível apresentacional, as partículas têm por escopo a apresentação do mundo representado no discurso. Essas partículas sinalizam relações retóricas e organizam o texto, indicando como determinada porção do discurso se relaciona com outra e ajudando o ouvinte/leitor a se orientar no discurso. Por exemplo, em grego antigo, a partícula γάρ parece indicar o início de uma narrativa subsidiária (conhecido como PUSH na literatura funcionalista), enquanto οὖν marcaria o retorno à sequência principal (chamado de POP).

Por fim, no nível interacional, as partículas sinalizam o envolvimento dos participantes na situação comunicativa, ou seu comprometimento com o que é dito. Por exemplo, usando τοι, o falante/escritor requisita atenção especial do ouvinte/leitor ao trecho em pauta. De outro modo, a partícula που sinaliza dúvida em relação ao que é dito.

O modelo de Kroon influenciou diversas análises das partículas gregas, incluindo os trabalhos de Wakker sobre μήν na tragédia (1997); e sobre οὖν e τοίνυν em Lísias (2009); o estudo de Bonifazi (2012) sobre αἶ, αἶτε e αὐτάρ na épica homérica; o verbete de Revuelta (2013) sobre partículas na EAGLL; e os artigos de Liana Tronci (2017) sobre marcadores discursivos de conclusão em Platão; e Inglese (no prelo) sobre a evolução histórica de ἀτάρ.

Em trabalhos recentes, Allan tem mostrado as vantagens de se utilizar a teoria da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) como quadro teórico para uma melhor compreensão das partículas gregas. Em artigo ainda em desenvolvimento, mas cujos argumentos principais já foram apresentados no International Colloquium on Ancient Greek Linguistics de 2015, ele lista algumas das razões pelas quais a GDF é preferível ao modelo de Kroon: a) a GDF oferece um quadro teórico muito mais sofisticado do Nível Interpessoal, que trata dos aspectos linguísticos da interação entre falante e ouvinte; b) por dar conta de todas as categorias semânticas e pragmáticas da língua e não só tratar das partículas, a GDF pode mostrar mais claramente as diferenças e semelhanças entre partículas e classes aparentadas como advérbios e conjunções; c) por fim, os pressupostos teóricos da GDF podem ainda contribuir para o estudo diacrônico das partículas, por exemplo, com a hipótese de que os operadores gramaticais têm

tendência a aumentar o seu escopo, passando de camadas semânticas menores a maiores¹³.

Ao modelo tripartido de Kroon, a Gramática Discursivo-Funcional¹⁴ postula apenas dois níveis de análise para a formulação linguística¹⁵: o nível Representacional e o nível Interpessoal. Cada um desses níveis se organiza internamente em camadas dispostas de forma hierárquica, de modo que as camadas mais altas têm escopo sobre as mais baixas.

No nível Interpessoal, as camadas se organizam da seguinte forma, da mais alta à mais baixa: *Move* > Ato Discursivo > Ilocução > Participantes > Conteúdo Comunicado > Subato de Atribuição > Subato Referencial.

O *move*, conforme definido anteriormente, é a unidade mínima livre de comunicação, tipicamente correspondente a um turno em uma conversação:

– Vamos à praia?

– Infelizmente, só se for depois do almoço, | antes não posso.

Nesse diálogo fictício, cada turno corresponde a um *Move*, sendo que o segundo *Move* é composto por dois Atos Discursivos (separados pela barra), entre os quais há uma relação retórica que podemos chamar de Motivo.

A Ilocução indica a intenção comunicativa do ato verbal, por exemplo, afirmar, questionar, ordenar etc. Ela pode ser expressa tanto por verbos performativos, como por ilocuições abstratas (exclamação, interrogação) e até interjeições.

Os Participantes são aqueles que geralmente se revezam nas funções de falante e ouvinte em uma dada interação.

¹³ Allan (2017b) sobre a história das partículas *toi* e *vuv* se baseia na GDF. No workshop *Particles and the Dimensions of Meaning*, realizado em Nijmegen, em 2017, o mesmo autor apresentou ainda a comunicação “The Complicated Birth of the Adversative Particle *méntoi* in Ancient Greek: Semantic change and scope increase”, também baseada na GDF.

¹⁴ A teoria foi exposta em sua forma mais desenvolvida em Hengeveld & Mackenzie (2008). No Brasil, o Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, liderado pelos professores Erotilde Goreti Pezatti e Roberto Gomes Camacho, ambos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, tem vasta produção sobre o português orientada pela GDF. Para uma introdução à teoria em português, vide Camacho (2008).

¹⁵ Além dos níveis de formulação Representacional e Interpessoal, a GDF também distingue os níveis de codificação Morfossintático e Fonológico – que menos interessam essa tese por não contribuírem para a descrição semântica (Nível Representacional) ou pragmática (Nível Interpessoal) das partículas. Formulação e codificação constituem o Componente Gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal. Como teoria linguística, a GDF só se ocupa desse Componente Gramatical, mas também postula a existência dos Componentes Conceitual, Contextual e de Saída (Output).

O Conteúdo Comunicado contém a totalidade do que o falante deseja evocar ao ouvinte (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 87), ou seja, ele corresponde às escolhas que o falante faz quando seleciona qual conteúdo semântico do Nível Representacional ele deseja apresentar ao ouvinte. Funções pragmáticas como Tópico e Foco, as quais não só influenciam a ordem de palavras em grego antigo¹⁶, como também podem ser marcadas por partículas, pertencem à camada do Conteúdo Comunicado.

Cada camada dos diferentes níveis pode ser modificada por Modificadores (de natureza lexical) e Operadores (de natureza gramatical). Ainda no diálogo acima, ‘infelizmente’ é um modificador do Conteúdo Comunicado. Um exemplo de modificador da Ilocução seria a expressão ‘a bem da verdade’.

Em grego, Allan classifica as partículas do Nível Interpessoal em quatro grupos:

- a) Operadores do Conteúdo Comunicado: partículas de foco, relacionadas à estrutura informacional: γε, δή, ὅντα, καί, -περ
- b) Operadores da Ilocução I: partículas que marcam o tipo Ilocução de uma sentença: ἄρα, εἰ γάρ, εἰθε, εἰ δ’ (ἄγε), ὥς
- c) Operadores da Ilocução II: partículas atitudinais: που, μέν, μέντοι, μήν, νυ, νυν, τοι
- d) Operadores do Ato Discursivo/Move: partículas discursivo-estruturais que sinalizam relações entre unidades discursivas: ἀλλά, αὖ, ἀτάρ/αὐτάρ, γάρ, καί, καίτοι, μέν... δέ, μέντοι, μήν, νυν, οὖν, τε, τοίγαρ, τοίνυν

Desse quadro resumido, pode-se depreender que as partículas estudadas nessa tese são de dois tipos principais: atitudinais e discursivo-estruturais. Ao quadro de Allan, devo adicionar ainda a partícula ἀλλά, em seu uso adverbial, à lista de Operadores do Conteúdo Comunicado.

1.5 CONTRASTE: CARACTERIZAÇÃO E EXPRESSÃO LINGÜÍSTICA

Se entendermos que a linguagem humana tem como função primária não descrever o mundo, mas sim influenciar pessoas e modificar suas opiniões, ideias e

¹⁶ Allan (2012; 2014), Matic (2003), Dik (1995, 2007), Goldstein (2016).

atitudes¹⁷, podemos conceber a expressão linguística de contraste como uma forma de coordenar dois sujeitos (falante/emissor e ouvinte/receptor) no processo de conceitualização. É o que propõe Arie Verhagen (2005) com sua teoria da coordenação intersubjetiva. Se, por um lado, uma situação de interação linguística envolve dois sujeitos de conceitualização, com pontos de vista possivelmente diferentes, que constroem uma interpretação a respeito de um certo objeto de conceitualização; por outro lado, qualquer interação linguística também pressupõe um conhecimento compartilhado entre os dois sujeitos, que diz respeito tanto à situação do discurso quanto ao que cada um sabe ou imagina sobre o outro – esse conhecimento compartilhado é o que comumente se denomina ‘*common ground*’. O principal objetivo de qualquer manifestação linguística seria modificar o *common ground*, acrescentando-lhe uma nova parte. Veja-se a frase a seguir:

1) João é baixo, mas joga basquete.

É lugar comum na literatura sobre relações adversativas afirmar que a conjunção ‘mas’ nesse tipo de conexão nega uma expectativa ou inferência¹⁸ da primeira proposição (o fato de João ser baixo poderia fazer supor que ele não fosse hábil para jogar basquete). Para melhor explicar esse fenômeno, Anscombe & Ducrot (1983) introduziram a ideia de *topos*:

“le topos met en rapport deux propriétés, entre lesquelles il établit un lien: une propriété P, qui est attachée à l’argument A, et une propriété Q, qui est attachée à la conclusion C.” (DUCROT, 1996, p. 145)

O *topos* é então um princípio geral e compartilhado, uma tendência cuja validade genérica é admitida, mas não uma crença ou opinião que possa ser totalmente imputada ao destinatário¹⁹. A partir dessa noção, Verhagen precisa que a função convencional de construções como “r although p” seria projetar um segundo espaço mental que conteria um *topos* autorizando um ponto de vista positivo em relação à conclusão q.

¹⁷ Cf. sobretudo Anscombe & Ducrot (1983) e Ducrot (1996).

¹⁸ Expectativa, inferência, implicatura e subentendido.

¹⁹ Ducrot (1996, p. 153-177) também diz que, além de gerais e compartilhados, os *topoi* são graduais (por exemplo, quanto mais baixa uma pessoa, menor a probabilidade de ela jogar basquete), mas essa propriedade nos interessa menos no momento.

In Space₂ the *topos* licenses a positive epistemic stance towards the conclusion *q* [...] Thus the speaker/writer acknowledges that this reasoning may be valid. But by the use of the statement *r* [...] she displays a negative epistemic stance towards this proposition herself; that is, she invites the addressee to modify his stance. In brief: while the speaker/writer acknowledges that given *p* there may be good reasons to adopt *q*, she nevertheless invites the addressee to adopt *r*, which is incompatible with *q*. (2005, p.169)

Voltando ao nosso exemplo anterior, se usarmos expressão equivalente a ‘although’ em português, teremos:

2) João joga basquete (*r*), ainda que ele seja baixo (*p*).

Topos: Pessoas baixas (*p*) são menos hábeis para jogar basquete (*q*).

Ou seja, o contraste entre as duas perspectivas diferentes (o conhecimento de que João joga basquete e o conhecimento do *topos*) é tornado explícito no esforço de superar uma possível objeção. A noção de coordenação intersubjetiva é relevante na medida em que o falante, ao usar expressões de contraste, projeta um espaço mental distinto do seu próprio na tentativa de administrar uma possível diferença de ponto de vista com o seu ouvinte.

Apesar de se assemelharem no que diz respeito à projeção de espaços mentais e relação com *topoi*, os exemplos anteriores com ‘mas’ e ‘ainda que’ não podem ser considerados equivalentes. E não apenas pela diferença na ordem das proposições, ou pela diferença entre coordenação e subordinação em português, mas porque o uso de um ou outro conectivo tem efeitos sobre a continuação do discurso. Observe as frases a seguir:

- i. Ainda que João seja baixo, ele joga basquete. O esporte é sua grande paixão.
- ii. *Ainda que João seja baixo, ele joga basquete. Sua baixa estatura nunca o incomodou.
- iii. João joga basquete, ainda que seja baixo. Sua baixa estatura nunca o incomodou. A paixão pelo esporte começou cedo...

O estranhamento de ii. Vem do fato de que ‘ainda que’ introduz um ato subsidiário, uma observação secundária, que não pode ser retomada após a introdução da informação principal (o fato de João jogar basquete). No exemplo iii., por sua vez, o tema da baixa estatura pode persistir um pouco logo após a sua inserção, mas apenas

como um parêntese momentâneo. Arrisco dizer que um texto bem construído não pode introduzir seu tópico principal em um ato discursivo com ‘ainda que’.

1.5.1 Tipos de relações adversativas

A literatura sobre relações adversativas costuma distinguir os seguintes tipos²⁰:

1. Oposição.

Ex: João é baixo, mas Pedro é alto.

2. Substituição

Ex: João não é baixo, mas alto.

3. Negação de expectativa ou inferência

a) Negação de expectativa comum

Ex. João é baixo, mas joga basquete.

b) Negação de expectativa invertida

Ex. João joga basquete, ainda que seja baixo.

c) Tipo argumentativo

Ex. João joga basquete, mas Pedro também pratica esportes. [Contexto: Discussão sobre quem seria o mais atlético, João ou Pedro]

d) Réplica

Ex. Falante A) Você mentiu para mim! Falante B) Mas eu não disse nada!

4. Contraste discursivo

Ex. João vai bem, sim. Mas e quanto a Pedro, você tem notícias dele?

Na oposição, duas entidades são comparadas em relação a uma característica pela qual diferem. Esse tipo nem sempre é considerado verdadeiramente adversativo. Na substituição, também chamada de correção ou eliminação, uma proposição é

²⁰ Lakoff (1971) é o artigo seminal, ponto de partida das discussões posteriores.

explicitamente negada e então substituída por sua contraparte positiva. A negação de expectativa ou inferência, frequentemente considerada o tipo adversativo por excelência, é aquela que envolve *topoi*, conforme exposto anteriormente. Subtipos da negação de expectativa são a negação de expectativa invertida, termo cunhado por Slings (1997) para explicar καίτοι em função adversativa; o tipo argumentativo, em que cada uma das proposições conjugadas por ‘mas’ dá um argumento em favor de uma conclusão diferente; e a réplica, em que cada uma das proposições em contraste é de responsabilidade de um falante diferente, isto é, com a réplica, um falante nega possíveis inferências do discurso de outra pessoa. O contraste discursivo, por fim, sinaliza um contraste estrutural, por exemplo, o início de um novo *move* ou troca, e é tipicamente acompanhado de descontinuidade temática²¹. Mais sobre cada tipo de contraste será explicado nos capítulos a seguir.

1.5.2 As partículas adversativas do grego antigo

As partículas examinadas neste trabalho são conectivos adversativos, vocábulos que sinalizam contraste entre duas unidades²². Essas unidades em relação de contraste podem ser tão pequenas com um sintagma, ou tão complexas como um argumento inteiro, e, por isso, o escopo de influência das partículas estudadas é bastante variável.

Um coordenador adversativo indica uma relação que se dá necessariamente entre duas unidades A e B, mas, em alguns casos, a primeira ou a segunda unidade relacionada pode ser subentendida no contexto ou situação (DIK, 1968, p. 50).

Na definição de Dik:

In an expression of the general type M_1 but M_2 it is indicated that in some way M_2 is contrary to M_1 or to an implication of M_1 , or that M_2 would not be expected in connection to M_1 or an implication of it. (DIK, 1968, p. 277)

Um dado teórico importante para entender as partículas analisadas aqui, especialmente ὅλλά, é que M_2 não precisa se opor ao que é estritamente expresso por M_1 , se M_1 sugerir qualquer coisa a que M_2 possa se opor.

²¹ Essa definição não equivale à definição de contraste discursivo proposta por Kroon (1995, p. 213-214).

²² Dik (1968, p. 50); Haspelmath (2007, p. 2).

Em grego antigo, as principais partículas adversativas são ἄλλά, ἀλλά/ἀντάρ, καίτοι, μέντοι, μήν e a combinação μέν... δέ. Dessas, ἄλλά é não apenas a mais frequente, como também a mais geral: ela serve para sinalizar tanto substituição, quanto negação de expectativa e contraste discursivo nos mais variados contextos. ἀλλά, por sua vez, tem apenas sentidos de negação de expectativa e contraste discursivo. Καίτοι e μέντοι também têm sentido de negação de expectativa, resultado de desenvolvimentos históricos relativamente recentes na língua, ao mesmo tempo em que conservam sentidos pré-adversativos. Examinada por Thijs em artigo recente (2017), μήν pode ter sentido adversativo de negação de expectativa, quando a discrepância entre perspectivas que ela indica diz respeito às palavras anteriores do próprio falante (THIJS, 2017, p. 87). Allan também dá exemplos de μήν sinalizando um contraste puramente discursivo, em especial, a introdução de um novo subtema (2017a, p. 298). Quanto a μέν... δέ, sua alta frequência parece ter desencorajado até agora análises mais robustas. Além do sentido mais comum de oposição, a combinação também pode indicar negação de expectativa (e. g. *Cyc.* 535). Em Tucídides, Bonifazi demonstra que μέν... δέ pode ainda exercer função na macroestrutura do discurso, articulando duas grandes sessões narrativas (2016, IV.3 §66-67).

1.6 OBJETIVOS E ESTRUTURA DESTA TESE

O objetivo dessa tese é entender o que expressam e como funcionam as partículas adversativas ἄλλά, ἀλλά, μέντοι e καίτοι no diálogo dramático, mais especificamente em Eurípides. Para isso, procede-se a uma análise qualitativa de todas as passagens em que essas partículas se inserem, com atenção especial ao modo pelo qual elas se inserem na estrutura do discurso. A abordagem se pretende total e não desconsidera usos marginais.

Após esta introdução, cada um dos capítulos centrais aborda uma das partículas selecionadas, classificando seus usos de acordo com os tipos de contraste expressados. Uma conclusão final resume o resultado das análises e fornece um quadro comparativo das características de cada partícula estudada.

2 Ἀλλὰ

Em sua análise, Denniston distingue usos bastante variados de ἄλλὰ: adversativo, incoativo, progressivo, introduzindo uma pergunta, expressando assentimento, em comandos e exortações, em desejos e preces etc. (*GP*, p. 1-32). Embora a classificação de Denniston seja bastante útil para a leitura de trechos específicos, permanece a dificuldade em conciliar os sentidos tão variados e até mesmo contraditórios que ele atribui a essa partícula.

Esse problema foi enfrentado por Basset (1997) em análise inspirada na descrição já clássica do *mais* francês, empreendida por Ducrot et al (1980, p. 93-130).²³ Para esse autor,

Dans la structure P ἄλλὰ Q, ἄλλὰ indique que P corrige Q. Une composante sémantique de Q est substituée à une composante sémantique de P. Cette définition sémantique unitaire de ἄλλὰ en fait une conjonction plutôt corrective qu'adversative [...] (BASSET, 1997, p. 97)

Segundo essa análise, o que explica a variedade dos empregos de ἄλλὰ é a variedade de objetos que essa partícula conecta e a variedade de elementos que ela pode corrigir. Assim, ἄλλὰ poderia corrigir tanto um elemento explicitamente declarado (*posé*), quanto um pressuposto, um subentendido, ou o tema do discurso, além de também poder responder a um comportamento não-verbal.

Esses diferentes elementos foram distinguidos por Ducrot em suas pesquisas sobre semântica. Para explicar o sentido real de uma expressão dada, Ducrot (1984, p. 13-31) postula a existência de um componente semântico, puramente linguístico e independente de qualquer contexto, e um componente retórico, ligado à enunciação (poderíamos dizer, um componente pragmático). Desses dois diferentes componentes resultam dois efeitos de sentido distintos: os pressupostos e os subentendidos. Considerem-se os seguintes enunciados:

- (1) O filho de João faz aniversário em janeiro.
- (1a) Mas João não tem filhos.
- (1b) Mas não vai ter festa.

²³ Também Drummen (2009) retoma os métodos usados por Ducrot e Basset.

De (1) necessariamente se deduz que João tem um filho. João ter um filho é um *pressuposto* do tipo de construção sintática do enunciado, e é a esse pressuposto que (1^a) se opõe. De outro modo, fazer aniversário não implica necessariamente em uma comemoração festiva, ainda que muitas pessoas entendam que um aniversário deva ser comemorado com uma festa (*topos*). Nos termos de Ducrot, a festa de comemoração é um possível *subentendido*²⁴ do aniversário, e é a esse subentendido que (1b) se opõe. A principal diferença entre pressupostos e subentendidos é que o pressuposto está linguisticamente contido no enunciado e, portanto, o falante pode ser responsabilizado por ele. O subentendido, por sua vez, apenas pode ser inferido a partir do contexto pragmático e mais diz respeito às crenças e suposições (*topoi*) de quem produz uma sentença do que a um sentido puramente linguístico do que é dito.

Nem sempre é fácil distinguir pressupostos de subentendidos. Um critério de distinção é que os pressupostos se mantêm quando os enunciados que os contêm são transformados em interrogação ou negação. *O filho de João não faz aniversário em janeiro* ou *o filho de João faz aniversário em janeiro?* Ainda pressupõem que João tenha um filho. Nas palavras de Ducrot, “le phénomène de la présupposition semble dans un rapport étroit avec des constructions syntaxiques 23ons générales” (1984, p. 19).

Embora a análise de Basset represente um grande avanço para o entendimento de ἀλλά, sua abordagem monossêmica o obriga a desconsiderar os empregos adverbiais, relacionados à evolução diacrônica da partícula (1997, p. 77-78), além de também não ajudar a prever a distribuição de seus usos reais²⁵. A presente tese, ao contrário, privilegia observar a inserção das partículas na estrutura do discurso, considerando também a noção de contraste como uma categoria polissêmica.

Uma segunda noção introduzida por Ducrot também me parece relevante para a descrição das partículas adversativas gregas, em especial ἀλλά. Trata-se do conceito de polifonia, ideia com a qual Ducrot argumenta contra a unicidade do sujeito falante (1984, p. 171-233). Segundo essa teoria, ao produtor empírico de um discurso se

²⁴ Drummen usa o termo “implicação” (implication) e Slings usa “expectativa” (expectation) para o que Ducrot chama de “subentendido” (sous-entendu).

²⁵ Para uma crítica ao modelo de análise monossêmico aplicado às partículas do grego antigo, vide Allan (2017a, p. 299): “To define an abstract core meaning that subsumes all semantic variation is not always easy, and even if one could succeed in formulating an abstract definition, it is questionable whether this abstract definition can correctly predict in which particular contexts the particle at issue can be used and in which it cannot. Nor is a monosemous approach very well suited to account for the evident diachronic changes in the textual distribution of the particles.”

opõem, por um lado, o locutor (o “eu” responsável pelas marcas de primeira pessoa do discurso) e o(s) enunciador(es), cujas atitudes podem se distanciar das atitudes do locutor. Fazendo uma analogia à teoria da narrativa de Genette, Ducrot diz que o produtor empírico corresponde ao autor, enquanto o locutor corresponderia ao narrador e os enunciadores aos personagens:

J'appelle « énonciateurs » ces êtres qui sont censés s'exprimer à travers l'énonciation, sans que pour autant on leur attribue des mots précis; s'ils « parlent », c'est seulement en ce sens que l'énonciation est vue comme exprimant leur point de vue, leur position, leur attitude, mais non pas, au sens matériel du terme, leurs paroles. (DUCROT, 1984, p. 204)

Para o autor, é a noção de polifonia que explica fenômenos como a negação dita polêmica (sentencial, na terminologia de Verhagen), a conjunção adversativa e, naturalmente, o discurso em estilo direto. Frases como “Pedro não é gentil” e “Paulo é inteligente, mas desagradável” são polifônicas porque possuem dois enunciadores cada uma. No caso da negação, duas atitudes antagônicas (“Pedro é gentil”, “Pedro não é gentil”) de dois enunciadores diferentes são postas em choque. No caso da conjunção adversativa, um argumento de um primeiro enunciador E_1 é cancelado por um argumento de um segundo enunciador E_2 (podemos imaginar, por exemplo, que se discuta a conveniência de se convidar Paulo para um jantar).

Esses mesmos fenômenos para os quais Ducrot emprega a noção de polifonia são explicados por Verhagen de maneira similar com recurso à teoria da coordenação intersubjetiva e à ideia de projeção de diferentes espaços mentais (cf. em especial 2005, p. 77, n. 6)²⁶. Mas, se o modelo de Verhagen, é mais aprofundado no sentido de que fornece explicações até mesmo para fenômenos sintáticos não tão claramente relacionados (ao menos, na superfície) à dimensão intersubjetiva da linguagem, a ideia de polifonia parece mais transparente principalmente para lidar com fenômenos como o uso de ἀλλά em hipófora (cf. 2.2.1.2.2).

²⁶ A ideia de que a relação adversativa envolve duas vozes ou espaços mentais diferentes se deixa entrever também na discussão de Kroon sobre *rebuttals* (réplicas): “As a matter of fact, most concession relations (esp. the indirect ones) [=tipo argumentativo] could be considered as belonging to the interactional level of discourse, because *the conceded part of the sequence involved usually contains the opinion of a different speaker, which is countered in the consequence.*” (1995, p. 214, grifo meu)

2.1 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Um exame do material disponível para análise nos dramas completos de Eurípides (excluindo-se *Reso*) revelou um total de 873 ocorrências de ἀλλά, contra 1166 em Aristófanes, 608 em Sófocles e apenas 173 em Ésquilo.

Considerando uma possível diferença pragmática entre ἀλλά em início de turno²⁷ e ἀλλά em geral, as ocorrências em Eurípides distribuem-se da seguinte maneira:

Tabela 1 – A partícula ἀλλά em Eurípides

Peças	Total de ocorrências	Em início de turno
<i>Cyclops</i>	21	2
<i>Alcestis</i>	54	12 ²⁸
<i>Medea</i>	66	7
<i>Heraclidae</i>	65	4
<i>Hippolytus</i>	47	1
<i>Andromacha</i>	50	2
<i>Hecuba</i>	48	4
<i>Supplices</i>	36	5 ²⁹
<i>Electra</i>	46	6
<i>Hercules</i>	44	4 ³⁰
<i>Troiades</i>	33	1
<i>Iphigenia Taurica</i>	44	8
<i>Ion</i>	43	6
<i>Helena</i>	48	8
<i>Phoenissae</i>	69	10
<i>Orestes</i>	60	11
<i>Bacchae</i>	40	5
<i>Iphigenia Aulidensis</i>	59	14
Total	873	110

Apesar de *Iphigenia Aulidensis* ser a peça com o maior número de ocorrências de ἀλλά em início de turno, optei por excluí-la do corpus, devido à severidade dos seus

²⁷ Sobre ἀλλά em início de turno, vide Drummen (2009). Observo que as peças com maior incidência de ἀλλά em início de turno não constam do corpus analisado por Drummen (*Med.* e *Ion*), a partir do qual a autora conclui que Eurípides usa menos essa partícula em mudança de turno do que Sófocles e Ésquilo (2007, p. 144).

²⁸ Considero os versos 79 e 136 como início de turno, supondo uma divisão do párodo entre dois *hemichori*.

²⁹ Considero o verso 608 como início de turno, supondo uma divisão do estásimo entre dois *hemichori*.

³⁰ Considero o verso 747 como início de turno, supondo uma divisão do estásimo entre dois *hemichori*.

problemas textuais. Assim, este capítulo leva em consideração um total de 814 ocorrências de ἄλλά, das quais 96 estão em início de turno.

2.2 TIPOS DE ἈΛΛᾶ³¹

2.2.1 Discursivo-estrutural

2.2.1.1 Substituição

Comparado ao alemão *sondern* e ao espanhol *sino*, este seria o emprego prototípico de ἄλλά, caracterizado por uma negação polêmica do tipo οὐ A ἄλλά B³². Na teoria da polifonia de Ducrot (1984b), a negação polêmica ocorre quando uma proposição afirmada é explicitamente negada, opondo dois enunciadores³³. Já para Verhagen, a negação sentencial (e.g. *não possível*), diferentemente da negação morfológica (e.g. *impossível*) opera no chamado nível S, coordenando sujeitos de conceitualização, já que projeta dois espaços mentais com duas atitudes epistêmicas diferentes em relação à mesma proposição³⁴.

Como nas construções equivalentes em outras línguas modernas, não parece haver restrição de que tipo de elemento possa ser substituído na construção οὐ A ἄλλά B; A e B podem ser desde orações completas a constituintes menores, como frases nominais ou adverbiais e até simples adjetivos:

Alc. 230-232

– τὰν γὰρ οὐ φίλαν ἄλλά φιλόταταν [substituição de adjetivos]
 γυναῖκα κατθανοῦσαν
 ἐν ᾧματι τῷιδ' ἐπόψη.

³¹ No Apêndice A, classifico todas as ocorrências de ἄλλά em Eurípides segundo a tipologia aqui proposta.

³² Esse tipo de contraste também é conhecido na literatura como eliminação ou correção.

³³ “La plupart des énoncés négatifs font apparaître leur énonciation comme le choc de deux attitudes antagonistes, l’une, positive, imputé à un énonciateur E₁, l’autre, qui est un refus de la première, imputée à E₂”. (Ducrot, 1984b, p. 215)

³⁴ “[...] linguistic negation can be said to have a special function in regulating an addressee’s cognitive coordination with other points of view. The addressee is invited to adopt (at least for the time being) a particular epistemic stance towards some idea, and to abandon another one that is inconsistent with it – possibly one that the addressee might entertain himself.” (Verhagen, 2005, p. 32)

– Não uma esposa querida, mas a mais querida
verás morta neste dia.

Cyc. 139

οὐ χρυζὸν ἀλλὰ πῶμα Διονύσου φέρω. [substituição de sintagmas nominais]

Odiseu: Não ouro, mas a poção de Dioniso porto.
(Trad. Jaa Torrano, com alterações)

Med. 292-293.

{Μη.} φεῦ φεῦ.

Οὐ νῦν με πρῶτον ἀλλὰ πολλάκις, Κρέον, [substituição de advérbios]
ἔβλαψε δόξα μεγάλα τ' εἴργασται κακά.

Medeia: *Pheû pheû!*

Não só uma primeira vez agora, mas muitas vezes, Creonte,
a fama atrapalha e produz grandes males.
(Trad. Jaa Torrano, com alterações)

Alc. 167-169

Δέσποιν', ἐγὼ γὰρ ἔρχομαι κατὰ χθονός,
πανύστατόν σε προσπίτνουσ' αἰτήσομαι
τέκν' ὀρφανεῦσαι τὰμά· καὶ τῷ μὲν φίλην
σύζευξον ἄλοχον, τῇ δὲ γενναῖον πόσιν·
μηδ' ὥσπερ αὐτῶν ἢ τεκοῦσ' ἀπόλλυμαι
θανεῖν ἄωρους παῖδας, ἀλλ' εὐδαίμονας
ἐν γῇ πατρῷα τερπνὸν ἐκπλῆσαι βίον. [substituição de orações]

Senhora, já que estou indo para debaixo da terra,
caio perante a ti pela última vez e peço
que cuides dos meus filhos órfãos: casa meu filho
com uma esposa amorosa e minha filha com um nobre marido.
E que não morram precocemente, como eu, a mãe deles,
estou fenecendo, mas que felizes concluam
deleitosa vida na terra pátria.

Nem mesmo é necessário que haja simetria entre os sintagmas coordenados por
ἀλλά:

Or. 1531-1532

Μενέλεων δ' οὐ τάρβος ἡμῖν ἀναλαβεῖν ἔσω ξίφους·
ἀλλ' ἴτω ξανθοῖς ἐπ' ὤμων βοστρούχοις γαυρούμενος.

A Menelau, contudo, não temos medo de o receber ao alcance da espada!
Mas que venha ufanar-se dos seus cabelos louros sobre os ombros!
(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

Ph. 528-530

Ιο. ὦ τέκνον, οὐχ ἅπαντα τῷ γήρῳ κακά,
Ἐτεόκλεες, πρόσσεστιν· ἀλλ' ἡμπειρία
ἔχει τι λέξαι τῶν νέων σοφώτερον.

Jocasta: Filho, nem tudo que está ligado à velhice,
Etéocles, é ruim, mas é a experiência
que sabe falar mais sabiamente que os jovens.
(Trad. Waldir M. Sousa Jr.)

O uso de οὐ A ἀλλά B é natural em diálogos agonísticos, quando há um verdadeiro conflito de interesses entre dois personagens. A esticomotia é seu ambiente privilegiado:

Hel. 449-451³⁵

{Με.} ναυαγὸς ἦκω ξένος, ἀσύλητον γένος.
{Γρ.} οἶκον πρὸς ἄλλον νύν τιν' ἀντὶ τοῦδ' ἴθι.
{Με.} οὐκ, ἀλλ' ἔσω πάρειμι· καὶ σύ μοι πιθοῦ.

Menelau. Aqui venho como um estrangeiro náufrago, espécie inviolável.
Anciã. Vai embora agora para outra casa que não seja esta!
Menelau. Não, eu vou entrar; e tu, faz o que eu digo.

Um outro uso recorrente desse tipo de ἀλλά aparece em exortações, quando um interlocutor nega um curso de ação não desejável e indica outro em seu lugar:

Or. 448-453³⁶

{Ορ.} ἐς σ' ἐλπίς ἡμῇ καταφυγὰς ἔχει κακῶν.
ἀλλ' ἀθλίως πράσσουσιν εὐτυχῆς μολῶν
μετάδος φίλοισι σοῖσι σῆς εὐπραξίας,
καὶ μὴ μόνος τὸ χρηστὸν ἀπολαβὼν ἔχε,
ἀλλ' ἀντιλάζου καὶ πόνων ἐν τῷ μέρει,
χάριτας πατρώιας ἐκτίνων ἐς οὓς σε δεῖ.

A minha esperança encontra em ti o refúgio dos meus males. Mas, já que vens feliz para junto de quem está numa situação miserável, partilha com teus amigos a tua prosperidade; não recebas sozinho a ventura, mas, pela tua parte, acolhe também as nossas aflições, retribuindo os favores de meu pai a quem tu os deves.
(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

³⁵ Similarmente: *Cyc.* 154, 553, 560, 688; *Alc.* 1077, 1089, 1126; *Med.* 336; *Heracl.* 255; *Hipp.* 1456; *Hec.* 1018; *Supp.* 107; *El.* 964, 1253; *Tr.* 252, 905, *IT* 547, 622, 931, 1322; *Ion* 290, 305, 1407; *Hel.* 451, 582, 821, 1421; *Ph.* 1692; *Or.* 388, 742, 1508; *Ba.* 468, 1284.

³⁶ Assim também em *Alc.* 276, 1077; *IT* 547, 1322; *Or.* 252, 636 (lista não exaustiva).

Enquanto o primeiro ἀλλά do trecho, no v. 449, corrige o tópico discursivo, passando de uma opinião para um apelo à ação³⁷, com o segundo, no v. 452, Orestes pede que Menelau lhe seja solidário, após explicitamente rejeitar a alternativa contrária. Quando a negação polêmica com ἀλλά é usada em exortações, o interlocutor apresenta seu pedido como a única opção desejável de um par de alternativas incompatíveis.

A construção οὐ A ἀλλά B também pode combinar duas diferentes estratégias de preservação da face, como a seguir:

Alc. 1037-1040

{Αδ.} οὐτοι σ' ἀτίζων οὐδ' ἐν αἰσχροῖσιν τιθεῖς
ἔκρυψ' ἐμῆς γυναικὸς ἀθλίους τύχας.
ἀλλ' ἄλγος ἄλγει τοῦτ' ἂν ἦν προσκεείμενον,
εἴ του πρὸς ἄλλου δώμαθ' ὠρμήθης ξένου·
ἄλῃς δὲ κλαίειν τοῦμόν ἦν ἐμοὶ κακόν.

ADMETO. Certamente não para desonrá-lo ou colocá-lo em posição infame, escondi a sorte da minha infeliz mulher.
Mas é que seria pesar acrescido a pesar,
se tu partisses para outra casa anfitriã.
Bastava-me chorar meu mal.

A fala de Admeto mostra deferência para com Héracles, negando explicitamente a intenção de desonrá-lo na proposição A (polidez negativa) e dando uma justificativa para seus atos na proposição B (polidez positiva).

Um uso especial da construção substitutiva, aplicada a advérbios, tem sentido real de adição³⁸. Trata-se do tipo *non solum... sed etiam*, em grego οὐκ μόνον... ἀλλά καί ('não apenas... mas também'). Nessa construção, a negação e a substituição têm escopo apenas sobre os advérbios que denotam singularidade e inclusão. Sua função é combinar duas parcelas de informação, *apresentando* a primeira como já conhecida, e a segunda como nova:

Ion 184-189³⁹

οὐκ ἐν ταῖς ζαθέαις Ἀθά-
ναις εὐκίονες ἦσαν ἀν-
λαὶ θεῶν μόνον οὐδ' ἄγχι-

³⁷ "...c'est le plus souvent à l'intérieur d'une réplique que la décision de passer à l'action constitue une rupture du thème de discours précédent." (BASSET, 1997, p. 84). Cf. 2.2.1.4.

³⁸ Sobre a construção, cf. Rudolph, 1996, p. 302-304.

³⁹ Similarmente, *Suppl.* 708-709, *HF* 248-249, *Or.* 252.

ἀτιδες θεραπεῖται
 ἀλλὰ καὶ παρὰ Λοξίαι
 τῷ Λατοῦς διδύμων προσώ-
 πων καλλιβλέφαρον φῶς.

Não só em divina Atenas havia
 os bem colonados pátios dos Deuses
 e os serviços de Viário,
 mas há também junto a Lóxias,
 filho de Leto, luz de belas pálpebras
 das gemelares fachadas.
 (Trad. Jaa Torrano)

Em sua discussão de ἀλλά em início de turno, Drummen aponta que as falas de dois personagens diferentes podem juntas formar uma construção do tipo eliminativa (2009, p. 148). Ela cita como exemplo a seguinte passagem:

Med. 1365-1366

Ια. Οὔτοι νιν ἡμῇ δεξιᾷ γ' ἀπώλεσεν.
 Μη. ἀλλ' ὕβρις οἷ τε σοὶ νεοδμῆτες γάμοι.

Jasão: Não os destruiu esta minha destra.
 Medeia: Mas o teu ultraje e novas núpcias.
 (Trad. Jaa Torrano)

A análise de Drummen contraria um postulado de Spooren, para o qual conjunções do tipo *sondern* não podem iniciar um turno:

The utterance *John is not X, but_s Y* is one speech act. Both parts of the sentence are usually uttered by one and the same speaker. As Pusch (1975) puts it, such a sentence has the pragmatic function of a rebuttal. As a consequence *but_s* cannot be the beginning of an utterance. (1989, p. 10)

Para corroborar sua afirmação, Spooren cita os seguintes exemplos do alemão, em que 1) é um diálogo possível, mas não 2):

- 1) A: Peter hat das Fahrrad nicht gestolen
 B: Aber er hat es (doch sicher) gekauft.
- 2) A: Peter hat das Fahrrad nicht gestolen
 B: Sondern (er hat es) gekauft.

A bem da verdade, em nota de rodapé, Spooren acrescenta um contexto em que 2) seria excepcionalmente possível, a saber, o caso em que A e B, ao tentar convencer

um terceiro participante, combinariam suas falas em um único ato de fala. Ora, não é esse o sentido do embate entre Medeia e Jasão na passagem supracitada. Ao contrário, como bem coloca Drummen (2009, p. 148): “Medea does not want to stress her agreement with Jason’s words, but her disagreement with the implication that the children’s death was not his fault.” Ou seja, em certo sentido, é possível dizer que esse ἄλλά corrige uma implicação/expectativa/inferência da fala de Jasão (“se não foram as minhas próprias mãos que executaram o assassinato das crianças, não fui eu, portanto, quem as matou”). Por outro lado, a negação usada por Jasão parece ser a deixa perfeita para que Medeia, oportunisticamente, entabule um ἄλλά corretivo. Dito de outra maneira, ao “completar” a fala de Jasão com uma correção, Medeia incorpora o discurso de seu interlocutor, distorcendo-o⁴⁰. Uma tradução da passagem em questão para o espanhol, língua que notoriamente dispõe de conjunções diferentes para os contrastes corretivo e não corretivo (*sino* : *pero*), prova a validade dessa interpretação:

Jasón: Pero no los destruyó mi mano derecha.

Medea: Sino tu ultraje y tu reciente boda.

(Trad. Alberto Medina González)

A mesma interpretação não me parece válida, no entanto, para outras passagens em que um turno iniciado por ἄλλά responde a uma negação, por exemplo:

Alc. 1127-1129

{Aδ.} ὄρα δὲ μή τι φάσμα νεπτέρων τόδ’ ἦι.

{Hp.} οὐ ψυχαγωγὸν τόνδ’ ἐποιήσω ξένον.

{Aδ.} ἄλλ’ ἦν ἔθαπτον εἰσορῶ δάμαρτ’ ἐμήν;

ADMETO. Vê se não é alguma aparição dos inferos.

HÉRACLES. Não fizeste do teu hóspede um condutor de mortos.

ADMETO. Mas estou vendo minha esposa, a que enterrei?

Neste caso, concordo com Spooren e classifico esse contraste como uma réplica (i. e., negação de inferência em início de turno, cf. 2.2.1.2.2): se a mulher que Héracles conduz não é uma assombração, ela deve ser a esposa de Admeto; é essa expectativa que é rebatida com ἄλλά⁴¹.

⁴⁰ ἄλλά é usado da mesma maneira em *S. Aj.* 1351, comentada por Emde Boas (2017b, p. 431).

⁴¹ *Supp.* 135 e *Tr.* 716 são passagens semelhantes, também classificadas como réplicas.

Outro *ἀλλά* que poderia ser confundido com uma conjunção de substituição por seguir uma negação ocorre na semiesticomítia de *Fenícias*:

Ph. 615-616

{Πο.} ἔξιμεν· πατέρα δέ μοι δὸς εἰσιδεῖν. {Ετ.} οὐκ ἂν τύχοις.

{Πο.} ἀλλὰ παρθένους ἀδελφάς. {Ετ.} οὐδὲ τάσδ' ὄψῃ ποτέ.

Polinices: Sairemos, mas permita-me ver meu pai.

Etéocles: Isso nunca te ocorreria.

Polinices: Então minhas pequenas irmãs.

Etéocles: Jamais as verá de novo.

(Trad. Waldir M. Sousa Jr.)

Um primeiro motivo para não considerar esse *ἀλλά* como eliminativo é que as contribuições de Etéocles e Polinices têm forças ilocucionárias distintas, assertiva no caso da fala de Etéocles e diretiva no caso da fala de Polinices. O que esse *ἀλλά* faz é introduzir um novo tópico, o segundo pedido de Polinices, após a recusa do primeiro⁴².

Seguindo o mesmo raciocínio de que a substituição ocorre apenas dentro dos limites de um mesmo ato de fala (vide supra), Spooren exclui o tipo eliminativo da sua tese sobre relações contrastivas globais: “Since *but*_s [i. e., *but* substitutivo] can never be at the beginning of a discourse unit, it can never function to indicate a global contrastive relation.” (1989, p. 11). O que parece guiar o raciocínio de Spooren é o *insight* de que as duas partes A e B da construção *não A, mas B* mantêm estreita ligação. Essa ligação, entretanto, não precisa se dar entre constituintes de um mesmo ato de fala. O que a análise do corpus mostra é que a construção eliminativa pode conectar segmentos relativamente complexos, por exemplo, nos casos em que a construção *οὐ A ἀλλά B* é interrompida por um PUSH, o ato discursivo com *ἀλλά* corrige elemento anterior ao PUSH⁴³:

⁴² Como Drummen só analisa *Med.* e *Ion*, *Med.* 1366 é a única passagem por ela classificada como correção de elemento explícito (equivalente ao *posé* de Ducrot e Basset e à substituição dessa tese) que também está no meu corpus. Não concordo, no entanto, com a maioria das demais ocorrências que ela põe na mesma alínea: para mim, *Ar. Ra.* 56, 57, *A. A.* 276 e *S. Tr.* 1216 são correções de tópico; e *Ar. Ra.* 488, 1058, 1298 e *S. Tr.* 397, 1211 são réplicas; considero apenas *Ar. Ra.* 928 como substituição. Em alguns desses casos (e. g. *S. Tr.* 1211), não há negação no turno anterior a *ἀλλά*, e Drummen interpreta uma pergunta retórica como uma negativa, flexibilizando um requisito formal. Outra razão para descartar uma relação de substituição é a eventual diferença entre forças ilocucionárias das duas partes que comporiam a construção, que *pode* sinalizar uma nova direção para o discurso. De um modo geral, os meus critérios são mais formais do que os de Drummen.

⁴³ O fenômeno se repete em *Med.* 559, 569, 1247; *Heracl.* 186, 467, 549; *Hipp.* 379, 1048; *Hec.* 409; *IT* 631, 721; e *Ion* 451. Em *Heracl.* 467, Denniston acha que a oração negativa que antecede *ἀλλά* foi substituída por uma pergunta retórica – não foi, a pergunta retórica imediatamente anterior a *ἀλλά* está no

IT 719-722

ἀτὰρ τὸ τοῦ θεοῦ σ' οὐ διέφθορέν γέ πω
 μάντευμα· ^{PUSH}καίτοι κἀγγὺς ἔστηκας φόνου.
^{POP}ἀλλ' ἔστιν, ἔστιν ἢ λίαν δυσπραξία
 λίαν διδοῦσα μεταβολάς, ὅταν τύχηι.

No entanto, o oráculo do deus ainda não te destruiu, por muito perto que estejas da morte. Mas o certo, certo mesmo, é que quando se dá uma grande desgraça, a sorte traz, em determinadas ocasiões, grandes mudanças.

(Trad. Nuno Simões Rodrigues)

Sendo uma das funções de A ^{καίτοι} B admitir um fato suplementar em B que não invalida A (cf. Cap. 5 desta tese), essa partícula comumente introduz um ato subsidiário (PUSH). Como partícula que introduz POP, ^{ἀλλά} ignora a sequência encaixada e relaciona dois atos centrais (SLINGS, 1997, p. 126).

Na passagem seguinte, é a partícula ^{γάρ} que introduz um PUSH antes de ^{ἀλλά}: o verso 558 apoia a afirmação de que Jasão não quer competir em número de filhos, mas esse breve excursus não altera ou afeta o sentido da conjunção entre A e B:

Med. 551-565

PUSH, e é com a negação antecedente que ^{ἀλλά} se relaciona (οὐ σοῦ χατίζων δεῦρ' ἄναξ στρατηλατεῖ· τί γὰρ ^{PUSH} γέροντος ἀνδρὸς Εὐρυσθεῖ πλεόν θανόντος; ^{ἀλλά} ^{POP} τούσδε βούλεται κτανεῖν.)

ἐπεὶ μετέστην δεῦρ' Ἰωλκίας χθονὸς
πολλὰς ἐφέλκων συμφορὰς ἀμηχάνους,
τί τοῦδ' ἂν εὖρημ' ἦνρον εὐτυχέστερον
ἢ παῖδα γῆμαι βασιλέως φυγὰς γεγώς;
οὐχ, ἦι σὺ κνίζῃ, σὸν μὲν ἐχθαίρων λέχος
καινῆς δὲ νύμφης ἰμέρωι πεπληγμένος
οὐδ' εἰς ἄμιλλαν πολύτεκνον σπουδὴν ἔχων·
^{PUSH} ἄλῃς γὰρ οἱ γεγῶτες οὐδὲ μέφομαι·
^{POP} ἄλλ' ὥς, τὸ μὲν μέγιστον, οἰκοῖμεν καλῶς
καὶ μὴ σπανιζοίμεσθα, γινώσκων ὅτι
πένητα φεύγει πᾶς τις ἐκποδὼν φίλον,
παῖδας δὲ θρέψαιμ' ἀξίως δόμων ἐμῶν
σπεύρας τ' ἀδελφοὺς τοῖσιν ἐκ σέθεν τέκνοις
ἐς ταῦτ' ἰσθίην καὶ ξυναρτήσας γένος
εὐδαιμονοίην·

Quando mudei do solo de Iolco
causando muitos males inevitáveis,
que sorte inventaria melhor que esta:
no exílio, desposar a filha do rei?
Não odiando teu leito, como te dói,
aturdido por desejo de nova noiva,
e não empenhado em luta prolífera,
bastam os nascidos, e não reprovo;
mas o mais: como viveríamos bem,
e livres de privações, sabendo que
todo amigo evita de longe o pobre,
criaria filhos dignos de minha casa
e sendo pai de irmãos de teus filhos
criaria a identidade, uniria a família,
teria bom Nume.
(Trad. Jaa Torrano)

2.2.1.2 Negação de Inferência

Como negação de inferência ou expectativa, *ἀλλά* pode ser usado para acrescentar uma ressalva, ou desafiar uma generalização potencialmente contida na proposição anterior⁴⁴, como nos exemplos a seguir:

Hel. 127-128

{Ελ.} οὐ πᾶσι πορθμὸς αὐτὸς Ἀργείοισιν ἦν;
{Tε.} ἦν, *ἀλλὰ* χειμῶν ἄλλος' ἄλλον ὥρισεν.

Helena. O caminho não era o mesmo para todos os argivos?

Teucro. Era, mas uma tempestade os dispersou em caminhos diferentes.

Ao perguntar se não era o mesmo o caminho que todos os argivos tomariam na volta para a Grécia, subentende-se que, se o caminho realmente fosse o mesmo para todos, não haveria por que se dispersassem. Teucro confirma que o caminho era o mesmo, mas acrescenta o motivo (inesperado) para a dispersão dos gregos.

⁴⁴ A formulação de König é especialmente elucidativa: “Concessive sentences are typically used if someone agrees with the premise of an argument, but rejects the conclusion. By using concessive sentences in this way, one accepts not only the premise, but also what Toulmin (1958) calls the ‘warrant’ of an argument, that is, the connection between the eventualities mentioned which justifies using the premise for the conclusion.” (1988, p. 150-151). König não diferencia adversativas de concessivas, e as suas concessões também abarcam as negações de inferência desta tese.

Ph. 917-918

{Κρ.} ὃ πολλὰ λέξας ἐν βραχεῖ λόγῳι κακά.

{Τε.} σοί γ', **ἀλλὰ** πατρίδι μεγάλα καὶ σωτήρια.

Creonte: Ó, quantos males disseste em tão curto tempo!

Tirésias: Para ti, mas para a pátria, algo grandioso e salvador.

(Trad. Waldir M. Sousa Jr.)

Ao mesmo tempo em que concorda, em parte, com o que dissera Creonte, Tirésias restringe o alcance de sua afirmação (que não havia sido especificado na fala de Creonte). O verso 918 opõe σοί e πατρίδι, que exercem função de tópicos contrastivos, marcada pela ordem de palavras e pela partícula delimitativa γε⁴⁵.

Introduzindo negação de inferência, **ἀλλά** também pode responder a um μέν:

Alc. 747-750

{ΘΕΡΑΠΩΝ}

πολλοὺς **μὲν** ἤδη κάπὸ παντοίας χθονὸς

ξένους μολόντας οἶδ' ἐς Ἀδμήτου δόμους,

οἷς δεῖπνα προύθηκ'· **ἀλλὰ** τοῦδ' οὐπω ξένου

κακίον' ἐς τήνδ' ἐστίαν ἐδεξάμην.

Servo: Muitos hóspedes de todas as espécies de país

já vi chegarem à casa de Admeto,

para os quais servi jantar – mas jamais recebi

pior hóspede neste lar!

Ao dizer que já recebeu hóspedes de todo lugar, o servo implica que já serviu os piores e melhores hóspedes possíveis. Esse uso de μέν... **ἀλλά** aparece em Denniston sob a rubrica “balancing” (*GP*, p. 5), que designa um uso adversativo “mais fraco” (*GP*, p. 3). A percepção de Denniston não é de todo injustificada, uma vez que a correção empreendida por esse tipo de **ἀλλά** não invalida inteiramente a proposição a que se opõe, mas apenas lhe faz uma ressalva.

Uma proposição com μέν também pode ser respondida por ἀλλ' ὅμως, um uso particularmente comum em Eurípides:

Or. 1022-1024⁴⁶

{Ορ.} οὐ σῖγ' ἀφεῖσα τοὺς γυναικείους γόους

⁴⁵ Dik (1995, p. 45): “... we can say about γε that it is not a Focus marker but rather has a function of delimitation which well agrees with Selecting Focus, but may also be used for Topic constituents. In that case it delimits the validity of the utterance to the relevant Topic.”

⁴⁶ Similarmente: *Alc.* 218, 353; *Heracl.* 934; *Hipp.* 47, 456, 795; *And.* 955; *Hec.* 219, 825; *El.* 753; *HF* 114, 1365; *Tr.* 366; *Hel.* 1232; *Ph.* 438, 1069; *Or.* 1023; *Ba.* 776, 1027; *IA* 688, 903.

στέρξεις τὰ κρανθέντ’; οἰκτρὰ μὲν τάδ’, ἀλλ’ ὅμως
[φέρειν σ’ ἀνάγκη τὰς παρεστῶσας τύχας].

E se te calasses e pusesses de parte os gemidos mulheris, acatando as ordens? Lamentável é a nossa situação, porém a necessidade obriga-te a suportar o presente destino.

(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

Não antecedido por μὲν, ἀλλ’ ὅμως sozinho parece desempenhar a mesma função. Até o momento não foi possível distinguir diferenças entre os usos de μὲν... ἀλλ’ ὅμως e ἀλλ’ ὅμως isolado:

Or. 399⁴⁷

{Με.} δεινὴ γὰρ ἡ θεός, ἀλλ’ ὅμως ἰάσιμος.

Na verdade, é terrível a divindade, mas pode-se aplacar.

(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

Nas próximas passagens, a negação de inferência se aproxima do contraste discursivo, porque ἀλλά não só cancela possíveis inferências, como introduz nova etapa na ação linguística:

And. 261-265

Ερ. ὦ βάρβαρον σὺ θρέμμα καὶ σκληρὸν θράσος,
ἐγκαρτερεῖς δὴ θάνατον; ἀλλ’ ἐγὼ σ’ ἔδρας
ἐκ τῆσδ’ ἐκοῦσαν ἐξαναστήσω τάχα.
τοιόνδ’ ἔχω σου δέλεαρ. ἀλλὰ γὰρ λόγους
κρύψω, τὸ δ’ ἔργον αὐτὸ σημανεῖ τάχα.

Hermíone: Ó tu, bárbara criatura e dura coragem,
resistes à morte? Mas farei que te ergas
espontaneamente desse teu assento logo,
tal isca para ti. Mas ocultarei as palavras,
a ação por si mesma logo dirá.

(Trad. Jaa Torrano)

Os dois ἀλλά do trecho têm sentido de negação de inferência. O primeiro desafia a efetividade do esforço de Andrômaca: ela tenta se proteger no altar de Tétis, mas seu esforço é vão. Quanto ao segundo, ao mesmo tempo em que ele nega a expectativa de

⁴⁷ Similarmente: *Alc.* 693; *Heracl.* 318, 462; *Hipp.* 358, 1312, 1325; *HF* 209, 1318; *Tr.* 630; *Hel.* 645; *Ph.* 1446; *Or.* 740, 1168; *Ba.* 324, 882; *IA* 973, 1358.

que Hermíone revelaria como pretende arrancar Andrômaca do altar, ele também introduz uma ruptura na ação linguística, indicando um novo rumo para o discurso⁴⁸.

Considere-se também:

El. 1117-1118

Κλ. Τρόποι τοιοῦτοι· καὶ σὺ δ' αὐθάδης ἔφους.

Ηλ. ἀλγῶ γάρ· ἀλλὰ παύσομαι θυμουμένη.

Clitemnestra: Assim é seu temperamento. Também tu és ríspida por natureza.

Electra: Pois soffro. Mas cessarei a minha raiva.

(Trad. Karen A. Sacconi)

Nesse caso, pode-se dizer que ἀλλά não só nega a expectativa de que Electra continuaria sofrendo, como também marca o início de uma nova atitude. No modelo teórico de Kroon (1995; 1997; 1998), essas ocorrências da partícula poderiam ser classificadas como contrastes discursivos, pois, para Kroon, qualquer relação de contraste no nível apresentacional pode ser um contraste discursivo, estando ou não relacionada à estrutura temática do discurso⁴⁹.

Tr. 661-670

κεῖ μὲν παρώσασ' Ἑκτορος φίλον κάρα
 πρὸς τὸν παρόντα πόσιν ἀναπτύξω φρένα,
 κακὴ φανοῦμαι τῷι θανόντι· τόνδε δ' αὖ
 στυγοῦσ' ἐμαυτῆς δεσπότης μισήσομαι.
 Καίτοι λέγουσιν ὥς μί' εὐφρόνη χαλαῖ
 τὸ δυσμενὲς γυναικὸς εἰς ἀνδρὸς λέχος·
 ἀπέπτυσ' αὐτὴν ἥτις ἄνδρα τὸν πάρος
 καινοῖσι λέκτροις ἀποβαλοῦσ' ἄλλον φιλεῖ.
 ἀλλ' οὐδὲ πῶλος ἥτις ἂν διαζυγῇ
 τῆς συντραφείσης ραιδίως ἔλκει ζυγόν.

Se, desdenhando a fronte amada de Heitor,
 ao meu amo atual abrir o coração,
 vil aparecerei ao morto: mas, se do meu senhor
 sinto nojo, serei odiada por ele.
 Dizem, porém, que uma noite alegre relaxa
 a aversão da mulher à cama do marido:
 execro qualquer uma que, o ex-marido
 expelindo em vista de nova cama, outro ama.
 Mas nem a potra, quando é desjungida

⁴⁸ Na verdade, o que se tem aqui é uma combinação de ἀλλά γάρ 'simples' (GP 98-seq.), em que γάρ já não introduz um PUSH que justifique a oração principal iniciada por ἀλλά.

⁴⁹ De fato, no nível apresentacional, Kroon diferencia uma estrutura temática de uma estrutura da ação linguística, a qual se refere às relações retóricas entre as unidades discursivas.

da companheira, puxa fácil o jugo.
(Trad. Christian Werner)

Esse trecho da fala de Andrômaca tem uma estrutura invulgar. Após καίτοι introduzir a possibilidade de se superar a aversão a um homem por meio do sexo⁵⁰, Andrômaca, bruscamente (observe-se o assíndeto), usa o verbo performativo ἀπέπτυσσα para repelir a mulher que é capaz de trocar dessa maneira um marido antigo por um novo. A partícula ἀλλά que aparece na sequência não se relaciona com essa exclamação de Andrômaca (‘ἀπέπτυσ’ αὐτήν...), mas com a afirmação anterior sobre o poder de uma noite de prazer. Formalmente, o que se nega é a validade de uma afirmação corrente (“se tal coisa se diz por aí, deve ser verdadeira”), mas é bom notar que Andrômaca já introduz essa afirmação indicando que se trata de opinião alheia (‘λέγουσιν’) e, portanto, não sua.

Em outras passagens, ἀλλά parece ser usado para pôr de lado um assunto:

Ph. 700-706

{Ετ.} καὶ μὴν ἐγὼ σ’ ἔχρηζον εἰσιδεῖν, Κρέον·
πολλῶν γὰρ ἤϋρον ἐνδεεῖς διαλλαγάς,
ὥς ἐς λόγους συνῆψα Πολυνείκει μολῶν.
Κρ. ἤκουσα μεῖζον αὐτὸν ἐς Θήβας φρονεῖν,
κῆδει τ’ Ἀδράστου καὶ στρατῶι πεποιθότα.
ἀλλ’ ἐς θεοὺς χρὴ ταῦτ’ ἀναρτήσαντ’ ἔχειν·
ἃ δ’ ἐμποδὼν μάλιστα, ταῦθ’ ἤκω φράσω.

Etéocles: Também eu desejava te ver, Creonte,
Pois achei muito insuficiente a reconciliação,
Quando me pus em diálogo com Polinices.
Creonte: Ouvei sua arrogância para com Tebas,
persuadido por sua aliança com Adrasto e seu exército.
É preciso, porém, confiar tudo isso aos deuses.
Algo mais urgente, isso é que venho relatar.
(Trad. Waldir M. Sousa Jr.)

Ainda se identifica uma negação de inferência aqui na medida em que a confirmação de Creonte de que ele está a par dos obstáculos para uma reconciliação poderia gerar a expectativa de que é sobre esse assunto que ele quer tratar com Etéocles.

Na passagem seguinte, ἀλλά também é usado para encerrar um assunto e passar ao próximo tópico:

⁵⁰ Essa passagem é comentada de novo e mais longamente no capítulo 5, com atenção a καίτοι.

Alc. 614-617

ἦκω κακοῖσι σοῖσι συγκάμων, τέκνον·
 ἐσθλῆς γάρ, οὐδεὶς ἀντερεῖ, καὶ σώφρωνος
 γυναικὸς ἡμάρτηκας. ἀλλὰ ταῦτα μέν
 φέρειν ἀνάγκη καίπερ ὄντα δύσφορα.
 Δέχου δὲ κόσμον τόνδε (...)

Feres: Venho em solidariedade a teus males, ó filho.
 De mulher nobre — ninguém o negará — e também sensata
 foste privado. No entanto, suportá-lo
 é forçoso, ainda que difícil.
 Aceita este adorno...

Ao entrar em cena pela primeira vez, Feres dá uma justificativa para sua presença e aproveita para elogiar a morta. Antes de passar à oferta do adorno, que é o ponto central do seu discurso, Feres arremata seu pequeno proêmio com um lugar-comum sobre a necessidade de ser resiliente⁵¹. Além de ἀλλά, também μέν... δέ articulam essa transição (BONIFAZI, 2016, IV.3 §66-67).

2.2.1.2.1 ἀλλά contraexpectativo em relatos de mensageiro

Nas narrativas dos relatos de mensageiro, a partícula ἀλλά desempenha uma função comparável, ainda que não idêntica, àquela exercida pela partícula δέ no que Bakker apelidou de “syntax of movement” (1997, p. 54-85). O que Bakker explora são as estratégias que o narrador homérico usa para esquadrihar as sucessivas cenas e mover-se de um a outro *tableau*, deslocando a sua própria atenção e a de seus ouvintes através do tempo e do espaço da narração. Como δέ, ἀλλά indica que um novo passo é apresentado ao ouvinte e uma nova informação é ativada na consciência do narrador (BAKKER, 1997, p. 63). Mais especificamente, ἀλλά marca uma mudança de foco espacial, por exemplo, de um lado a outro em uma batalha, quase como uma mudança de câmera⁵², ou uma progressão temporal a um novo momento da trama. O que parece distinguir ἀλλά de δέ é que a primeira também expressa um vago sentido de negação de

⁵¹ Um uso similar de ἀλλά aparece em *Alc.* 297, em passagem que é comentada no capítulo 5 desta tese. A diferença é que lá a partícula é *de dicto*, enquanto aqui, *Alc.* 616, é *de re*.

⁵² Analisando o relato de mensageiro de *Andrômaca*, Allan também menciona ἀλλά em conexão com movimento espacial (2009, p. 196).

expectativa advindo das reviravoltas da ação. Dessa forma, no segundo relato de mensageiro da *Ifigênia em Táuris*:

IT 1354-1365

ἡμεῖς δ' ἀφειδήσαντες, ὥς ἐσείδομεν
 δόλια τεχνήματ', εἰχόμεσθα τῆς ξένης
 πρυμνησίων τε, καὶ δι' εὐθυντηρίας
 οἴακας ἐξηροῦμεν εὐπρύμνου νεώς.
Λόγοι δ' ἐχώρουν: Τίτι λόγῳ πορθμεύετε
 κλέπτοντες ἐκ γῆς ξόανα καὶ θυηπόλους;
 Τίνος τίς ὦν σὺ τήνδ' ἀπεμπολᾷς χθονός;
ὁ δ' εἶπ'· Ὁρέστης, τῆσδ' ὄμαιμος, ὥς μάθης,
 Ἀγαμέμνονος παῖς, τήνδ' ἐμὴν κομίζομαι
 λαβὼν ἀδελφήν, ἣν ἀπώλεσ' ἐκ δόμων.
ἀλλ' οὐδὲν ἦσσον εἰχόμεσθα τῆς ξένης
 καὶ πρὸς σ' ἐπεσθαι διεβιαζόμεσθά νιν.

Nós, sem contemplação, quando vimos
 doloso artifício, retínhamos a forasteira
 e os cabos da popa, e com o dirigente
 timão detínhamos a nave de bela popa.
 As falas foram: “Por que transportais
 “furtivos desta terra o ícone e a serva?
 “Quem és tu, que a exportas da terra?”
 Disse: “Orestes, seu irmão, para saberes,
 “filho de Agamêmnon, levo comigo
 “minha irmã, que perdi fora de casa.”
 Mas, nada menos, tínhamos a forasteira,
 e forçávamos que ela seguisse até ti.
 (Trad. Jaa Torrano)

A passagem destacada começa com um redirecionamento da atenção para a reação dos táurios, após a descrição da tentativa dos marinheiros gregos de resgatar Ifigênia (v. 1350-1353). Com *ἡμεῖς δ'*, o narrador marca esse redirecionamento espacial, ao passo que o próximo *δ'* (v. 1358) indica a progressão para um novo estágio da narrativa. *ὁ δ'* (v. 1361), na sequência, indica o próximo redirecionamento para o campo oposto dos argivos, quando o mensageiro se volta para Orestes como tópico e sujeito/agente da narrativa. Finalmente, com *ἀλλ'*, o narrador retoma a primeira pessoa e a perspectiva dos servos de Toas. Contudo, além de indicar uma mudança de ponto de vista, a partícula *ἀλλά* também indica uma negação de expectativa: enquanto Orestes anuncia que vai levar Ifigênia embora, os servos contrariam o seu propósito no esforço de retê-la (ou seja, nega-se a expectativa de que Orestes faria o que ele se pretende a

fazer). A multifuncionalidade de ἀλλά fica evidente neste trecho, na medida em que a partícula tanto articula a participação dos personagens, quanto marca um contraste.

A continuação desse relato de mensageiro tem mais um exemplo de ἀλλά com funções semelhantes:

IT 1372-1378

δεινοῖς δὲ σημάτωντροισιν ἐσφραγισμένοι
ἐφεύγομεν πρὸς κρημνόν, οἱ μὲν ἐν κάραι
κάθαιμ' ἔχοντες τραύμαθ', οἱ δ' ἐν ὄμμασιν·
ὄχθοις δ' ἐπισταθέντες εὐλαβεστέως
ἐμαρνάμεσθα καὶ πέτροις ἐβάλλομεν.
ἀλλ' εἶργον ἡμᾶς τοξόται πρύμνης ἐπι
σταθέντες ἰοῖς, ὥστ' ἀναστεῖλαι πρόσω.

Nós, assim lacrados por terríveis lacres,
fugimos à escarpa, uns com sangrentas
lesões na cabeça, e outros, nos olhos;
Postos nas escarpas, com mais cautela,
combatíamos e arremessávamos pedras.
Mas impediam-nos arqueiros, na popa,
com setas, de modo a repelir-nos mais.
(Trad. Jaa Torrano)

Mais uma vez, os dois segmentos conectados por ἀλλά articulam duas perspectivas diferentes, a perspectiva dos táurios e a perspectiva dos argivos. Além disso, ἀλλά também contrasta a expectativa de vitória gerada pelos ataques dos taúrios e o insucesso dessa mesma tentativa⁵³.

Outro exemplo da multifuncionalidade de ἀλλά na articulação de *moves* e atos em uma narrativa vem de *Héracles*:

HF 990-1006

Move ₁	ὁ δ' ἀγριωπὸν ὄμμα Γοργόνοσ στρέφω, ὥς ἐντὸς ἔστη παῖς λυγροῦ τοξεύματος, μυδροκτύπον μίμημ', ὑπὲρ κάρα βαλὼν ξύλον καθῆκε παιδὸς ἐς ξανθὸν κάρα, ἔρρηξε δ' ὀστά.
Move ₂	δεύτερον δὲ παῖδ' ἐλὼν <u>χωρεῖ</u> τρίτον θῦμ' ὥς ἐπισφάζων δυοῖν.

⁵³ Slings também identifica negação de expectativa em contexto semântico semelhante de tentativa e fracasso em sua análise de ἀλλά em PUSHes e POPs (1997b, p. 111). Ainda em relatos de mensageiro, outras instâncias de ἀλλά expressando tentativa e fracasso são *Med.* 1192, *And.* 1132, *Ph.* 1382, 1386, *Or.* 943 e *Ba.* 1100.

Move ₃	ἀλλὰ φθάνει νιν ἢ τάλαιν' ἔσω δόμων μήτηρ ὑπεκλαβοῦσα καὶ κλήιει πύλας.
Move ₄	ὁ δ' ὥς ἐπ' αὐτοῖς δὴ Κυκλωπίοισιν ὄν σκάπτει <u>μοχλεύει</u> θύρετρα, κάκβαλὼν σταθμὰ δάμαρτα καὶ παῖδ' ἐνὶ κατέστρωσεν βέλει. Κάνθενδε πρὸς γέροντος <u>ἱπεύει</u> φόνον·
Move ₅	ἀλλ' ἦλθεν εἰκὼν, ὥς ὁρᾶν ἐφαίνετο Παλλάς, κραδαίνουσ' ἔγχος †ἐπὶ λόφῳ κέαρ†, κάρριψε πέτρον στέρνον εἰς Ἡρακλέους, ὅς νιν φόνου μαργῶντος ἔσχε κὰς ὕπνον καθῆκε·

Ao girar o olhar selvagem de Górgona, quando o filho fica sob o lúgubre tiro, batendo no crânio qual se malha ferro, soltou a clava no crânio loiro do filho e quebrou os ossos. Pegou outro filho e foi ao terceiro como a imolar ambos. Mas antes disso a mísera mãe os leva para dentro de casa e tranca as portas. Como se atacasse os muros ciclópicos, escava, alavanca porta e retira portais e com único tiro mata a esposa e filho. Ele depois galopeia para matar o velho, mas veio a imagem que à vista parecia Palas brandindo na mão a lança no alto e jogou uma pedra no peito de Héracles, que o reteve da furente morte lançou no sono.
(Trad. Jaa Torrano)

O primeiro move do trecho citado narra a investida de Héracles contra o primeiro filho a ser morto. Com a partícula δέ e a frase participial⁵⁴ do v. 994, o narrador indica uma nova fase da ação de Héracles, a saber, a ofensiva contra os dois filhos restantes. Quando o movimento de Héracles é interrompido pela intromissão de Mégara, a partícula ἀλλά aparece, indicando tanto a frustração (momentânea) do ataque de Héracles, quanto a reintrodução de Mégara, que havia sido antes mencionada (v. 973) e também citada em discurso direto (v. 975-976). Com ὁ δ', no Move₄, Héracles volta a ser o tópico/agente da história e finalmente mata a esposa e os dois filhos restantes. Toda a passagem é recheada de presentes históricos (sublinhados acima), característicos do modo diegético imediato, em que o “narrador se comporta como se não houvesse distância espacial ou temporal entre a experiência e o relato dos eventos”

⁵⁴ Com função de Orientação (Setting).

(2009, p. 174)⁵⁵. Ainda de acordo com Allan, esse modo narrativo indica o Pico da narração e o presente histórico *ἵππεύει* do v. 1001 pontua o início da Complicação (ibid, p. 192-193), que irá se resolver com a interferência de Palas, interferência essa introduzida, mais uma vez, por *ἀλλά*.

Por falar em modos narrativos, a passagem a seguir traz *ἀλλά* em trecho que alterna entre dois modos:

IT 323-329

ὥς δ' εἶδομεν δίπαλτα πολέμιων ξίφη,
φυγῇ λεπαίας ἐξέπιπλαμεν νάπας.
ἀλλ', εἰ φύγοι τις, ἄτεροι προσκείμενοι
ἔβαλλον αὐτούς· εἰ δὲ τοῦσδ' ὠσαίατο,
αὖθις τὸ νῦν ὑπεῖκον ἥρασσεν πέτροις.

Modo diegético deslocado

ἀλλ' ἦν ἄπιστον· μυρίων γὰρ ἐκ χερῶν
οὐδεὶς τὰ τῆς θεοῦ θύματ' εὐτύχει βαλὼν.

Modo discursivo

Quando vimos dois punhais inimigos,
em fuga percorremos as pétreas praias,
mas, se um foge, outros em seu posto
os golpeavam, e se os repeliam, outros
que ora cediam atacavam com pedras.
Mas era incrível: as miríades de mãos
não logram atingir as vítimas da Deusa.
(Trad. Jaa Torrano)

No primeiro move do trecho, o boiadeiro retrata a reação de seu grupo diante da ofensiva de Orestes e Pílates: fugir. Com o primeiro *ἀλλά*, a cena evolui para um confronto entre os boiadeiros e os argivos. A partícula, ao mesmo tempo, nega a ideia de que todos fugiam sem resistir, sugerida pelo verso anterior. Essa primeira parte é narrada no modo diegético deslocado, em que o narrador apresenta uma sequência de eventos a partir de um ponto de vista externo ao mundo da história (ibid., p. 173). Nos versos 328-329, porém, o narrador faz um comentário sobre o quadro, o que é típico do modo discursivo (ibid., p. 181-186): ele aponta a extraordinariedade da situação de Pílates e Orestes que escapavam ilesos em meio à profusão de golpes. Nessa segunda ocorrência, *ἀλλά* agora indica, mais uma vez, a frustração dos esforços dos boiadeiros, além de um redirecionamento da atenção em direção aos argivos.

⁵⁵ Essa mesma passagem de *Héracles* é citada e comentada por Allan (2009, p. 178-179) como exemplo de modo diegético imediato.

O papel de ἄλλά na organização espacial das batalhas relatadas é ainda mais claro no primeiro relato de mensageiro de *As Fenícias* (v. 1090-1199), em que a ofensiva contra as setes portas tebanas é narrada:

Ph. 1153-1158

ὁ δ' Ἀρκάς, οὐκ Ἀργεῖος, Ἀταλάντης γόνος
 τυφῶς πύλαισιν ὥς τις ἐμπεσὼν βοᾷ
 πῦρ καὶ δικέλλας, ὡς κατασκάψων πόλιν·
 ἄλλ' ἔσχε μαργῶντ' αὐτὸν ἐναλίου θεοῦ
 Περικλύμενος παῖς, λᾶαν ἐμβαλὼν κάραι
 ἀμαξοπληθῇ, γεῖσ' ἐπάλξεων ἄπο·

O árcaade, não argivo, progênie de Atalante,
 como um furacão cai nos portões gritando por
 fogo e lanças, de modo a destruir a cidade.
 Mas o filho do deus salino contém-lhe a fúria,
 Periclimeno, atirando-lhe no rosto pedras da
 largura de um vagão do alto de nossa defesa.
 (Trad. Waldir M. Sousa Jr)

Para destacar Partonopeu (o filho de Atalante) da multidão anônima que combate em ambos os lados (v. 1148-1152), o narrador reintroduz o personagem com ὁ δ' e a nominalização. É como se a câmera que mostra uma imagem panorâmica da batalha desse um *zoom*⁵⁶ no personagem nesse momento. O presente histórico βοᾷ contribui ainda para marcar o Pico narrativo (ALLAN, op. Cit, p. 193). Com ἄλλά, então, o narrador muda de câmera, dirigindo sua atenção para a defesa de Periclimeno, que detém o ataque de Partonopeu, no lado oposto da batalha.

Tem estrutura semelhante o próximo confronto narrado pelo mensageiro, após a morte de Partonopeu (v. 1159-1162):

Ph. 1163-1170

ἐπεὶ δὲ τάσδ' ἐσεῖδεν εὐτυχεῖς πύλας,
 ἄλλας ἐπῆει παῖς σός, εἰπόμεν δ' ἐγώ.
 ὁρῶ δὲ Τυδέα καὶ παρασπιστὰς πυκνοὺς
 Αἰτωλίσιν λόγχαισιν εἰς ἄκρον στόμα
 πύργων ἀκοντίζοντας, ὥστ' ἐπάλξεων
 λιπεῖν ἐρίπνας φύλακας· ἄλλὰ νιν πάλιν
 κυναγὸς ὥσει παῖς σὸς ἐξαθροίζεται,
 πύργοις δ' ἐπέστησ' αὐθις.

⁵⁶ Bonifazi (2012, ch. 4) usa a expressão para precisar uma das funções dos marcadores discursivos em αὐ- em Homero.

Quando percebeu que estas portas tinham boa sorte
 teu filho foi para outras, e eu o acompanhei.
 Vejo Tideu e seu compacto corpo de escudeiros
 com lanças etólias atacando a parte mais elevada
 das muralhas, de modo que os homens fugiam
 e abandonavam seus postos. Teu filho, porém,
 como um caçador, de todos os lados os reagrupa
 e os reordena nas torres.
 (Trad. Waldir M. Sousa Jr)

Dessa vez, o narrador *vê*, e nos faz visualizar, Tideu em um ataque às muralhas que ameaça dispersar a defesa tebana. No campo oposto, porém, Etéocles intervém contra a sua investida. As duas partículas, *δέ* e *ἀλλά*, introduzem novamente, dois destaques visuais, um em cada lado da batalha, em movimentos sucessivos. *ἀλλά*, além disso, marca a frustração da expectativa de que Tideu seria bem-sucedido em sua ofensiva.

Nas passagens citadas⁵⁷, *ἀλλά* é um dispositivo que indica movimento espacial ou temporal, além de administrar as entradas dos personagens em cena. Nessas funções, a partícula designaria um contraste discursivo no sentido de Kroon (1995, p. 210-217)⁵⁸, já que ela influi na estrutura retórica e, em alguns casos, também na estrutura temática do discurso. Por outro lado, um sentido de negação de inferência ainda está presente nessas passagens: *ἀλλά* não indica apenas mudança de tema ou tópico, mas também uma frustração de expectativa. Dito de outra maneira, *ἀλλά* nesses casos está em uma posição intermediária entre um sentido de negação de inferência e um sentido de puro contraste discursivo, relativo à estrutura temática do discurso.

2.2.1.2.2 Réplica

Indicando negação de inferência em início de turno, *ἀλλά* introduz réplicas, objeções, contestações, protestos, ou correções às palavras do interlocutor anterior.

⁵⁷ Além de *HF* 996, 1002, *IT* 325, 328, 1364, 1377 e *Ph.* 1156, 1168 citadas acima, considero *El.* 793 como uma passagem na mesma categoria.

⁵⁸ Chamo a atenção para o fato de que Allan (2017a) não parece entender “discourse contrast” da mesma maneira em que Kroon entende: enquanto o primeiro fala de contraste discursivo apenas como descontinuidade temática, a segunda indica que um contraste discursivo pode estar relacionado tanto à estrutura temática, quando à estrutura retórica do discurso (1995, p. 213-214).

Seguindo a distinção de Ducrot, também utilizada por Basset e Drummen, esse *ἀλλά* pode responder tanto a subentendidos quanto a pressupostos, como nos exemplos a seguir:

Cyc. 133-135

Οδ. ὁδησον ἡμῖν σῖτον, οὗ σπανίζομεν.

Σι. Οὐκ ἔστιν, ὥσπερ εἶπον, ἄλλο πλὴν κρέας.

Οδ. *ἀλλ'* ἡδὺ λιμοῦ καὶ τόδε σχετήριον.

Odisseu. Venda-nos o trigo, de que necessitamos.

Sileno. Não há, como disse, nada senão carne.

Odisseu. Mas isso ainda é doce paliativo da fome.

(Trad. Jaa Torrano)

A negativa do Sileno em vender alimento a Odisseu é perfeitamente justificável pelo fato de não haver pão na caverna do Ciclope – foi por trigo, afinal, que Odisseu pediu. De todo modo, uma possível implicatura da resposta do Ciclope é que ele não teria *nenhum* alimento adequado para oferecer aos visitantes, coisa que é refutada por Odisseu.

Alc. 43-44

Θα. Καὶ νοσφιεῖς με τοῦδε δευτέρου νεκροῦ;

Απ. *ἀλλ'* οὐδ' ἐκεῖνον πρὸς βίαν σ' ἀφειλόμην.

MORTE. E me roubarás de um segundo cadáver?

APOLO. Mas nem aquele eu tomei de ti à força.

Ao ver Apolo nos arredores da casa de Admeto, a Morte desconfia de que ele queira salvar Alceste, assim como salvou Admeto ao negociar com as Moiras. A fala da Morte pressupõe que Apolo já tenha roubado dela um primeiro cadáver, i.e., Admeto. Com *ἀλλά*, Apolo corrige esse pressuposto: de fato, ele não roubou Admeto da Morte, mas o trocou por Alceste (v. 45-46).

Acrescento mais alguns exemplos:

Or. 1522-1526

Ορ. Δοῦλος ὦν φοβῆι τὸν Ἄϊδην, ὅς σ' ἀπαλλάξει κακῶν;

Φρ. Πᾶς ἀνὴρ, κἂν δοῦλος ᾦ τις, ἥδεται τὸ φῶς ὀρῶν.

Ορ. Εὖ λέγεις· σώιζει σε σύνεσις. *ἀλλὰ* βαῖν' ἔσω δόμων.

Φρ. Οὐκ ἄρα κτενεῖς μ'; Ορ. ἀφείσαι. Φρ. Καλὸν ἔπος λέγεις τόδε.

Ορ. *ἀλλὰ* μεταβουλευσόμεσθα.

Orestes: Sendo escravo, temes o Hades, que te desprenderá de misérias?!

Frígio: Todo o homem, seja ele um escravo, se compraz em ver a luz.

Orestes: Dizes bem! Salva-te a esperteza. Vá! Entra no palácio.

Frígio: Então não me matas. Orestes: Estás livre. Frígio: Belas palavras, essas que dizes.

Orestes: Mas poderemos reconsiderar.

(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

O primeiro *ἀλλά*, no verso 1524, marca um contraste discursivo, da declaração para a exortação. Já o segundo demonstra a impaciência de Orestes: porque o frígio demora em obedecer e entrar no palácio, Orestes ameaça mudar de ideia. A inferência negada seria “sendo bela essa sua decisão, assim ela permanecerá”.

Hel. 1627-1630

{Θε.^β} οὗτος, ὦ, ποῖ σὸν πόδ’ αἶρεις, δέσποτ’, ἐς ποῖον φόνον;

{Θε.} οἷπερ ἡ δίκη κελεύει μ’· ἀλλ’ ἀφίστασ’ ἐκποδών.

{Θε.^β} οὐκ ἀφήσομαι πέπλων σῶν· μέγала <γὰρ> σπεύδεις κακά.

{Θε.} *ἀλλὰ* δεσποτῶν κρατήσεις δοῦλος ὢν;

Servo: Tu aí, para onde levas o pé, ó soberano? Para qual assassinato?

Teoclímeneo: Para onde a justiça me convoca; mas afasta-te! Para longe do meu caminho!

Servo: Não largarei dos teus peplos, pois te precipitas para grandes malefícios.

Teoclímeneo: Mas governarás sobre soberanos, mesmo sendo escravo?!

No v. 1630, a fala de Teoclímeneo iniciada por *ἀλλά* nega a inferência de que seja prerrogativa do servo tentar impedir o seu senhor⁵⁹.

IT 559-560

{Ιφ.} φεῦ·

ὥς εὖ κακὸν δίκαιον ἐξεπράξατο.

{Ορ.} *ἀλλ’* οὐ τὰ πρὸς θεῶν εὐτυχεῖ δίκαιος ὢν.

Ifigênia: Ai! Agiu bem, embora praticasse um mau acto de justiça!

Orestes: Mas que, ainda que justo, não tem a aprovação dos deuses.

(Trad. Nuno Simões Rodrigues)

Se Orestes agiu com justiça, seria de se esperar que ele fosse afortunado. Com *ἀλλά*, Orestes corrige essa inferência.

Hec. 736-742

⁵⁹ O *ἀλλά* anterior do verso 1628 é classificado como de contraste discursivo, introduzindo exortação, como em *Or.* 1524 citado acima.

Εκ. Δύστην', ἐμαυτὴν γὰρ λέγω λέγουσα σέ,
 Ἐκάβη, τί δράσω; Πότερα προσπέσω γόνυ
 Ἀγαμέμνονος τοῦδ' ἢ φέρω σιγῇ κακά;
 Αγ. Τί μοι προσώπῳ νῶτον ἐγκλίνασα σὸν
 δῦρην, τὸ πραχθὲν δ' οὐ λέγεις; Τίς ἔσθ' ὅδε;
 Εκ. **ἀλλ'** εἴ με δούλην πολεμίαν θ' ἡγούμενος
 γονάτων ἀπώσαιοι', ἄλγος ἂν προσθείμεθ' ἂν.

Hécuba: Desvalida – falo de mim mesma falando de ti –
 Hécuba, que devo fazer? Atirar-me contra os joelhos
 de Agamêmnon ou suportar os males em silêncio?
 Agamêmnon: Por que, virando as costas para o meu rosto,
 te lamurias e o ocorrido não falas? Quem é esse aí?
 Hécuba: Mas, se considerando-me escrava e inimiga,
 dos joelhos me repelir, agonia acrescentaríamos.
 (Trad. Christian Werner)

Essa passagem é peculiar porque ἀλλά não contesta o turno imediatamente anterior, mas sim a sugestão mais recuada da própria Hécuba. No trecho, Hécuba está absorta em sua deliberação e ignorando a intervenção de Agamêmnon.

Ocasionalmente, em hipóforas, uma negação de inferência comum pode se aproximar muito de uma réplica, na medida em que o personagem que argumenta de si para si externa possíveis objeções alheias, representando, por assim dizer, um adversário⁶⁰:

Ph. 1616-1619

τίς ἡγεμών μοι ποδὸς ὁμαρτήσῃ τυφλοῦ;
 ἦδ' ἢ θανοῦσα; ζῶσά γ' ἂν σάφ' οἶδ' ὅτι.
ἀλλ' εὐτεκνος ξυνωρίς; **ἀλλ'** οὐκ ἔστι μοι.
ἀλλ' ἔτι νεάζων αὐτὸς εὐροίμ' ἂν βίον;

Quem fará companhia para os meus passos cegos?
 Esta morta? Decerto a faria, se estivesse viva.
 Meus dois belos filhos? Não mais me pertencem.
 Sou jovem ainda para garantir minha subsistência?
 (Trad. Waldir M. Sousa Jr)

Após o desfecho da disputa entre Etéocles e Polinices, que resultou na morte dos dois e no suicídio de Jocasta, Édipo cogita como viverá a partir de então. O primeiro e o terceiro ἀλλά introduzem novos subtópicos. Com o segundo ἀλλά (1618b), Édipo corrige um pressuposto de sua própria sugestão. Para que seus filhos o guiem, eles

⁶⁰ Outros exemplos de ἀλλά contraexpectativo em hipófora que se aproximam das réplicas são: *Med.* 381, 1051; *Hipp.* 966; *And.* 346; *Hec.* 264, 1199; *El.* 375, 529; *HF* 1103, 1382; *Hel.* 296; *Or.* 1447.

precisariam estar vivos, mas não estão. O mesmo personagem que recomenda algo refuta essa recomendação. O acúmulo de ἄλλὰ amplifica o desamparo de Édipo: a cada alternativa sugerida, uma objeção pronto se coloca.

Para Drummen (2007, p. 152-153), ἄλλὰ em início de turno corrige subentendidos com mais frequência do que corrige outros elementos. A autora se apoia em dados de Aristófanes *Ra. E V.*; Ésquilo *A. e Pers.*; Sófocles *Ant. e Tr.* E Eurípides *Ion e Med.* Essa conclusão também é apoiada pela análise completa dos dramas supérstites de Eurípides, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Tipos de ἄλλὰ em início de turno

	Substituição	Réplica	Contraste discursivo	Não-verbal	Total
<i>Cyc.</i>	0	2	0	0	2
<i>Alc.</i>	0	7	5	0	12
<i>Med.</i>	1	4	2	0	7
<i>Heracl.</i>	0	2	2	0	4
<i>Hipp.</i>	0	0	1	0	1
<i>And.</i>	0	2	0	0	2
<i>Hec.</i>	0	3	1	0	4
<i>Supp.</i>	0	4	1	0	5
<i>El.</i>	0	3	2	1	6
<i>HF</i>	0	2	2	0	4
<i>Tr.</i>	0	1	0	0	1
<i>IT</i>	0	4	3	1	8
<i>Ion</i>	0	6	0	0	6
<i>Hel.</i>	0	5	2	1	8
<i>Ph.</i>	0	7	3	0	10
<i>Or.</i>	0	9	1	1	11
<i>Ba.</i>	0	5	0	0	5
Total	1	66	25	4	96

2.2.1.3 Contraste discursivo

Como contraste discursivo, ἄλλὰ pode introduzir novo tópico ou subtópico discursivo, ou marcar o mero início de um novo *move* ou troca, sem necessidade de súbita descontinuidade temática. São várias as alíneas da descrição de Denniston que

correspondem ao nosso contraste discursivo: além do uso dito progressivo de *ἀλλά* (GP 21-22), também indicam contraste discursivo os usos em ordens e exortações (GP 13-15), em votos e preces (GP 15-16), *ἀλλά* marcando uma ruptura do pensamento (GP 8) e *ἀλλά* com futuro do indicativo, usado quando o falante cessa suas reflexões e anuncia seu plano de ação (GP 8)⁶¹.

Observem-se os exemplos a seguir:

Alc. 77-83

{Χο.} τί ποθ' ἡσυχία πρόσθεν μελάθρων;
τί σεσίγηται δόμος Ἀδμήτου;
– *ἀλλ'* οὐδὲ φίλων πέλας <ἔστ'> οὐδεῖς,
ὅστις ἂν εἴποι πότερον φθιμένην
χρὴ βασιλείαν πενθεῖν ἢ ζῶσ'
ἔτι φῶς λεύσσει Πελίου τόδε παῖς
Ἄλκηστις, (...)

Por que há quietude em frente ao palácio?
Por que está silenciada a casa de Admeto?
— E não há próximo ninguém amigo,
que diria se, já morta,
deve ser lamentada a rainha,
ou se, ainda viva, a filha de Pélias vê a luz do sol,
Alceste (...)

O coro, aparentemente dividido em dois, inicia a canção do párodo no v. 77, comentando sobre o silêncio às portas do palácio. Com *ἀλλά*, o coro passa a um novo ponto, a ausência de alguém que possa dar informações.

Hipp. 885-890

Ἴππόλυτος εὐνῆς τῆς ἐμῆς ἔτλη θιγεῖν
βίαι, τὸ σεμνὸν Ζηνὸς ὄμμ' ἀτιμάσας.
ἀλλ', ὃ πάτερ Πόσειδον, ἄς ἐμοί ποτε

⁶¹ Não é meu objetivo comentar *in extenso* a exposição de Denniston sobre *ἀλλά*. Mas, como o capítulo se aproxima do fim, podemos fazer o seguinte balanço: o tipo eliminativo dele (I 1) corresponde à substituição desta tese, exceto que aqui não se admitem questões retóricas no lugar das orações negativas (GP 5); o tipo *balancing* dele (I 2) corresponde à negação de inferência daqui; o terceiro tipo adversativo de Denniston (I 3), que ele descreve como um intermediário entre os dois primeiros, lista tanto exemplos de contraste discursivo (notadamente *ἀλλά* marcando ruptura e *ἀλλά* com futuro do indicativo mencionados acima), quanto de negações de inferência comuns e réplicas. Quanto aos chamados usos especiais, alguns reúnem uma miscelânea de tipos de contraste em contextos mal agrupados, formando categorias que poderiam, na minha opinião, ser desconsideradas sem prejuízo, são elas: introduzindo novas sugestões (II 1), indicando assentimento (II 6) e introduzindo comprovação por um segundo falante de uma hipótese ou desejo do primeiro (II 7). Duas categorias (II 2 e 3) se referem aos usos adverbiais de *ἀλλά*, sobre os quais, vide 2.2.2 a seguir. As demais categorias (II 4, 5, 8 e 9) indicam contrastes discursivos. Diferenças de interpretação ocasionais fazem com que não haja correspondência exata entre nossas classificações.

ἀρὰς ὑπέσχου τρεῖς, μιᾷ κατέργασαι
 τούτων ἐμὸν παῖδ', ἡμέραν δὲ μὴ φύγοι
 τήνδ', εἵπερ ἡμῖν ὥπασας σαφεῖς ἀράς.

Hipólito meu leito ousou tocar
 à força, desonrando os sagrados olhos de Zeus!
 Ó meu pai Posídon, as três maldições
 que uma vez me deste, com uma delas dê um fim
 ao meu filho, e que não escape a este dia,
 se de fato me concedeste maldições confiáveis.

Da exclamação em que anuncia o que acaba de ler na tabuleta, Teseu passa a uma exortação a Posídon. Dentre os sinais de que *ἀλλά* introduz um novo *move* estão a mudança de destinatário, identificado no vocativo, e a diferença entre as forças ilocucionárias do segmento atual e do anterior.

Supp. 1180-1182

{Θη.} τί δῆτ' ἔθ' ὑμῖν ἄλλ' ὑπουργῆσαί με χρή;
 {Αδ.} χαῖρ'· ἄξιος γὰρ καὶ σὺ καὶ πόλις σέθεν.
 {Θη.} ἔσται τάδ'· **ἀλλά** καὶ σὺ τῶν αὐτῶν τύχοις.

Adrasto: Teseu, temos consciência de todo o bem que à terra argiva
 concedeste, quando necessitava de um benfeitor.

Teseu: Em que outra coisa ainda vos posso eu ajudar?

Adrasto: Sede felizes! Dignos sois, tanto tu como a tua cidade!

Teseu: Aceito esses votos. E que a ti também te suceda o mesmo.

(Trad. José Ribeiro Ferreira)

Após responder aos votos de Adrasto, Teseu também lhe deseja felicidades. Como coloca Denniston, *ἀλλά* aqui não indica forte ruptura temática, mas uma transição suave (*GP* 15).

Alc. 1151-1153

{Αδ.} μεῖνον παρ' ἡμῖν καὶ ξυνέστιος γενοῦ.
 {Ηρ.} αὖθις τόδ' ἔσται, νῦν δ' ἐπείγεσθαί με δεῖ.
 {Αδ.} **ἀλλ'** εὐτυχοίης, νόστιμον δ' ἔλθοις δρόμον.

Admeto: Fica conosco e compartilha do nosso lar.

Héracles: No futuro. Agora devo me apressar.

Admeto: Então que sejas afortunado e completes o percurso do retorno!

Como Héracles recusa o convite que lhe é feito, resta a Admeto desejar-lhe boa sorte. Não há expectativa da fala de Héracles que seja replicada por Admeto; *ἀλλά* antes indica a transição para os votos de despedida.

A partícula *ἀλλά* também pode marcar a passagem de um *move* reativo, uma resposta, para um *move* iniciativo, uma pergunta⁶²:

Hec. 968-969, 976-977

{Εκ.} αἰσχύνομαί σε προσβλέπειν ἐναντίον,
Πολυμήτορ, ἐν τοιοῖσδε κειμένη κακοῖς.
[...]
{Πο.} καὶ θαῦμά γ' οὐδέν. *ἀλλά* τίς χρεῖα σ' ἐμοῦ;
τί χρῆμ' ἐπέμψω τὸν ἐμὸν ἐκ δόμων πόδα;

Hécuba: Tenho vergonha de encarar-te de frente,
Polimestor, posta em meio a tais males.

[...]

Polimestor: Não é nenhum assombro. Mas para que te sou útil?
Por que convocaste meu pé para fora de casa?
(Trad. Christian Werner)

Após comentar a justificativa de Hécuba para não encará-lo, Polimestor usa *ἀλλά* para mudar de assunto e perguntar o motivo de ter sido chamado.

De outra maneira, *ἀλλά* também pode indicar uma passagem à ação:

Hec. 1049-1055

{Εκ.} ὄψῃ νιν αὐτίκ' ὄντα δωμάτων πάρος
τυφλὸν τυφλῷ στείχοντα παραφύρωι ποδί,
παίδων τε δισσῶν σώμαθ', οὓς ἔκτειν' ἐγὼ
σὺν ταῖσδ' ἀρίσταις Τρωιάσιν· δίκην δέ μοι
δέδωκε. Χωρεῖ δ', ὥς ὀρᾷς, ὅδ' ἐκ δόμων.
ἀλλ' ἐκποδὼν ἄπειμι κάποστήσομαι
θυμῷ ζέοντι Θρηικὶ δυσμαχωτάτῳ.

De imediato o vereis diante da tenda,
cego, marchando com tresloucado pé cego,
e os corpos dos dois filhos, os quais eu matei
com essas excelentes troianas: a pena a mim
pagou. Ele avança, como vedes, para fora da tenda.
Para longe, todavia, irei e me afastarei,
já que o coração trácio ferve, incombátível.
(Trad. Christian Werner)

⁶² *ἀλλά* também é frequente nesse contexto, como se verá no próximo capítulo desta tese.

A fala de Hécuba consiste em dois *moves*: no primeiro, ela responde à pergunta do coro (v. 1047-1048), confirmando o sucesso do seu ataque contra Polimestor; no segundo, iniciado por *ἀλλά*, ela passa ao anúncio do que fará em seguida.

Usado em POP, *ἀλλά* pode reafirmar um argumento após um longo excursus, como em:

Alc. 1019-1036

ὦν δ' οὐνεχ' ἦκω δεῦρ' ὑποστρέψας πάλιν
λέξω· γυναῖκα τήνδε μοι σῶσον λαβών,
ἕως ἂν ἵππους δεῦρο Θρηκίας ἄγων
ἔλθω, τύραννον Βιστόνων κατακτανών.
Πράξας δ' ὃ μὴ τύχοιμι (νοστήσαιμι γάρ)
δίδωμι τήνδε σοῖσι προσπολεῖν δόμοις.
Πολλῶι δὲ μόχθῳι χεῖρας ἦλθεν εἰς ἐμάς·
ἀγῶνα γὰρ πάνδημον εὕρισκω τινὰς
τιθέντας, ἀθληταῖσιν ἄξιον πόνον,
ὅθεν κομίζω τήνδε νικητήρια
λαβών. Τὰ μὲν γὰρ κοῦφα τοῖς νικῶσιν ἦν
ἵππους ἄγεσθαι, τοῖσι δ' αὖ τὰ μείζονα
νικῶσι, πυγμὴν καὶ πάλην, βουφόρβια·
γυνὴ δ' ἐπ' αὐτοῖς εἶπετ'· ἐντυχόντι δὲ
αἰσχρὸν παρεῖναι κέρδος ἦν τόδ' εὐκλεές.
ἀλλ', ὥσπερ εἶπον, σοὶ μέλειν γυναῖκα χρή·
οὐ γὰρ κλοπαίαν ἀλλὰ σὺν πόνῳ λαβών
ἦκω· χρόνῳ δὲ καὶ σὺ μ' αἰνέσεις ἴσως.

Por que dei a volta e vim para cá de novo
dir-te-ei: pega esta mulher e a mantém a salvo para mim,
até que eu volte para cá trazendo os cavalos trácios,
após matar o rei dos bistões.

Mas, se me ocorrer o que oxalá não me aconteça (pois que eu retorne!),
dou-te esta mulher para que sirva em tua casa.

Com muita fadiga, chegou às minhas mãos,
pois encontrei quem realizasse jogos
públicos, trabalho digno de campeões,
de onde a trago como prêmio de vitória.

Os que ganharam as provas menores
levaram cavalos, e os que ganharam
as maiores, pugilato e luva livre, rebanho de bois,
e a mulher veio com eles. Tendo o encontrado,
seria uma vergonha deixar passar este ganho glorioso.

Mas, como disse, é preciso que cuides desta mulher,
pois não é roubada, mas trazida com esforço.

Com o tempo, também tu me louvarás, talvez.

Após a explicação (falsa) de onde Héracles conseguiu a mulher que ele traz, o verso 1034 reafirma a necessidade de Admeto cuidar dela. Além da partícula *ἀλλά*, o metacomentário *ὥσπερ εἶπον* também marca o retorno à sequência principal⁶³.

Muitas vezes acompanhado de *γάρ*, mas também sozinho (e. g. *Alc.* 136, *IT* 456), *ἀλλά* pode interromper o rumo de um discurso para anunciar a entrada de um personagem em cena:

Ba. 1165-1167

*ἀλλ' εἰσορῶ γὰρ ἐς δόμους ὀρμωμένην
Πενθέως Ἀγανὴν μητέρ' ἐν διαστρόφοις
ὄσσοις, δέχεσθ' ἐς κῶμον εὐίου θεοῦ.*⁶⁴

Mas, como vejo correr em direção ao palácio
a mãe de Penteu, Agave, com os olhos revirados,
recebe-a no cortejo do deus évio.

Em artigo dedicado às combinações *ἀλλά γάρ* e *καὶ μήν* como marcas de ingresso em cena na tragédia e na comédia, Macedo (2016) argumenta que, na maioria dos casos, *γάρ* introduz um PUSH que provê uma razão para a ação da oração principal. No caso, a chegada de Agave enseja que a recebam no cortejo de Dioniso.

Também em monólogos, *ἀλλά* pode indicar ruptura, momento em que um personagem interrompe sua própria exposição:

El. 947-949

*ὑβρίζεις, ὥς δὴ βασιλικοὺς ἔχων δόμους
κάλλει τ' ἀραρώς. ἀλλ' ἔμοιγ' εἴη πόσις
μὴ παρθενωπὸς ἀλλὰ τὰνδρείου τρόπου.*

Eras excessivo, pois, de fato, tinhas o palácio real
e estavas munido com a tua beleza. Que eu tenha um esposo
não de feição feminina, mas de modos viris.
(Trad. Karen A. Sacconi)

A lembrança da beleza pouco máscula de Egisto faz com que Electra interrompa o seu discurso acusatório e faça votos de encontrar um marido diferente.

De maneira similar, no êxodo da mesma tragédia:

⁶³ Cf. Polanyi & Scha (1983, p. 152).

⁶⁴ Similarmente: *Alc.* 422; *Hel.* 1385; *Or.* 1366; *Ph.* 1308. Como *ἀλλά μήν*: *Or.* 1549 (lista não exaustiva).

El. 1245-1246

Φοῖβος δέ, Φοῖβος—**ἀλλ'** ἄναξ **γάρ** ἐστ' ἐμός,
σιγῶ· σοφὸς δ' ὢν οὐκ ἔχρησέ σοι σοφά.

E Febo, Febo – mas, porque ele é meu senhor,
calo-me. Sendo sábio, não te vaticinou sabiamente.

Durante sua intervenção *ex machina*, Castor começa a falar de Apolo, presumidamente para discorrer sobre sua influência no destino de Orestes, mas se interrompe por respeito ao deus. Enquanto *ἀλλά* indica a mudança de rumo, *γάρ* introduz a justificativa para ela.

De modo semelhante, *ἀλλά* é usado para uma interrupção brusca na passagem a seguir:

Ion 335-336

Ἴων λέγοις ἄν· ἡμεῖς τᾶλλα προξενήσομεν.
Κρ. ἄκουε δὴ τὸν μῦθον· **ἀλλ'** αἰδούμεθα.

Íon: Pode falar, o restante nós proveremos.
Creúsa: Ouve esta história, mas tenho vergonha.
(Trad. Jaa Torrano)

Creúsa primeiro anuncia que vai contar a história de uma outra mulher (na verdade, ela mesma) que teve um destino parecido com o da mãe de Íon, mas, em seguida, ela não prossegue conforme anunciado e diz ter vergonha. Essa interrupção súbita é então sinalizada por *ἀλλά*.

Na mesma tragédia, a passagem a seguir também tem um *ἀλλά* introduzindo uma nova ideia que vem de repente à cabeça do falante:

Ion 563-565

ὦ φίλη μήτηρ, πότ' ἄρα καὶ σὸν ὄψομαι δέμας;
νῦν ποθῶ σε μᾶλλον ἢ πρίν, ἥτις εἶ ποτ', εἰσιδεῖν.
ἀλλ' ἴσως τέθνηκας, ἡμεῖς δ' οὐδ' ὄναρ δυναίμεθ' ἄν.

Íon: Ó minha mãe, quando afinal te poderei ver?
Agora mais do que antes quero ver quem és.
Mas talvez morta, nem por sonho poderíamos!
(Trad. Jaa Torrano)

Depois de expressar o seu desejo de ver a mãe, Íon divaga sobre a possibilidade de não poder mais realizá-lo; a partícula indica a transição de uma coisa a outra.

Hel. 1427-1431

Θε. Βούλητι ξυνεργῶν αὐτὸς ἐκπέμψω στόλον;

Ελ. ἤκιστα· μὴ δούλευε σοῖς δούλοις, ἄναξ.

Θε. ἀλλ' εἶα· τοὺς μὲν Πελοπιδῶν ἐῷ νόμους·

καθαρὰ γὰρ ἡμῖν δώματ'· οὐ γὰρ ἐνθάδε

ψυχὴν ἀφῆκε Μενέλεως.

Teoclímeno: Queres que eu ajude a despachar a expedição?

Helena: De jeito nenhum! Não sejas um escravo aos teus escravos, senhor.

Teoclímeno: Muito bem, então! Aos costumes dos pelópidas não atento.

Com efeito, limpa está minha casa, já que não foi aqui
que Menelau perdeu sua vida.

Acompanhada da exclamação εἶα, ἀλλά introduz a aquiescência de Teoclímeno ao que Helena sugere e seu plano de ação (não participar do pseudorritual conduzido por Helena).

2.2.1.4 ἀλλά em resposta ao não-verbal

Uma descrição abrangente de ἀλλά precisa levar em conta não apenas o contexto linguístico imediato de cada discurso, mas também outros fatores pragmáticos, como as intenções dos locutores e os julgamentos que eles fazem, a cada momento, sobre a situação em que a interação verbal ocorre⁶⁵. Ou seja, é preciso tentar reconstruir, na medida do possível, a totalidade da informação pragmática (DIK, 1997a, p. 8-10) disponível a cada indivíduo no momento da interação.

Seguindo as sugestões de Ducrot (1980) e Basset (1997), identifico também algumas passagens em que ἀλλά responde ao não-verbal. Assim, na semiesticomitia do êxodo de *Orestes*:

Or. 1608-1609

{Με.} ἄπαιρε θυγατρὸς φάσγανον. {Ορ.} ψευδῆς ἔφυς.

{Με.} ἀλλὰ κτενεῖς μου θυγατέρ'; {Ορ.} οὐ ψευδῆς ἔτ' εἶ.

Menelau: Afasta o gládio de minha filha. Orestes: És um mentiroso.

Menelau: Mas tu vais matar a minha filha?! Orestes: Já não és mentiroso.

(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

⁶⁵ Ducrot, 1980, p. 93.

O pedido de Menelau a Orestes pressupõe que este estaria ameaçando Hermione com uma espada. O argivos não só não atende ao que lhe é pedido, como também ignora o tópico proposto por Menelau, em um ostensivo ato de ameaça à face (*face-threatening act*). A partir dessa resposta, podemos imaginar que Orestes continua ameaçando Hermione com sua espada, e é a esse *comportamento* que Menelau responde com *ἀλλά*.

Na passagem a seguir, o uso de *ἀλλά* também é suscitado por um comportamento, a saber, a reação de Medeia às alegações de Jasão no *agon* do casal:

Med. 547-550

ἃ δ' ἐς γάμους μοι βασιλικούς ὠνείδισας,
ἐν τῷιδε δείξω πρῶτα μὲν σοφὸς γεγώς,
ἔπειτα σώφρων, εἴτα σοι μέγας φίλος
καὶ παισὶ τοῖς ἐμοῖσιν· ἀλλ' ἔχ' ἥσυχος.

Régias núpcias me vituperaste,
direi que nisso fui primeio hábil,
depois prudente, e ainda amigo
teu e de meus filhos. Mas calma!
(Trad. Jaa Torrano)

Como o pedido de silêncio pressupõe que Medeia tenha esboçado algum protesto ou movimento de reprovação⁶⁶, podemos dizer que *ἀλλά* aqui responde a um comportamento.

Em alguns casos, um personagem menciona explicitamente um gesto ou aparência de seu interlocutor, como na seguinte passagem, em que Íon menciona o choro de Creúsa:

Ion 237-242

Ἴων: γενναιότης σοι καὶ τρόπων τεκμήριον
τὸ σχῆμ' ἔχεις τόδ', ἥτις εἶ ποτ', ὧ γύναι.
Γνοίη δ' ἂν ὡς τὰ πολλά γ' ἀνθρώπου πέρι
τὸ σχῆμ' ἰδὼν τις εἰ πέφυκεν εὐγενής.
ἔα·
ἀλλ' ἐξέπληξάς μ', ὄμμα συγκλήισασα σὸν
δακρύοις θ' ὑγράνας' εὐγενῇ παρηίδα,
ὡς εἶδες ἀγνὰ Λοξίου χρηστήρια.

⁶⁶ Cf. Mastronarde, 2002, p. 263.

Salve, ó rainha, pois tens na estampa
tua nobreza e esse indício dos modos
tens na figura, quem sejas, ó mulher.
Quem vê a figura poderia muitas vezes
saber do ser humano se é bem nascido.

Éa!

Surpreendeste-me ao fechar os olhos
e molhar com lágrimas a nobre face,
quando viste santo oráculo de Lóxias.

(Trad. Jaa Torrano)

Além do próprio conteúdo da proposição introduzida por ἄλλὰ, a interjeição ἔα também indica que Íon acaba de se surpreender com a aparência de alguma coisa em cena (NORDGREN, 2015, p. 218-219). O aspecto do verbo, um aoristo em –σα, que indica a origem imediatamente anterior de uma ação ainda em curso, apoia essa interpretação.

A mesma tragédia traz um segundo ἀλλὰ em resposta a um comportamento:

Ion 1261-1281

ὃ ταυρόμορφον ὄμμα Κηφισοῦ πατρός,
οἷαν ἔχιδναν τήνδ' ἔφυσας ἢ πυρὸς
δράκοντ' ἀναβλέποντα φοινίαν φλόγα,
ἦι τόλμα πᾶσ' ἔνεστιν οὐδ' ἥσσω ἔφω
Γοργοῦς σταλαγμῶν, οἷς ἔμελλέ με κτανεῖν. 1265
λάζυσθ', ἴν' αὐτῆς τοὺς ἀκηράτους πλόκους
κόμης καταξήνωσι Παρνασοῦ πλάκες,
ὅθεν πετραῖον ἄλμα δισκηθήσεται.
ἔσθλοῦ δ' ἔκυρσα δαίμονος, πρὶν ἐς πόλιν
μολεῖν Ἀθηνῶν χυτὸ μητρυιάν πεσεῖν. 1270
ἐν συμμάχοις γὰρ ἀνεμετρησάμην φρένας
τὰς σάς, ὅσον μοι πῆμα δυσμενῆς τ' ἔφω.
ἔσω γὰρ ἄν με περιβαλοῦσα δωμάτων
ἄρδην ἂν ἐξέπεμψας εἰς Ἄιδου δόμους.
[ἀλλ' οὐτε βωμὸς οὐτ' Ἀπόλλωνος δόμος 1275
σώσει σ'· ὁ δ' οἶκτος ὁ σὸς ἐμοὶ κρείσσων πάρα
καὶ μητρὶ τήμῃ· καὶ γὰρ εἰ τὸ σῶμά μοι
ἔπεστιν αὐτῆς, τοῦνομ' οὐκ ἔπεστί πω.]
ἴδεσθε τὴν πανοῦργον, ἐκ τέχνης τέχνην
οἷαν ἔπλεξε· βωμὸν ἔπηξεν θεοῦ 1280
ὥς οὐ δίκην δώσουσα τῶν εἰργασμένων.

Íon: Ó aspecto tauriforme do pai Cefiso,
que víbora geraste aqui, que serpente
ígnea, lançando olhar de chama letal,
que tem toda audácia, e não foi menos
que gota de Górgona que me mataria!

Prendei, para que escarpas do Parnaso
 penteiem intactas tranças de cabelos
 lá onde o salto se dará no precipício!
 Tive bom Nume, antes de ir à urbe
 em Atenas e de cair sob a madrasta. 1270
 Entre os aliados avaliei teu espírito,
 e que dano por inimizade me fizeste,
 pois circundando-me dentro de casa
 do alto me enviariais à casa de Hades.
 [Mas nem o altar nem casa de Apolo 1275
 te salvará; o que choras é mais forte
 junto de minha mãe; se o meu corpo
 está longe dela, o nome nunca está.]
 Vede a malfeitora, que arte com arte
 teceu, acoitou-se no altar do Deus 1280
 como se não pagasse por seus atos.

Contra a *deletio* de Diggle, Musgrave sugere a transposição dos v. 1275-1278 para depois do v. 1281, solução adotada por Kovacs, por exemplo. Nesse caso, poder-se-ia aferir um sentido de negação de expectativa para ἄλλᾶ. O texto transmitido, no entanto, sugere que Creúsa teria corrido em direção ao altar (v. 1279-1280), como o Coro lhe havia sugerido (v. 1255 et 58onsu.). Nesse caso, ἄλλᾶ introduz a reação de Íon ao comportamento de Creúsa.

Mas ἄλλᾶ pode responder também a uma *situação*, caso em que o elemento corrigido por ἄλλᾶ não é totalmente imputável ao seu destinatário:

IT 753-754

{Πυ.} ἄκουε δὴ νυν ὄν παρήλθομεν λόγον.
 {Ιφ.} ἄλλ' εὐθὺς ἔστω κοινός, ἦν καλῶς ἔχη.

Pílades: Ouve agora uma outra questão, que deixámos de lado.
 Ifigénia: Vamos, partilha-a connosco, se é para o nosso bem.
 (Trad. Nuno Simões Rodrigues)

Quando Pílades pede que Ifigénia considere uma questão que eles tinham deixado passar, Ifigénia parece reagir ao próprio fato de eles terem ignorado um ponto potencialmente importante para o plano que faziam. Pílades pode ser parcialmente responsabilizado por não dizer logo (εὐθύς) o que é preciso ser dito, mas, se nenhum dos três interlocutores em cena, Pílades, Ifigénia e Orestes, tocaram no assunto até o

momento, Píladas, sozinho, não pode ser responsabilizado por isso. A ordem em 3ª pessoa na fala de Ifigênia, aliás, impessoaliza a situação.⁶⁷

No seguinte trecho de *Helena*, ἀλλά novamente responde a uma situação:

Hel. 700-702

{Θε.} Μενέλαε, κάμοι πρόσδοτον τῆς ἡδονῆς,
ἦν μανθάνω μὲν καὐτός, οὐ σαφῶς δ' ἔχω.
{Με.} ἀλλ', ὦ γεραιέ, καὶ σὺ κοινώνει λόγων.

SE. Menelau, comigo também partilha deste prazer,
o qual eu mesmo percebo, mas não entendo perfeitamente.
ME. Mas então, velho, participa também de nossa conversa.

O servo diz não entender bem o que se passa entre Menelau e a Helena egípcia, que acabam de se reconhecer como marido e mulher, porque ele, o servo, não consegue distinguir Helena de seu εἶδωλον. Com ἀλλά, Menelau visa corrigir essa situação de desconhecimento do servo – e não dar assentimento ao seu pedido, como quer Denniston (*GP* 16-17)⁶⁸.

No próximo trecho, por sua vez, ἀλλά se refere à aparência física de Píladas e Orestes, que tinham acabado de entrar em cena:

El. 549-550

Ηλ. Οἶδ' ἐκ δόμων βαίνουσι λαιψηρῶι ποδί.
Πρ. ἀλλ' εὐγενεῖς μέν, ἐν δὲ κιβδήλῳ τόδε·
πολλοὶ γὰρ ὄντες εὐγενεῖς εἰσιν κακοί.

Electra: Olha, eles saem da casa com pé ágil.
Ancião: Bem, são nobres, apesar de isso ser enganador,
pois muitos, sendo nobres, são maus.
(Trad. Karen A. Sacconi)

Não me parece pertinente a alínea em que Denniston encaixa essa passagem: “A sympathetic reaction to the previous speaker’s words or actions” (*GP* 19). No seu comentário a *Electra*, o mesmo autor glosa esse ἀλλά como um “well” de aprovação (1960, p. 119). Na minha opinião, a fala do Ancião tem sentido de negar uma expectativa suscitada pela aparência dos dois argivos, coisa que ele expressa não só com

⁶⁷ Essa análise se baseia na emenda de Markland, aceita por Diggle, Kovacs, Cropp (2000) e Kyriakou (2006). O texto de L traz ἀλλ' αὐθις ἔσται καινός, ἦν καλῶς ἔχη.

⁶⁸ ‘Assentimento’ é um dos usos especiais de ἀλλά distinguidos por Denniston que, a meu ver, é inteiramente dispensável. Todas as passagens citadas por ele nessa alínea podem ser interpretadas como uma ou outra forma de contraste.

ἀλλά em início de turno, mas também com a construção μέν... δέ, explicando a sua objeção (se a mera aparência da dupla pode levar a crer que eles sejam nobres, é preciso lembrar que as aparências enganam).

2.2.2 ἀλλά como partícula de foco

Finalmente, o corpus analisado também apresenta passagens em que ἀλλά não tem como função conectar atos e *moves* em relação de contraste. Nesses casos, ἀλλά parece antes operar na camada do Conteúdo Comunicado, como partícula de foco ou partícula escalar que marca um constituinte específico da oração como localizado no extremo de uma escala:

We speak of scalarity when a given constituent (word or phrase) represents the highest, extreme value on a *scale*. [...] Scalarity may be encoded in language by means of *scalar particles*. Scalar particles are particles which mark a term that represents the high point of a scale. In the analysis of scalar particles, this term may be called the *focus constituent* of the particle. *Per* in its most characteristic uses in Homeric Greek is a scalar particle, just as *kai* in Greek and *even* in English. (BAKKER, 1988, p. 271)

Um tipo de escalaridade se refere aos sentidos superlativos ‘ao menos’ e ‘no máximo’⁶⁹; é com o sentido de ‘ao menos’ que ἀλλά aparece, modificando um adjunto ou argumento da oração.

Esse tipo de ἀλλά é frequentemente acompanhado de advérbios de tempo, como nos exemplos a seguir:

S. *El.* 411⁷⁰

Ηλ. ὦ θεοὶ πατρῶοι, συγγένεσθέ γ’ ἀλλὰ νῦν.

Electra: Ó deuses paternos, estai comigo ao menos agora.

S. *Ant.* 552

Ισ. Τί δῆτ’ ἂν ἀλλὰ νῦν σ’ ἔτ’ ὠφελοῖμ’ ἐγώ;

Ismene: Não há nada que eu poderia fazer por ti?

⁶⁹ Vide van der Auwera (1983, p. 302-303) para uma explicação ilustrada.

⁷⁰ Para o texto de Sófocles, cito sempre as edições Belles Lettres, estabelecida por Alphonse Dain e Jean Irigoin.

(Trad. Donaldo Schüler)

Ion 425-428⁷¹

Κρ. ἔσται τάδ', ἔσται. Λοξίας δ', ἐὰν θέλῃ
νῦν ἀλλὰ τὰς πρὶν ἀναλαβεῖν ἁμαρτίας,
 ἅπας μὲν οὐ γένοιτ' ἂν εἰς ἡμᾶς φίλος,
 ὅσον δὲ χρήζει (θεὸς γάρ ἐστι) δέξομαι.

Creúsa. Será, assim será. E se Lóxias quisesse
 agora, ao menos, reparar seus antigos desacertos,
 não de todo se nos tornaria um amigo,
 mas aceitarei quando ele, Deus, queira.
 (Trad. Jaa Torrano, com alterações)

S. Tr. 200-201

Δη. ὦ Ζεῦ, τὸν Οἴτης ἄτομον ὃς λειμῶν' ἔχεις,
 ἔδωκας ἡμῖν **ἀλλὰ σὺν χρόνῳ** χαράν.

Dejanira: Ó Zeus, senhor do prado virginal do Eta,
 agora nos concedes, por fim, o júbilo!
 (Trad. Maria do Céu Zambujo Fialho)

A partícula, nesses casos, expressa uma ideia de alternativa desvantajosa (*pis aller*), que pode ser glosada com uma frase como “se não antes, pelo menos, agora” (*ἀλλὰ νῦν*); “se não antes, depois de um tempo, finalmente” = “ainda que tão tarde” (*ἀλλὰ σὺν χρόνῳ*)⁷².

Esse tipo de *ἀλλὰ* é ainda bastante frequente em súplicas, indicando um pedido como mínimo. Ele também pode modificar outros constituintes da oração (marcados em negrito nos exemplos abaixo)⁷³:

S. El. 412-416

Χρ. ἔχεις τι θάρσος τοῦδε τοῦ τάρβους πέρι;
 Ηλ. Εἴ μοι λέγοις τὴν ὄψιν, εἴποιμ' ἂν τότε.
 Χρ. ἀλλ' οὐ κάτοιδα πλὴν ἐπὶ σμικρὸν φράσαι.
 Ηλ. Λέγ' **ἀλλὰ τοῦτο**. Πολλὰ τοι σμικροὶ λόγοι
 ἔσφηλαν ἤδη καὶ κατώρθωσαν βροτούς.

⁷¹ Denniston observa que a posição da partícula após o advérbio que ela modifica é exclusiva dessa passagem (*GP* 13).

⁷² *Pace* Dunbar (1998, p. 494) e Jebb (2010, p. 61). Com expressões temporais, *ἀλλὰ* ainda aparece em *S. Ant.* 779 (onde o extremo do entendimento tardio de Antígona também é enfatizado por γοῦν: “γνώσεται γοῦν ἀλλὰ τηνικαῦθ' ὅτι...”, vide Kamerbeek, 1978, p. 143), *S. El.* 1013, *S. Ph.* 1041, *S. Tr.* 201, *E. Med.* 912, *Ar. Av.* 1598.

⁷³ Similarmente, *E. Ph.* 618, 1751, *Ar. Nu.* 1364 (em discurso indireto) e, em orações finais, *E. Or.* 1562, *HF* 331, *IA* 1239.

Crisótemis: Tens alguma confiança nesse temor?
 Electra: Se me contasses o sonho, eu responderia.
 Crisótemis: Mas eu não sei dizer, exceto esse pouco.
 Electra: Diz-me então, pois poucas palavras já prostraram
 Muita gente e reergueram muitos mortais.
 (Trad. Orlando Luiz de Araújo)

“Diga-me, ao menos, isso (não podendo dizer mais)”

S. *Tr.* 320

Δη. Οὐδ’ ὄνομα πρὸς τοῦ τῶν ξυνεμπόρων ἔχεις;
 Λι. ἤκιστα· σιγῇ τοῦ μὸν ἔργον ἦνυτον.
 Δη. (*à cativa*) εἶπ’, ὃ τάλαιν’, **ἀλλ’** ἡμὶν **ἐκ σαυτῆς**· ἐπεὶ (...)

Dejanira: Nem soubeste o seu nome por alguma das companheiras de exílio?
 Licas: De modo algum! Cumpri em silêncio o meu trabalho.
 Dejanira: Responde tu mesma então, infeliz, já que é mais um infortúnio para ti nem
 sabermos quem tu és.
 (Trad. Maria do Céu Zambujo Fialho)

“Diga-me então você, ó infeliz... (se Licas não pode fazê-lo)”

S. *OC* 1271-1279

τί σιγᾶς;
 Φώνησον, ὃ πάτερ, τι· μή μ’ ἀποστραφῆς.
 Οὐδ’ ἀνταμείβῃ μ’ οὐδέν; ἀλλ’ ἀτιμάσας
 πέμψεις ἄναυδος, οὐδ’ ἃ μηνίεις φράσας;
 ὃ σπέρματ’ ἀνδρὸς τοῦδ’, ἐμαὶ δ’ ὁμαίμονες,
 πειράσας **ἀλλ’ ὑμεῖς γε** κινῆσαι πατρὸς
 τὸ δυσπρόσοιστον κἄπροσήγορον στόμα,
 ὥς μή μ’ ἄτιμον, τοῦ θεοῦ γε προστάτην,
 οὕτως ἀφῇ με μηδὲν ἀντειπὼν ἔπος.

Por que te calas?
 Profere algo, ó pai! Não me vires as costas!
 Não me respondes? Então mudo me desonras,
 me despedes e nem declaras por que te ressententes?
 Ó prole deste homem, minhas irmãs,
 tentai ao menos vós mover do pai
 os intratáveis lábios que não se pronunciam,
 para que assim desonrado, súplice do deus,
 ele não me dispense sem retribuir palavras.
 (Trad. de Cristiane Patrícia Zaniratto)

“Tentai vós, ao menos... (já que a mim Édipo não atende)”

Ar. *Th.* 424-428⁷⁴

⁷⁴ Para os textos de Ar. *Ach.*, *Eq.*, *Av.*, *Lys.*, *Th.*, *Ra.* e *Pl.*, cito as edições de Victor Coulon e Jean Irigoin (Les Belles Lettres). Para *Nu.*, cito a edição de Dover e, para *V.*, cito MacDowell.

Πρὸ τοῦ μὲν οὖν ἦν ἄλλ' ὑποῖξαι τὴν θύραν
 ποησαμέναισι δακτύλιον τριωβόλου·
 νῦν δ' οὗτος αὐτοὺς ὠκότριψ' Εὐριπίδης
 ἐδίδαξε θριπῆδεσθ' ἔχειν σφραγίδια
 ἐξαψαμένους.

Antes, podíamos ao menos abrir a porta às escondidas
 usando um sinete de três óbolos,
 mas agora este Eurípides destruidor de lares
 ensinou-os a trazer atados a eles selos
 corroídos por vermes.
 (Trad. Adriane da Silva Duarte)

Também é considerado “adverbial” o uso da partícula na colocação δ' ἄλλά⁷⁵.
 Nesses casos, δ' ἄλλά oferece uma sugestão alternativa diante de uma recusa ou
 relutância do interlocutor, mas as duas partículas retêm, cada uma, sua função
 específica: δέ marca progressão textual e está relacionada à estrutura do discurso,
 enquanto ἄλλά é partícula de foco relacionada à estrutura informacional. A título de
 exemplo, na passagem a seguir, δέ tem escopo sob todo o *move* do ancião, enquanto
 ἄλλά apenas focaliza παῖδα (ou παῖδα τὸν ἐπὶ σοὶ πεφηνότα, se considerarmos toda a
 frase como uma única unidade entoacional, mas a cesura após o 5º elemento apoia um
 desmembramento):

Ion 976-978

Πρ. Τὰ δυνατὰ νυν τόλμησον, ἄνδρα σὸν κτανεῖν.
 Κρ. Αἰδοῦμεθ' εὐνάς τὰς τόθ' ἡνίκ' ἐσθλὸς ἦν.
 Πρ. Νῦν δ' ἄλλὰ παῖδα τὸν ἐπὶ σοὶ πεφηνότα.

Ancião: Ousa o possível! Matar o teu marido!
 Creúsa: Respeito as núpcias de quando boas.
 Ancião: Então mata o filho surgido contra ti!
 (Trad. Jaa Torrano)

Para Denniston, o sentido escalar (“at least”) nem sempre está presente nessa
 combinação: “The idea of inadequate substitution, or *pis aller*, is secondary, and, if
 present at all, is derived from the context” (*GP* 10). Ele cita *Rh.* 167, onde Heitor parece
 apenas oferecer uma alternativa a Dólon, como exemplo de ocorrência em que o sentido
 escalar é claramente ausente:

⁷⁵ E. *Heracl.* 565, *Hec.* 391, *Ion* 978, 1304, *Ph.* 1667, *Rh.* 167. Na comédia: *Ar. Ach.* 191, 1033, *Nu.* 1369, *Lys.* 904, *Pax* 660.

Rh. 165-167

Εκ. [...] τάξει δὲ μισθόν, πλὴν ἐμῆς τυραννίδος.
 Δο. Οὐ σῆς ἐρῶμεν πολιοχου τυραννίδος.
 Εκ. Σὺ δ' **ἀλλὰ** γήμας Πριαμίδων γαμβρὸς γενοῦ.

H: [...] Aponta teu pagamento, exceto minha realeza.
 D: Não desejo tua realeza protetora-da-cidade.
 H: Tu, então, casa-te e torna-te cunhado dos Priamidas.
 (Tradução de Lilian Amadei Sais)

No entanto, em todas as outras ocorrências de δ' ἀλλά no drama, o sentido escalar pode ser, no mínimo, derivado do contexto, ainda que não seja imprescindível.

Ainda segundo Denniston, ἀλλά 'adverbial' é uma evolução do uso apodótico de ἀλλά (εἰ... ἀλλά), com omissão da prótase⁷⁶. Nesse emprego dito apodótico, ἀλλά serviria para contrastar ideias expressas na prótase e na apódose e poderia ser traduzido como 'if... on the other hand' ou 'even though...still' (GP 11). Assim, na *Ilíada*:

Θ 153-154

εἴ περ γάρ σ' Ἕκτωρ γε κακὸν καὶ ἀνάλκιδα φήσει,
ἀλλ' οὐ πείσονται Τρῶες καὶ Δαρδανίῳνες

Ainda que Heitor te chame cobarde e debilitado,
 não lhe darão ouvidos Troianos nem Dardânidas
 (Trad. Frederico Lourenço)

Nesse caso, a prótase parece conter uma espécie de concessão⁷⁷, o que aproxima esse ἀλλά do uso conectivo de negação de expectativa/inferência.

Observe, no entanto, que, na próxima passagem, ἀλλά não contrasta prótase e apódose, mas sim contrasta toda a construção sintática atual com a anterior. Nesse caso, a condicional da prótase serve como Orientação (Setting) de uma situação B comparada a uma situação A:

K 224-226

(A) σύν τε δὺ' ἐρχομένῳ καὶ τε πρὸ ὃ τοῦ ἐνόησεν
 ὅπως κέρδος ἔη· | (B) μῶνος δ' **εἴ περ** τε νοήσῃ
ἀλλὰ τέ οἱ βράσσων τε νόος, λεπτή δέ τε μῆτις.

⁷⁶ É o que pensam também Finglass (2007, p. 213-214) e Kamerbeek (1959, p. 69; 1984, p. 179), por exemplo.

⁷⁷ Bakker (1988, p. 211): "Often the main clause [em condicionais concessivas com περ] opens with the adversative particle *alla*. This seems to be a typical rendering of the opposition which is present in any concessive conditional."

Quando dois se põem a caminho, um discerne antes do outro
o que é mais proveitoso; ao passo que quando é só um
a discernir, curto é o pensamento e ténue a astúcia.
(Trad. Frederico Lourenço)

Denniston também diz que, em grego pós-homérico, a tendência é que *ἀλλά* apodótico seja limitado aos casos em que uma prótase negativa preceda. A partícula também ganharia então a noção de *pis aller*, ‘at all events’. Esse é o caso em Eurípides:

Hel. 988-990⁷⁸

οὐ γὰρ γαμεῖ τήνδ’ οὔτε σύγγονος σέθεν
οὔτ’ ἄλλος οὐδεὶς· ἀλλ’ ἐγὼ σφ’ ἀπάξομαι
εἰ μὴ πρὸς οἴκους δυνάμεθ’ **ἀλλὰ** πρὸς νεκρούς.

Ah sim! Não casará esta com teu irmão,
nem com nenhum outro; eu vou bõns-la para mim,
se não para casa, pelo menos, para os mortos.

Uma vez, a apódose tem *ἀλλ’ ὅμως* e a prótase inclui também um *καί* escalar, que amplificam o sentido de concessão:

Hec. 842-843

πιθοῦ, παράσχες χεῖρα τῇ πρεσβύτιδι
τιμωρόν, **εἰ καὶ μὴδέν** ἐστὶν **ἀλλ’ ὅμως**.

(...) ouve-me, fornece para esta velha uma mão
vingadora, e, embora nada seja, faça-o todavia.
(Trad. Christian Werner)

Ainda em apódoses, Denniston (*GP* 444) diz que *ἀλλ’ οὖν (...γε)* ocorre após condicionais concessivas. Em Eurípides, isso acontece duas vezes:

Ph. 497-498

{Xo.} ἐμοὶ μέν, **εἰ καὶ μὴ** καθ’ Ἑλλήνων χθόνα
τεθράμμεθ’, **ἀλλ’ οὖν** ξυνετά μοι δοκεῖς λέγειν.

CO: Para mim, embora não tenha sido criada
em terra grega, pareces falar com inteligência.
(Trad. Waldir M. Sousa Jr.)

Cyc. 651-653

⁷⁸ *Ph.* 946 é similar.

χειρὶ δ' εἰ μὴδὲν σθένεις,
 ἀλλ' οὖν ἐπεγκέλευέ γ', ὥς εὐψυχίαν
 φίλων κελευσμοῖς τοῖσι σοῖς κτησώμεθα.

Se não tens braço forte,
 exorta, para que, com tuas exortações,
 consigamos ter a valentia dos amigos.
 (Trad. Jaa Torrano)

Nesse contexto, οὖν mantém sua função de marcar um novo passo na argumentação que é logicamente conectado com o contexto precedente (WAKKER, 1997, p. 212).

Denniston cita ainda *IA* 1239 como um ἀλλά apodótico, em que a apódose viria antes da prótase (*GP* 12):

IA 1238-1240

βλέψον πρὸς ἡμᾶς, ὅμμα δὸς φίλημά τε,
 ἴν' ἀλλὰ τοῦτο κατανοῶς' ἔχω σέθεν
 μνημεῖον, ἦν μὴ τοῖς ἐμοῖς πεισθῇς λόγοις.

Olha para mim, dá-me uma olhada, um beijo,
 para que ao menos isso, depois de morta, eu tenha de ti,
 uma lembrança, se não és convencido pelas minhas palavras.

Essa leitura não me parece correta: ἀλλά aqui não está introduzindo a apódose, mas apenas modificando τοῦτο, dentro da oração final⁷⁹.

Denniston, então, entende que o emprego adverbial de ἀλλά é derivado do apodótico, com omissão da prótase. Esquematicamente, poderíamos pensar em algo assim:

Uso apodótico: Se não A, então B

(εἰ μὴ A,) ἀλλά B → ἀλλά B

Em que ἀλλά passaria talvez de um sentido de alternativa neutra a um sentido de alternativa desvantajosa.

Mas essa interpretação tem algumas dificuldades. Em primeiro lugar, qual seria a origem e o sentido do uso apodótico de ἀλλά? Conforme brevemente ilustrado acima, em Homero, ἀλλά apodótico não necessariamente responde a uma prótase negativa (o que o aproximaria do sentido conectivo eliminativo que lhe seria básico) e nem sempre

⁷⁹ Também em orações finais: *HF* 3331, *Or.* 1562.

tem sentido escalar (K 226). Até onde sei, um estudo detalhado de ἄλλᾶ apodótico em Homero e além ainda não foi realizado. Tal estudo, combinado com uma análise completa de ἄλλᾶ adverbial na poesia e na prosa, seria essencial para entender a história da partícula.

Ruijgh sugere uma evolução diferente da proposta por Denniston. Se o neutro plural ἄλλα deu origem a um advérbio, foi do advérbio que se fez o conectivo, e o emprego apodótico manteria uma função adverbial da partícula que é mais antiga do que a conectiva (1971, p. 785)⁸⁰.

Enfim, a partir dos poucos exemplos encontrados na tragédia e na comédia, não seria fácil tentar desvendar a evolução diacrônica do adjetivo ἄλλος em direção à partícula discursiva-estrutural ἄλλᾶ em detalhes⁸¹, mas é natural pensar, de acordo com o princípio básico de que a gramaticalização leva a um aumento de escopo de camadas mais baixas a camadas mais altas, que ἄλλᾶ como partícula de foco, com escopo sobre a camada do Conteúdo Comunicado, seja um elo importante nessa cadeia de mudanças semânticas.

2.3 CONCLUSÃO

Como a partícula adversativa mais frequente em grego antigo, ἄλλᾶ tem como principal função articular relações de contraste entre unidades discursivas. O falante pode usar ἄλλᾶ para substituir algo que ele considera não ser o caso pelo que ele pensa ser correto. De outro modo, ἄλλᾶ também pode cancelar inferências ou possíveis implicações do segmento discursivo anterior, seja ele de responsabilidade do próprio

⁸⁰ Pace Bakker (1988, p. 234): “One might suppose that *alla* introducing an apodosis points to co-ordination (see Ruijgh 1971:712,785). And the adversative co-ordinate relation between two (independent) clauses is indeed semantically compatible with the concessive conditional. However, many *ei per*-clauses contain the subjunctive mood, the subordination-mood par excellence. This would seem to point to an adverbial status of *alla* ('nevertheless'). Perhaps the dilemma may be solved in diachronic terms: synchronically, apodotic *alla* is adverbial, whereas diachronically it has the function of a coordinator.” Seguindo essa lógica, contabilizo como partículas de foco as ocorrências de ἄλλᾶ apodótico em Eurípides. Por fim, também conto como adverbiais as ocorrências da partícula nas combinações οὐ γὰρ ἄλλᾶ (*Supp.* 570, *IT* 1005, *Ba.* 785) e οὐ μήν... ἄλλᾶ (*IT* 631).

⁸¹ Do ponto de vista formal, no caminho da gramaticalização, a forma do neutro plural sofreu um deslocamento de acento, fato que, noutros contextos, pode ser usado para derivar internamente as palavras (p.ex. τομός [adj.] vs. τόμος [subst.]). Para Ruijgh, essa mudança no acento se deve ao caráter quase proclítico da partícula (1971, p. 785).

falante, seja em desafio à fala de seu interlocutor. Como contraste discursivo, ἄλλὰ indica o início de um novo *move*, uma nova etapa da argumentação ou da narração, às vezes, com descontinuidade temática, ou seja, ἄλλὰ pode marcar uma ruptura no discurso. Além disso, ἄλλὰ pode, ocasionalmente, responder ao não-verbal, expressando uma objeção a um comportamento ou uma situação.

Ademais, a tragédia de Eurípides também conserva um uso residual de ἄλλὰ, no qual a partícula não tem função conectiva de articular atos e *moves* no discurso, mas sim opera na camada do Conteúdo Comunicado, organizando o conteúdo semântico que o falante quer comunicar. Conforme indica a etimologia da partícula, ἄλλὰ tem origem no neutro plural ἄλλα ‘outras coisas’, ou seja, ela é resultado de um processo de pragmaticalização de um item do Nível Representacional da língua. No grego clássico e em Eurípides, encontramos ἄλλὰ tanto com função relacionada à estrutura informacional, quanto com função conectiva, relacionada à estrutura do discurso. Não são claros, no entanto, os detalhes do percurso diacrônico da partícula do Nível Representacional para o Nível Interpessoal e das camadas mais baixas às mais altas.

A tabela a seguir contabiliza as ocorrências de ἄλλὰ por tipo distinguido e peça analisada:

Tabela 3 – Tipos de ἄλλὰ por peça analisada

	Substituição	Negação de inferência	Réplica	Contraste discursivo	Não- verbal	Partícula de foco	Total
<i>Cyc.</i>	5	3	2	10	0	1	21
<i>Alc.</i>	18	11	7	18	0	0	54
<i>Med.</i>	20	14	4	25	1	2	66
<i>Heracl.</i>	25	17	2	20	0	1	65
<i>Hipp.</i>	17	12	0	18	0	0	47
<i>And.</i>	26	10	2	12	0	0	50
<i>Hec.</i>	19	11	3	13	0	2	48
<i>Supp.</i>	12	9	4	10	0	1	36
<i>El.</i>	10	10	3	22	1	0	46
<i>HF</i>	14	11	2	16	0	1	44
<i>Tr.</i>	13	5	1	14	0	0	33
<i>IT</i>	8	8	4	21	1	2	44
<i>Ion</i>	14	2	6	16	2	3	43

<i>Hel.</i>	14	12	5	15	1	1	48
<i>Ph.</i>	15	16	7	26	0	5	69
<i>Or.</i>	18	11	9	20	1	1	60
<i>Ba.</i>	11	9	5	14	0	1	40
Total	259	171	66	290	7	21	814

Por esses números, é possível perceber que o uso não-conectivo de ἀλλά é, de fato, marginal. Além disso, articulada ao não-verbal, a partícula também é rara.

A maior parte das ocorrências se divide entre os outros subtipos de maneira quase equilibrada (considerando que negação de inferência comum e réplica são ambos contraexpectativos). Algumas tragédias, no entanto, têm números destoantes. A *Ifigênia em Táuris*, por exemplo, tem 21 contrastes discursivos contra apenas 8 substituições, o que poderia ser talvez interpretado como um indicativo de menos debates argumentativos e mais fluidez no enredo dessa peça. Na *Andrômaca*, por outro lado, as substituições são 26 contra 12 contrastes discursivos, números que parecem naturais no contexto das discussões acirradas dessa tragédia, com os *agones* entre Andrômaca e Hermione, Peleu e Menelau e Andrômaca e Menelau.

3 ATÁP

3.1 REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com a descrição comumente referida de Denniston, a partícula grega *ἀτάρ* apresenta dois valores básicos: um adversativo e outro progressivo. No sentido adversativo, *ἀτάρ* seria um intermediário entre as adversativas eliminativas *ἀλλά* e *μέν οὐν* e as adversativas balanceadoras, como *δέ* e *μέντοι* (1996, p. xlix). Um uso específico de *ἀτάρ* destacado por Denniston é aquele empregado pelos escritores áticos para marcar uma ruptura, uma brusca mudança de tópico (ibid., p. 52). Nesse sentido progressivo, que expressaria um movimento de pensamento (ibid., p. xlvii), *ἀτάρ* teria pouca ou nenhuma ideia de contraste. O autor também afirma que a combinação *μέν ... ἀτάρ* pode expressar desde forte oposição à mera adição.

Para Hartung, *αὐτάρ* e *ἀτάρ* são sinônimos de *δέ* (1832, vol. I, p. 383). A função de *αὐτάρ* seria sinalizar transições rápidas, ou revelar um contraste, ou denotar o rápido progresso da ação (ibid., p. 441-442). Já *ἀτάρ* indicaria ao ouvinte que o conteúdo da fala é novo ou surpreendente (ibid., p. 442). Bäumlein, por sua vez, distingue dois usos de *ἀτάρ*: o primeiro equivaleria a um *δέ* mais enfático e o segundo seria um uso especial do ático em perguntas que podem pôr em causa até mesmo o próprio discurso em andamento, descartando a sequência anterior e introduzindo uma nova (1861, p.52-53).

Outros autores descrevem *ἀτάρ* de modo semelhante. Em seu manual de partículas gregas, Daniel Labéy diz que *ἀτάρ* é empregado sobretudo nos diálogos para marcar uma brusca mudança de assunto (1950, p. 24), opinião compartilhada por Humbert, que afirma ser esse o emprego mais característico de *ἀτάρ* no ático (1960, p. 385). Também López Eire entende que *ἀτάρ* é um indicador conversacional que serve para interromper bruscamente o curso de um pensamento e sinalizar que se passa a outro assunto (1996, p. 130).

Para Monro, *αὐτάρ* e *ἀτάρ* homéricos “expressam uma oposição mais branda que ‘ἀλλά’ e são “frequentemente usadas como partículas de transição” (1974, p. 308). Ideia semelhante é apresentada por Chantraine, para quem *ἀτάρ* pode marcar tanto uma verdadeira oposição, quanto uma passagem a uma nova ideia (1999, p. 132).

Para Ruijgh, *ἀτάρ* é um coordenante adversativo (1971, p. 67). Sua descrição, apesar de utilizar um referencial teórico diferente, é equivalente à de Denniston. Após

classificar δέ como um coordenante essencialmente transitivo, cuja função é marcar uma transição a um novo fato (ibid., p. 128), o autor afirma que ἀτάρ tem um valor fundamental de oposição, mas também apresenta um uso transitivo secundário:

La particule ἀτάρ, qui est beaucoup moins fréquente que δέ, se place sous la même rubrique que δέ, mais sa valeur fondamentale est oppositive, tandis que l'emploi transitif est secondaire: on pourrait décrire ἀτάρ comme coordonnant oppositif-transitif, δέ comme coordonnant transitif-oppositif. (ibid., p. 135)

Ainda segundo Ruijgh, ἀτάρ seria a contrapartida jônica da forma acaica αὐτάρ, sendo ambas as formas empregadas como alternativas métricas no hexâmetro homérico (ibid., p. 139). Em geral, admite-se que αὐτάρ e ἀτάρ são palavras de origem diferente, com especificidades de uso, mas que se influenciaram mutuamente graças à semelhança sincrônica⁸². Na etimologia de ἀτάρ, menos controversa que a de αὐτάρ⁸³, estariam contidas as partículas *at (cf. lat. *at*) e *r (gr. ἄρ(α))⁸⁴. Para Humbert, esse elemento etimológico adversativo *at* explicaria o emprego de ἀτάρ para marcar rupturas (op. Cit., p. 384-285).

Mais original em sua descrição, Katz afirma que ἀτάρ “lança uma nova luz ou oferece um segundo ponto de vista sobre uma cena que está sendo descrita” (2007, p.73)⁸⁵. O autor, no entanto, não dá exemplos, e nem explica como funciona e o que significa “lançar uma nova luz ou oferecer um segundo ponto de vista sobre uma cena”.

Para Souletis, a função específica de αὐτάρ/ἀτάρ na *Iliáda* é realizar uma “ligação por transição temática de duas unidades discursivas” (1998, p. 96), e o par serve especificamente para o que ela chama de “articulação cênica dos personagens” (ibid., p. 99). Observando a alta incidência de nomes próprios e pronomes pessoais em sequências introduzidas por αὐτάρ e ἀτάρ, a autora afirma que essas partículas marcam

⁸² Sobre o caráter formular que diferenciaria αὐτάρ, vide Ruijgh (1957, p. 29-55). Para Hoekstra, ἀτάρ é usada em Homero principalmente para “afrouxar a estrutura formular por meio de enjambment” (1965, p. 109).

⁸³ Discute-se sobretudo se αὐτάρ é uma combinação de αὐτε (ou αὐτι) e ἄρ(α) ou uma combinação de αὐ e ταρ. Para a primeira possibilidade, vide Hartung (1832, vol. I, p. 156), Bäumlein (1861, p. 50), Denniston (1996, p. 55), Snell (1955, p. 1564), Humbert (1960, p. 384), Chantraine (1999, p. 137), Ruijgh (1971, p. 716), Beekes (2010, p. 167). Para a segunda, Katz (2007, p. 65-79) e Souletis (1998, p. 195-200).

⁸⁴ Denniston (1996, p. 51), Snell (1959, p. 1475), Humbert (1960, p. 384), Ruijgh (1971, p. 714), Dunkel (1988, p. 54), Chantraine (1999, p. 132), Katz (2007, p. 67), Beekes (2010, p. 161) e Dunkel (2014, p. 87). Uma segmentação diferente (α-ταρ) é proposta por Souletis (1998, p. 195-200).

⁸⁵ Em inglês, “cast a new light or give a second perspective on a scene that is in the process of being described” (2007, p.73).

entradas e saídas de personagens em cena, articulando ao mesmo tempo as mudanças de atores e as mudanças de cena de um ponto de vista temporal (ibid., p.143-200).

Em artigo posterior, a autora vai mais longe ao dizer que αὐτάρ não parece ter valor opositivo na maioria das ocorrências (JULIA, 2001, p. 89)⁸⁶. No caso de ἀτάρ, a autora também afirma ser “preferível falar de ruptura do que de oposição, já que a maioria das ocorrências indica sobretudo uma mudança, mais ou menos radical, no encadeamento dos episódios ou fatos” (ibid., p. 91). E acrescenta:

“Il ne s’agit ni d’articuler un épisode à un précédent, ni de les opposer fortement, mais la particule introduit une rupture dans un même épisode, indique l’interruption brusque d’une scène, sans succession de scène, une sorte de parenthèse dans le flux narratif” (2001, p. 92).

Com uma abordagem cognitiva, Bonifazi (2012) examina os marcadores discursivos αὖ, αὖτε e αὐτάρ⁸⁷ em Homero e chega a conclusões que, em parte, corroboram os *insights* de Julia. Aproveitando a divisão de três níveis linguísticos (representacional, apresentacional e interacional) proposta por Kroon, Bonifazi argumenta que os três marcadores discursivos operam tanto nos níveis apresentacional, como interacional. Suas funções apresentacionais básicas seriam duas, a saber, marcar focos paralelos em movimentos visuais (“de um lado”, “de outro”, “e então”) e selecionar um indivíduo ou grupo de entre uma pluralidade de personagens (“zoom in”). Na primeira dessas funções, os marcadores αὖ, αὖτε e αὐτάρ teriam três usos específicos: a) introduzir um fio secundário do discurso; b) voltar ao fio principal do discurso após uma digressão, símile, ou qualquer outra interrupção; c) iniciar novos fios do discurso ou novas seções narrativas – função em que αὐτάρ parece se especializar (p. 230-236). Na segunda função apresentacional sugerida pela autora, estariam as frequentes ocorrências de αὐτάρ + nome próprio, que convidariam os ouvintes a focarem nas ações ou no estado mental do herói ou deus em questão (2012, p. 239-240; 2008, p. 55). A autora, além do mais, vê ‘perfeita harmonia’ (p. 259) entre a sua leitura

⁸⁶ Cabe esclarecer que a Marie-Ange Souletis e a Marie-Ange Julia referidas na bibliografia são a mesma pessoa.

⁸⁷ Bonifazi rejeita o termo ‘partícula’ em favor de ‘marcador discursivo’ por considerar que o termo é impreciso e remete a uma tradição filológica que ignora a pragmática e dá primazia ao valor semântico imanente das unidades linguísticas (2012, p. 201-201). A autora acrescenta ainda que a rubrica ‘marcador discursivo’ também abarca advérbios em função não proposicional. O termo ‘partícula’ volta a ser admitido por ela em *Particles in Ancient Greek Discourse* (BONIFAZI; DRUMMEN; KREIJ, 2016, I.1)

de αὐτάρ como marcador de descontinuidades verbais e visuais e o sentido básico que Kroon dá para *autem* de ‘distinção’ (*distinctiveness*).

Já nas funções interacionais, os marcadores discursivos αὖ, αὖτε e αὐτάρ acompanhariam segmentos contrários à expectativa do ouvinte, ou segmentos com os quais o falante enfaticamente se identifica, ou ambos (p. 246). No plano teórico, Bonifazi também observa que as funções apresentacionais e interacionais dos marcadores discursivos frequentemente se sobrepõem nos usos reais da língua (p. 196).

Especificamente sobre ἄτάρ, que não é o foco do estudo de Bonifazi, a autora afirma que a partícula, em Homero, tem uma função basicamente interacional, comparável à do *at* latino, tal como descrito por Kroon:

ἄτάρ has its own range of pragmatic functions, which are not shared by αὐτάρ. In particular, ἄτάρ typically signals a frustration of expectations; the flow of discourse is interrupted by the introduction of a comment, or an exclamation, or a self-correction [...]. ἄτάρ has a much less visual power of evocation, and it is never used as a presentational mark of entirely new discourse units. (p. 212, n.84)

Em artigo anterior, Bonifazi especificara que o ἄτάρ épico tem significados processual e interpessoal, na medida em que ajusta as declarações anteriores e adverte sobre uma possível frustração de expectativa da parte do destinatário (2009, p.31).

Também usando o modelo de análise de Kroon, Inglese (no prelo) tenta descrever a evolução histórica de ἄτάρ de Homero ao ático de Eurípides e Aristófanes. Segundo o autor, a partícula teria evoluído do status de um mero conectivo, marcando oposição semântica no nível representacional da língua em Homero, para um marcador discursivo com diferentes funções nos níveis apresentacional e interacional, no grego clássico. Os exemplos que ele arrola de ἄτάρ homérico, no entanto, não sustentam suas conclusões: é possível argumentar funções apresentacionais e/ou interacionais para todas as passagens citadas pelo autor. O próprio Inglese admite que ἄτάρ em *Il.* XXI.41 introduz novo tópico, isto é, está relacionado à estrutura temática do discurso, e que passagens como *Il.* XVI.441 e *Il.* XXIV.242 não são “inteiramente consistentes” com o seu modelo. Além disso, a duras penas, o autor rejeita a interpretação de ἄτάρ em passagens como *Il.* XXIII 104 e *E. Tr.* 344⁸⁸ como marcador de negação de expectativa, na tentativa de evitar uma suposta inadequação de sua descrição ao mapa semântico de

⁸⁸ Voltarei à discussão dessa passagem específica a seguir, em 3.2.2.

relações adversativas proposto por Mauri⁸⁹. Por essas razões, não me convencem as conclusões de Inglese sobre a diacronia de ἄτάρ, ainda que nossas análises da partícula no drama tenham muitos pontos de contato.

Especificamente em sua interpretação do papel de ἄτάρ na estrutura dos diálogos, Inglese se aproxima das leituras de Annemieke Drummen, que diz que ἄτάρ introduz novas sequências conversacionais e pode sinalizar o início de um novo par adjacente (2016, III.4 §39). Observando que ἄτάρ costuma aparecer não no início, mas no meio do turno, ela explica que o falante usa essa partícula para sinalizar que está pronto para passar para um novo ponto, depois de responder à fala anterior.

Após Homero, αὐτάρ tem poucas atestações: a partícula aparece em inscrições epigráficas cipriotas, em paródias cômicas e em autores cuja elocução se aproxima da homérica, como Alceu, Apolônio de Rodes e Teócrito. ἄτάρ, por sua vez, é esporadicamente usado em autores do período clássico, como Platão, Heródoto e Xenofonte, ainda que esteja totalmente ausente de Tucídides, Aristóteles e dos oradores. Na tragédia, a partícula é rara em Ésquilo e em Sófocles (apenas 3 ocorrências em cada um deles), mas ocorre 33 vezes nos dramas completos de Eurípides⁹⁰ e 47 vezes nas peças completas de Aristófanes. No que se segue, analisarei todas as ocorrências de ἄτάρ nos dramas completos levando em consideração os dois parâmetros principais definidos na Introdução (cap. 1): a posição da partícula na estrutura de *moves* e atos discursivos e o tipo de contraste que ela estabelece entre essas unidades. Aqui, a solução proposta para escapar da dicotomia de valores progressivo e adversativo da partícula é perceber que o ἄτάρ dito progressivo também marca uma espécie de contraste, não entre o conteúdo proposicional das unidades relacionadas, mas entre as diferentes sessões estruturais do texto. É esse, com efeito, o uso de ἄτάρ mais comum no meu corpus.

⁸⁹ “If a coordinating marker is used to express more than one contrast relation, it will convey relations which stand close to each other in the conceptual space.” (MAURI, 2008, p. 130). Segundo a autora, o espaço conceitual das relações de contraste se organizaria da seguinte forma:

OPPOSITION . . . CORRECTION . . . DENIAL OF AN EXPECTATION.

Esse esquema, no entanto, baseia-se em um entendimento da relação de negação de expectativa diferente do que é aqui proposto. Para Mauri, frases como “Paul is rich, but Mike is poor” são exemplos de negação de expectativa. Por essa razão, a autora considera que conjunções como al. *aber* e fr. *mais* não expressam relação de oposição, mas apenas de negação de expectativa no primeiro caso, e negação de expectativa e correção no segundo. Um mapa semântico alternativo das relações de contraste é sugerido por Malchukov (2004). No caso do estudo de Inglese, o que gera o impasse para ele é a sua interpretação de ἄτάρ como primariamente um marcador de oposição (relação não contígua à negação de expectativa).

⁹⁰ Nos fragmentos de Eurípides, a partícula aparece ainda duas vezes, porém sem contexto suficiente (fr. 1037), ou em trecho excessivamente corrompido (fr. 901). Uma terceira ocorrência de ἄτάρ nos fragmentos que aparece na busca do TLG e que foi contabilizada na lista de frequências de Bonifazi, Drummen e Kreij (2016) é, na verdade, um arroubo divinatório de Page (1950), do qual o papiro não mostra qualquer traço. Não há ocorrência de ἄτάρ nos fragmentos de Ésquilo, Sófocles e Aristófanes.

3.2 NEGAÇÃO DE INFERÊNCIA

Começando a partir das relações de contraste entre unidades discursivas menores, distingue-se, em primeiro lugar, um uso de *ἀτάρ* como expressão de negação de inferência. Nos trágicos, o mais típico é que uma sequência *ἀτάρ B* contrarie uma possível inferência de uma sequência *μέν A*. Além disso, as duas proposições em contraste também podem conter focos ou tópicos contrastivos marcados por *γε*. Com uma única possível exceção, a partícula *ἀτάρ*, nesses casos, relaciona atos discursivos, e não moves. As dez passagens da tragédia são as seguintes:

1) *Hipp.* 1249-1254

δοῦλος *μέν* οὖν ἔγωγε σῶν δόμων, ἄναξ,
ἀτάρ τοσοῦτόν γ' οὐ δυνήσομαί ποτε,
 τὸν σὸν πιθέσθαι παῖδ' ὅπως ἐστὶν κακός,
 οὐδ' εἰ γυναικῶν πᾶν κρεμασθεῖη γένος
 καὶ τὴν ἐν Ἰδῇ γραμμάτων πλήσειέ τις
 πεύκην· ἐπεὶ νιν ἐσθλὸν ὄντ' ἐπίσταμαι.

Escravo, de fato, sou eu na tua casa, senhor,
 entretanto, de tal coisa eu jamais seria capaz:
 acreditar que o teu filho fosse vil,
 nem se todo o gênero das mulheres se enforcasse
 e alguém preenchesse com letras todo o pinho
 do Monte Ida – porquanto sei que ele era bom.

A relação de negação de inferência envolve duas proposições, em que a primeira favorece uma conclusão, e a segunda refuta essa mesma conclusão. É a conjunção entre as duas proposições por *ἀτάρ* que desencadeia a procura pela inferência suscitada pela primeira proposição à qual a segunda proposição se opõe. Ao começar dizendo que é apenas um escravo na casa de Teseu, o Servo parece admitir que não lhe cabe contrariar a opinião do seu mestre sobre o caráter de Hipólito. E, no entanto, ele o faz, quando afirma que jamais acreditaria que Hipólito fosse vil.

2) *Tr.* 343-345

{Εκ.} Ἦφαιστε, δαιδουχεῖς *μέν* ἐν γάμοις βροτῶν,
ἀτάρ λυγρὰν γε τήνδ' ἀναιθύσσεις φλόγα
 ἔξω τε μεγάλων ἐλπίδων.

Hécuba: Hefesto, és porta-tochas nas bodas dos homens,

mas essa chama que atijas é funesta
e longe de grandes esperanças.
(Trad. Christian Werner)

O trecho traz a reação de Hécuba ao delírio de Cassandra, que entrara em cena brandindo uma tocha. Ao afirmar que Hefesto ilumina as bodas dos mortais, Hécuba implica ser propícia a tocha do deus, mas logo contraria esse pressuposto, qualificando como *λυγρὰν* a tocha que Cassandra traz. Nessa colocação, *μέν* projeta a próxima unidade discursiva⁹¹, enquanto *ἀτάρ* introduz o contraste, e *γε* focaliza o aspecto em que o segundo segmento contraria a inferência do primeiro. Cada partícula contribui com sua função específica, mas a combinação das três ilumina o sentido de negação de inferência da conexão.

3) Tr. 408-416

Move	{Τα.} εἰ μή σ' Ἀπόλλων ἐξεβάκχευσεν φρένας, οὐ τᾶν ἀμισθὶ τοὺς ἐμοὺς στρατηλάτας τοιαῖσδε φήμαις ἐξέπεμπες ἄν χθονός.
Move	ἀτάρ τὰ σεμνὰ καὶ δοκήμασιν σοφὰ οὐδέν τι κρείσσω τῶν τὸ μηδὲν ἦν ἄρα. ὁ γὰρ μέγιστος τῶν Πανελλήνων ἄναξ, Ἀτρέως φίλος παῖς, τῆσδ' ἔρωτ' ἐξαίρετον μαινάδος ὑπέστη· καὶ πένης μέν εἰμ' ἐγώ, ἀτάρ λέχος γε τῆσδ' ἄν οὐκ ἡτιθάμην.

Não tivesse Apolo feito bacante teu espírito,
não gratuitamente meus comandantes
enviarias desta terra com tais rumores.
Ora, o grandioso e o que parece arguto
em nada são mais fortes do que a nulidade.
O grande senhor de todos os helenos,
o amado filho de Atreu, ao desejo que elege essa
mênade submete-se: eu sou reles,
mas o leito dessa aí eu não solicitaria.
(Trad. Christian Werner)

No excerto, o primeiro *move* de Taltíbio é sua reação imediata ao delírio de Cassandra (vv. 308-405). Dela o arauto passa a uma tese sobre as τὰ σεμνὰ καὶ δοκήμασιν σοφὰ⁹², demonstrada, no segmento introduzidos por γάρ, por duas

⁹¹ Sobre μέν em projeções, cf. Bakker (1993, p. 298-299; 1997, p. 80-87), Kreij (2016, II.2 §§46-62) e Drummen (2016, III.4 §§28-30, 55).

⁹² Para a função de ἀτάρ no verso 411, vide infra.

evidências: de um lado, a má escolha de Agamêmnon, de outro, a suposta sabedoria de Taltíbio de, em hipótese, recusar o leito de Cassandra. É curiosa a inferência deduzida da relação entre as duas proposições correlacionadas por μέν...ἀλλά γε: sendo um homem pobre, Taltíbio deveria se dar por mais do que satisfeito de um dia se casar com uma princesa, coisa que ele refuta.

4) *Med.* 78-84

(...)Troca	Move	{Τρ.} ἀπωλόμεσθ' ἄρ', εἰ κακὸν προσοίσομεν νέον παλαιῶι, πρὶν τόδ' ἐξηγνηκέναι.
Troca	Move	{Πα.} ἀτὰρ σύ γ', οὐ γὰρ καιρὸς εἰδέναι τόδε δέσποιναν, ἡσύχαζε καὶ σίγα λόγον.
Troca	Move	{Τρ.} ὦ τέκν', ἀκούεθ' οἷος εἰς ὑμᾶς πατήρ; ὅλοιτο μὲν μή· δεσπότης γάρ ἐστ' ἐμός· ἀτὰρ κακός γ' ὢν ἐς φίλους ἀλίσκεται.
	Move	

Nutriz: Morremos, se novo mal juntarmos
ao antigo, antes de secar a sentina.

Preceptor: Não é hora de a senhora saber disto,
mantém a calma tu, e cala a palavra.

Nutriz: Ó filhos, ouvis como é o vosso pai?

Morra... não, pois é o meu senhor,
mas é pego sendo mau para os seus.

(Trad. Jaa Torrano)

Com o primeiro ἀλλά do trecho, no verso 80, o Pedagogo interrompe a troca em curso na tentativa de conter os arroubos da Ama, pois não quer que Medeia já tome conhecimento da decisão de Creonte. Dito de outra maneira, esse ἀλλά, que é o único em início de turno em Eurípides, responde ao não-verbal (ao barulho que a Ama faz). A Ama, no entanto, ignora o apelo do Pedagogo e continua a se lamentar, primeiro dirigindo-se às crianças (v. 82) e depois quase amaldiçoando Jasão (v. 83-84). O advérbio μή insolitamente posicionado depois de ὅλοιτο sugere que a Ama iria amaldiçoar Jasão, mas desistiu, ao lembrar de sua posição. A partícula μέν, por sua vez, prepara para a negação de inferência introduzida por ἀλλά.

Em Eurípides, uma única vez, ἀλλά γε sinaliza uma negação de inferência sem ser precedido por μέν. Trata-se de uma passagem esticomítica do êxodo de *Hipólito*:

5) *Hipp.* 1397-1398

{Ιπ.} οὐκ ἔστι σοι κυναγὸς οὐδ' ὑπηρέτης.

{Αρ.} οὐ **δῆτ'**· **ἀτὰρ** μοι προσφιλὴς γ' ἀπόλλυσαι.

HIPÓLITO. Não mais tens teu caçador, nem teu servo.

ÁRTEMIS. Não, de fato. Mas me és amado, mesmo morrendo.

No trecho, a relação de negação de inferência se dá na medida em que o reconhecimento de que Hipólito está morrendo poderia fazer supor que ele já seria completamente irrelevante, o que é negado pela declaração de afeto de Ártemis. Em lugar da esperada proposição com μέν, ἀλλά aqui responde à negação οὐ δῆτα, corriqueiramente encontrada nos diálogos dramáticos e em Platão (GP 274).

Ainda antecedido por μέν, a partícula ἀλλά também pode sinalizar negação de inferência em Sófocles e no *Prometheus Vincitus*, atribuído a Ésquilo. O exemplo mais claro disso está nas *Traquínias*:

6) S. Tr. 49-57

{ΔΟΥΛΗ ΤΡΟΦΟΣ}

Δέσποινα Δηάνειρα, πολλὰ μέν σ' ἐγὼ
κατεῖδον ἤδη πανδάκρυτ' ὀδύρματα
τὴν Ἡράκλειον ἔξοδον γοωμένην·
νῦν δ', εἰ δίκαιον τοὺς ἐλευθέρους φρενοῦν
γνώμασι δούλαις, κἀμὲ χρὴ φράσαι τὸ σόν·
πῶς παισὶ μέν τοσοῖσδε πληθύνεις, ἀλλά
ἀνδρὸς κατὰ ζήτησιν οὐ πέμπεις τινά,
μάλιστα δ' ὄνπερ εἰκὸς Ὑλλον, εἰ πατρὸς
νέμοι τιν' ὥραν τοῦ καλῶς πράσσειν δοκεῖν;

Ama: Dejanira, minha ama, muitas são já as vezes que te vejo desfeita em lágrimas e gemidos, chorando a ausência de Hércules. Agora, porém, se é lícito chamar à razão homens livres através de conselhos de um escravo, necessário se torna, pois, que eu te fale das tuas aflições. Como é que tu, com tantos filhos como os teus, não envias então um deles à procura do teu esposo? E não é Hilo o mais indicado, se o inquieta saber se o pai está bem?

(Trad. Maria do Céu Zambujo Fialho)

A pergunta da Ama é retórica e contém, na verdade, um argumento para estimular Dejanira a mandar Hilo em busca do pai. Na lógica da Ama, o fato de Dejanira ter muitos filhos naturalmente leva à conclusão de que ela poderia enviar algum deles à procura do pai – é com base nessa inferência que se constrói o contraste marcado por μέν...ἀλλά e a própria sugestão da Ama de enviar Hilo.

7) S. Tr. 756-762

{ΥΛ.}

(...) Μέλλοντι δ' αὐτῷ πολυθύτους τεύχειν σφαγὰς
κῆρυξ ἀπ' οἴκων ἔκετ' οἰκεῖος Λίχας,
τὸ σὸν φέρων δώρημα, θανάσιμον πέπλον·

ὄν κείνος ἐνδύς, ὥς σὺ προὔξεφίεσο,
 ταυροκτονεῖ **μὲν** δώδεκ' ἐντελεῖς ἔχων
 λείας ἀπαρχὴν βοῦς· **ἀτάρ** τὰ πάνθ' ὁμοῦ
 ἑκατὸν προσῆγε συμμιγῇ βοσκήματα.

Preparava-se para iniciar o sacrifício múltiplo das vítimas, quando junto dele chega então Licas, o seu próprio arauto, que vinha aqui do palácio e consigo levava a tua oferta – o peplo fatal. Veste-o, conforme tinhas recomendado, procede ao sacrifício de doze bois sem mácula, primícias dos despojos; mas trazia, ao todo, um rebanho misto de cem cabeças (...)

(Trad. de Maria do Céu Zambujo Fialho, com alterações)

Nesse trecho, o contraste se dá entre o número de bois que Héracles sacrifica primeiro e o total de animais que ele teria para sacrificar. A inferência possivelmente negada aqui é que Héracles sacrificaria apenas os doze bois com os quais ele começa, mas Hilo deixa claro que o herói tinha mais animais à sua disposição. Contrariando a lógica mais restrita, a primeira proposição **μὲν** A já indica que os doze bois são apenas o início dos sacrifícios (**ἀπαρχὴν**), o que **ἀτάρ** B confirma e especifica.

8) S. OT 1047-1053

{OI.} Ἦστιν τις ὑμῶν τῶν παρεστώτων πέλας,
 ὅστις κάτοιδε τὸν βοτῆρ' ὃν ἐννέπει,
 εἴτ' οὖν ἐπ' ἀγρῶν εἴτε κἀνθάδ' εἰσιδῶν;
 σημήναθ', ὥς ὁ καιρὸς ηὔρησθαι τάδε.
 {XO.} Οἶμαι **μὲν** οὐδέν' ἄλλον ἢ τὸν ἐξ ἀγρῶν
 ὃν κἀμάτευες πρόσθεν εἰσιδεῖν· **ἀτάρ**
 ἦδ' ἂν τάδ' οὐχ ἥκιστ' ἂν Ἰοκάστη λέγοι.

Édipo: Há alguém entre vós, aqui presente, que conheça o pastor a que ele se refere, por tê-lo visto nos campos ou aqui? Falai, chegou a hora de desvendar estes mistérios.

Coro: Nenhum outro conheço além do que habita no campo e que desde há pouco procuras avistar; no entanto, a própria Jocasta, destes assuntos muito mais te poder dizer.

(Trad. Maria do Céu Zambujo Fialho)

A partícula **ἀτάρ** aqui aparece no característico εἶδος Σοφόκλειον, em que a expressão em fim de verso é sintática e semanticamente dependente do verso seguinte, e a unidade discursiva extrapola o limite da unidade rítmica⁹³. Após **ἀτάρ**, o pronome

⁹³ Em seu estudo sobre a pragmática da ordem de palavras na tragédia clássica, Helma Dik observa que essas quebras de versos, ao separar unidades sintáticas, servem para destacar elementos pragmaticamente marcados no início do verso seguinte (2007, p. 219). Sobre o εἶδος Σοφόκλειον, cf. DESCROIX, 1931, p. 288-295 e SCHEIN, 1979, p. 45, 51.

dêitico em início de verso realça a presença de Jocasta, que se mantivera quieta durante o diálogo de Édipo com o mensageiro. Nesse contexto, a partícula *ἀτάρ* está relacionada à visão de uma personagem em cena, em contexto comparável ao que Bonifazi descreve para o *αὐτάρ* homérico (2012)⁹⁴. Mas *ἀτάρ* aqui não marca apenas uma mudança de foco visual, pois também há um contraste entre a insegurança do Coro quanto à sua própria opinião (*οἶμαι*) e a sua confiança no que Jocasta poderá dizer (*οὐχ ἥκιστ' ἂν λέγοι*). A partir da primeira proposição, infere-se que o Coro pode bem responder à pergunta de Édipo, o que é contrariado pela segunda proposição. Por outro lado, além de sinalizar esse contraste localizado entre os dois atos discursivos, essa fala do Coro também desempenha uma função na organização global da cena, ao articular dois grandes blocos do terceiro episódio: os diálogos inquisitivos que Édipo tem primeiro com o mensageiro (vv. 957-1046) e depois com Jocasta (vv. 1054-1072). Dito de outra forma, esse *ἀτάρ* ilustra como o sentido de negação de inferência pode resvalar para um contraste discursivo.

Finalmente, no *Prometheus Vincitus*, a partícula *ἀτάρ* ocorre mais duas vezes. Na primeira, na recusa de Prometeu à oferta de ajuda de Oceano:

9) PV 340-343⁹⁵

{ΠΡΟΜΗΘΕΥΣ} τὰ μὲν σ' ἐπαινῶ κοῦδαμῇ λήξω ποτέ,
προθυμίας γὰρ οὐδὲν ἐλλείπεις· *ἀτάρ*
μηδὲν πόνει. Μάτην γὰρ οὐδὲν ὠφελῶν
ἐμοὶ πονήσεις, εἴ τι καὶ πονεῖν θέλεις.

Prometeu: Por isso te louvo e nunca esquecerei,
não omite nenhuma diligência, mas
não te fadigues, não me servem nada
tuas fadigas, se ainda queres fadigar-te.
(Trad. Jaa Torrano)

Novamente, o contraste se constrói como estratégia de polidez. Antes de recusar a oferta de ajuda de Oceano, Prometeu elogia a boa vontade do deus⁹⁶. O seu elogio poderia fazer supor que Prometeu gostaria que Oceano persistisse na sua intenção, e é essa inferência que é negada com *μὲν...ἀτάρ*⁹⁷. Mais interessante aqui é que a negação

⁹⁴ Vide também *Ba.* 248, citada a seguir.

⁹⁵ Para os textos de Ésquilo, cito sempre a edição de Denys Page (1972).

⁹⁶ A glosa de Griffith me parece especialmente conveniente: τὰ μὲν σ' ἐπαινῶ como 'In one respect I praise you...' (1983, p. 148).

⁹⁷ Mais curiosa, nessa passagem, é a posição da partícula, no que Griffith qualifica como um "abrupt Sophoclean enjambment" (1983, p. 148). Assim como com outros argumentos estilísticos contra a

de inferência se dá entre atos de fala diferentes (ato de fala expressivo de elogio: ato de fala diretivo).

A última ocorrência de *ἀτάρ* aparece na resposta de Hermes à inflexibilidade de Prometeu:

10) *PV* 1007-1013

{*ΕΡΜΗΣ*} λέγων ἔοικα πολλὰ καὶ μάτην ἐρεῖν,
τέγγη γὰρ οὐδὲν οὐδὲ μαλθάσση λιταῖς
ἐμαῖς, δακῶν δὲ στόμιον ὥς νεοζυγῆς
πῶλος βιάζη καὶ πρὸς ἡνίας μάχη.
ἀτάρ σφοδρύνη γ' ἄσθενεῖ σοφίσματι·
αὐθαδία γὰρ τῷ φρονοῦντι μὴ καλῶς
αὐτὴ κατ' αὐτὴν οὐδενὸς μείζον σθένει.

Hermes: Ao falar, pareço falar muito e em vão.
Não te tocam nem te abrandam minhas
preces, mas mordes o freio como potro
novo no jugo, infringes e rejeitas rédeas.
Prevaleces, porém, com frágil sofisma:
a obstinação do imprudente tem força
por si mesma não maior que nada.
(Trad. Jaa Torrano)

Hermes contrasta a força com que Prometeu resiste a qualquer apelo à fraqueza de seu argumento (sofίσμα). Do ímpeto de Prometeu contra Hermes, que é comparado ao de um potro recém-domado, poder-se-ia esperar uma razão robusta que o motivasse, coisa que é negada por Hermes.

Em oito passagens de Aristófanes, *ἀτάρ* também parece estabelecer uma relação de negação de inferência. As passagens são as seguintes:

11) *Ar. Ach.* 780-782

{*KO.*}: κοὶ κοῖ.
{*ME.*} Αὐτὰ 'στὶ χοῖρος;
{*ΔΙ.*} Νῦν **γε** χοῖρος φαίνεται.
Ἀτάρ ἐκτραφεῖς **γε** κύσθος ἔσται.

Moça: Coin, coin!

Megarense: Exa é uma bacurinha?

Justinópolis: Agora parece uma bacurinha.

Mas, quando crescê, vai sê uma perereca.

autenticidade da peça, poder-se-ia argumentar que esse recurso é um desenvolvimento tardio do estilo de Ésquilo, sob influência de Sófocles: é o que fazem Yorke (1936) e Herington (1970, p. 46-49), por exemplo.

(Trad. Ana Maria César Pompeu, com alterações)

Ao concordar com o Megarense que a garota, no momento, parece um χοῖρος, Diceópolis poderia fazer supor que ela assim permanecesse. No entanto, com ἀτάρ, ele articula dois tópicos contrastivos (marcados por γε), que limitam a validade de sua primeira afirmação.

A próxima passagem é especialmente interessante por trazer uma negação de inferência entre *moves*, e não entre atos discursivos. Também é a única no corpus aristofânico em que ἀτάρ responde a um μέν:

12) Ar. *Ach.* 509-514

Ἐγὼ δὲ μισῶ μὲν Λακεδαιμονίους σφόδρα,
καὐτοῖς ὁ Ποσειδῶν, οὐπὶ Ταινάρῳ θεός,
σείσας ἅπασιν ἐμβάλοι τὰς οἰκίας·
κάμοι γάρ ἐστι τὰμπέλια κεκομμένα.
Ἀτάρ, φίλοι γὰρ οἱ παρόντες ἐν λόγῳ,
τί ταῦτα τοὺς Λάκωνας αἰτιώμεθα;

Eu mermo odêo muito os lacedemônio,
E pra eles quero que de novo o deus do Tênero
Sacudino tudin derrube suas casa;
As minhas vinha também tão cortada.
Mas já que são amigo que tão aqui na conversa,
Por que acusamo de tudo isso aí os lacônio?
(Trad. Ana Maria César Pompeu)

Ao afirmar que odeia os lacedemônios, os acarnenses poderiam pensar que Diceópolis atribui aos rivais toda a culpa pela situação de penúria em que se encontram os camponeses, mas essa inferência é negada pela sequência introduzida por ἀτάρ. Por outro lado, por introduzir um novo move, a partícula aqui também sinaliza um contraste estrutural, o que deixa esse ἀτάρ na fronteira entre as duas classificações propostas para a partícula (negação de inferência x contraste discursivo).

13) Ar. *Eq.* 423-428

{ΑΛ.} Καὶ ταῦτα δρῶν ἐλάνθανόν <γ'>· Εἰ δ' οὖν ἴδοι τις αὐτῶν,
ἀποκρυπτόμενος εἰς τὸ κοχῶνα τοὺς θεοὺς ἀπώμυν·
ὥστ' εἶπ' ἀνὴρ τῶν ῥητόρων ἰδὼν με τοῦτο δρῶντα·
«Οὐκ ἔσθ' ὅπως ὁ παῖς ὅδ' οὐ τὸν δῆμον ἐπιτροπεύσει.»
Α' } Εὖ γε ξυνέβαλεν αὐτ'· **ἀτάρ** δῆλόν γ' ἀφ' οὗ ξυνέγνω·
ὅτι· «πῶρκεῖς θ' ἥρπακὼς καὶ κρέας ὁ πρωκτὸς εἶχεν.

Salsicheiro: E fazia-o sem dar nas vistas. Mas se algum deles dava por ela, eu escondia o furto no rabo, e negava a pés juntos. A ponto que um tipo qualquer, um desses políticos que por aí andam, quando me viu naquela sombra, se saiu com esta: ‘Não há dúvida, este rapaz está talhado para governar o povo’.

Demóstenes: Pois acertou em cheio. Mas está-se mesmo a ver como é que ele chegou a essa conclusão: se tu juravas falso depois de roubares e tinhas... a coisa metida no rabo! (Trad. Maria de Fátima Silva, com alterações)

O coro avalia ter sido adequada a inferência do orador, o que poderia levar à conclusão de que ele teria sido especialmente sagaz no seu raciocínio, e é essa inferência que é negada com *ἀτάρ*.

14) Ar. Nu. 398-403

{ΣΩ.} καὶ πῶς, ὦ μῶρε, σὺ καὶ Κρονίων ὄζων καὶ βεκκεσέληνε,
εἵπερ βάλλει τοὺς ἐπιόρκους, δῆτ' οὐχὶ Σίμων' ἐνέπρησεν
οὐδὲ Κλεώνυμον οὐδὲ Θέωρον; καίτοι σφόδρα γ' εἶς' ἐπίορκοι.
ἀλλὰ τὸν αὐτοῦ γε νεὼν βάλλει καὶ Σούνιον ἄκρον Ἀθηνέων
καὶ τὰς δρυὺς τὰς μεγάλας, τί μαθῶν; οὐ γὰρ δὴ δρυὺς γ' ἐπιорκεῖ.
{ΣΤ.} οὐκ οἶδ'· **ἀτὰρ** εὖ σὺ λέγειν φαίνει. Τί γάρ ἐστιν δῆθ' ὁ κεραυνός;

Sócrates: Mas como, insensato, velho tonto, cheirando a mofo, seu arcaico! Se atira nos perjuros, como é que não fulminou nem Simão nem Cleônimo nem Teoro? E, no entanto, bem que são perjuros... Mas Zeus atira sobre o seu próprio templo, sobre o “Sunio, promontório de Atenas”, e sobre os altos carvalhos! Por quê? Pois de fato um carvalho não pode jurar falso...

Estrepsíades: Não sei, mas apesar de tudo você parece ter razão... Pois, afinal, que é o raio?

(Trad. de Gilda Maria Reale Starzynski)

O modo com que Estrepsíades afirma não saber a resposta para as perguntas de Sócrates poderia fazer com que Sócrates pensasse que Estrepsíades não concorda com a sua explicação. Contra essa possível conclusão, Estrepsíades acrescenta que Sócrates aparenta saber sobre o que está falando. Mas a proposição com *ἀτάρ* não apenas marca esse contraste, como também prepara para a continuação do discurso: é porque Sócrates parece saber o que está falando que Estrepsíades lhe pergunta sobre o trovão. Dito de outra maneira, é como se Estrepsíades evitasse falar sobre o que não compreende e, com *ἀτάρ*, passasse a palavra para Sócrates.

15) Ar. V. 1136-1142

{Φι.} τουτὶ τὸ κακὸν τί ἐστι, πρὸς πάντων θεῶν;
{Βδ.} οἱ μὲν καλοῦσι Περσίδ', οἱ δὲ καυνάκην.
{Φι.} ἐγὼ δὲ σισύραν ὥομην Θυματίδα.
{Βδ.} κοῦ θαῦμά γ'· ἐς Σάρδεις γὰρ οὐκ ἐλήλυθας.

ἔγνωσ γὰρ ἄν' νῦν δ' οὐχὶ γιγνώσκεις.
 {Φι.} ἐγὼ
 μὰ τὸν Δί' οὐ **τοίνυν**, **ἀτὰρ** δοκεῖ γέ μοι
 εἰκέναι μάλιστα Μορύχου σάγματι.

Filocleon: Em nome dos deuses! Que é isto?

Bdelicleon: Isto é um manto persa, que outros chamam de pelúcia.

Filocleon: Pensei que eram retalhos de pele.

Bdelicleon: Sua ignorância não me causa admiração; você nunca esteve em Sardes. Se você tivesse estado lá conheceria essas coisas, mas em vez disso você não conhece coisa alguma.

Filocleon: Eu? De jeito nenhum! Mas isto parece muito com o casaco da mulher de Môrico.

(Trad. Mário da Gama Kury, com alterações)

Bdelicleon introduz uma sequência secundária (γάρ) para explicar a ignorância de Filocleon quanto às vestes em questão, coisa que ele atribui ao fato de seu pai nunca ter ido a Sárdis e, portanto, não conhecer a moda de lá. O próprio Filocleon confirma não poder reconhecer a túnica, o que geraria a expectativa de que ele não tivesse o que dizer sobre ela, expectativa essa que é contrariada quando Filocleon expressa sua opinião.

No próximo exemplo, ἀτὰρ vem acompanhado de ὅμως, como no cluster ἀλλ' ὅμως:

16) Ar. V. 979-981

{Φι.} κατάβα κατάβα κατάβα κατάβα.

{Bδ.} καταβήσομαι.

καίτοι^{PUSH} τὸ “κατάβα” τοῦτο πολλοὺς δὴ πάνυ
 ἐξηπάτηκεν. **ἀτὰρ ὅμως**^{POP} καταβήσομαι.

Filocleon: Desçam, desçam, desçam!

Bdelicleon: Estou descendo; este chamado enganou muita gente, mas apesar disto desço.

(Trad. Mário da Gama Kury)

Assim como em Eurípides, ἀλλ' ὅμως⁹⁸ em Aristófanes geralmente responde a um μέν, mas há um paralelo de καίτοι^{PUSH}... ἀλλ' ὅμως^{POP} em *Ra.* 42-43 (οὐ τοι μὰ τὴν Δήμητρα δύναμαι μὴ γελαῖν/καίτοι δάκνω γ' ἐμαυτόν· ἀλλ' ὅμως γελῶ). Na passagem em questão, a negação de inferência é marcada repetidas vezes: primeiro, no PUSH com

⁹⁸ Cf. 2.5.4.

καίτοι (negação de inferência invertida, cf. Cap. 4) e depois com ἀτὰρ ὅμως (“se esse chamamento já enganou muitos, eu não deveria 85onsul-lo, mas o farei”). Como ἀλλ’ ὅμως, ἀτὰρ ὅμως aqui expressa resignação diante de uma consideração levantada anteriormente (BILES & OLSON, 2015, p. 371).

17) Ar. *Th.* 203-207

{EY.} Τί δ’ ἐστὶν ὅτι δέδοικας ἐλθεῖν αὐτόσε;

{ΑΓ.} Κάκιον ἀπολοίμην ἂν ἢ σύ.

{EY.} Πῶς;

{ΑΓ.} Ὅπως;

Δοκῶν γυναικῶν ἔργα νυκτερείσια

κλέπτειν ὑφαρπάζειν τε θήλειαν Κύπριν.

{KH.} Ἴδού γε κλέπτειν νῆ Δία, βινεῖσθαι μὲν οὖν.

Ἀτὰρ ἡ πρόφασίς γε νῆ Δί’ εἰκότως ἔχει.

Eurípides: Por que você tem medo de ir até lá?

Agatão: Eu sofreria uma morte pior do que a sua.

Eurípides: Como?

Agatão: Como? Porque pareço roubar das mulheres os trabalhos noturnos e furtar a Cípris feminina.

Parente: Veja só, roubar! Por Zeus, dar o rabo, isso sim!

No entanto, por Zeus, a alegação é verossímil!

(Trad. Adriane da Silva Duarte)

O Parente começa sua fala com uma exclamação de incredulidade perante o modo em que se expressa Agatão e, com βινεῖσθαι μὲν οὖν (primeiro contraste do trecho), corrige uma alegada imprecisão do fraseado do poeta. Seu reparo, no entanto, não invalida totalmente a desculpa de Agatão: é contra a expectativa de que o faria que o Parente reafirma a coerência da alegação.

18) Ar. *Pl.* 567-573

{ΠΕ.} Σκέψαι τοίνυν ἐν ταῖς πόλεσιν τοὺς ῥήτορας, ὥς ὀπότε μὲν

ᾧσι πένητες, περὶ τὸν δῆμον καὶ τὴν πόλιν εἰσὶ δίκαιοι,

πλουτήσαντες δ’ ἀπὸ τῶν κοινῶν παραχρῆμ’ ἄδικοι γεγένηται,

ἐπιβουλεύουσιν τε τῷ πλήθει καὶ τῷ δήμῳ πολεμοῦσιν.

{ΧΡ.} Ἀλλ’ οὐ ψεύδει τούτων γ’ οὐδέν, καίπερ σφόδρα βάσκανος οὔσα.

Ἀτὰρ οὐχ ἡττόν γ’ οὐδὲν κλαύσει, – μηδὲν ταύτῃ γε κομήσης, –

ὅτι ζῆτεῖς τοῦτ’ ἀναπεῖθιν ἡμᾶς, ὥς ἔστιν ἄμεινον

πενία πλούτου.

Pobreza: Ora, observa nas cidades os oradores, como eles, enquanto são pobres, são justos com o povo e com a cidade, mas quando enriquecem à custa dos dinheiros públicos, imediatamente se tornam injustos e conspiram contra a plebe e fazem guerra ao povo.

Cremilo: Não mentes em nada disso, não, embora tenhas língua muito ferina, mas nem por isso hás de chorar menos – não estejas a enfeitar-te! – visto que tenas persuadir-nos de que é melhor a pobreza do que a riqueza!
(Trad. Américo da Costa Ramalho)

Cremilo tinha concordado em ouvir da Pobreza seus argumentos a favor da tese de que ela, e não a Riqueza, seria a única fonte de bens para os homens (vv. 468-469) e, caso ela falhasse em convencê-lo, Cremilo teria licença para puni-la como quisesse (vv. 480-481). Ao argumento da Pobreza sobre como os oradores são corrompidos pelo dinheiro, Cremilo não vê como se opor, o que gera a expectativa de que a Pobreza tenha vencido o debate e que, portanto, não será punida. Com *ἀτάρ*, Cremilo nega essa expectativa, desistindo de contrargumentar e já passando para brutalidade. Uma das fontes de humor dessa cena é justamente essa: Cremilo não se deixa convencer, mesmo que os argumentos da Pobreza pareçam justificados (v. 600: Ἀλλὰ φθείρου καὶ μὴ γρύξις ἔτι μηδ' ὅτιοῦν. Οὐ γὰρ πείσεις, οὐδ' ἦν πείσις.⁹⁹).

Em síntese, em 18 ocorrências do corpus (de um total de 86), *ἀτάρ* marca um contraste localizado entre dois segmentos, tipicamente atos discursivos, em uma relação de negação de inferência¹⁰⁰. Nessa função, Sófocles costuma combinar *μέν* e *ἀτάρ*, enquanto Aristófanes usa *γε* para marcar focos e tópicos contrastivos, e Eurípides prefere a colocação *μέν... ἀτάρ γε*.

3.3 CONTRASTE DISCURSIVO

Em Eurípides e Aristófanes, dos quais provêm a imensa maioria dos dados analisados (80 das 86 ocorrências de *ἀτάρ*), *ἀτάρ* mais frequentemente sinaliza um contraste discursivo. A análise da estrutura conversacional das passagens com *ἀτάρ* revela que a partícula é usada sobretudo em início de move ou troca¹⁰¹, o que equivale a dizer que, no nível interpessoal, *ἀτάρ* marca o início de uma nova contribuição autônoma em uma interação. A seguinte passagem de *Helena* é um exemplo desse uso:

⁹⁹ Em tradução de Américo da Costa Ramalho: “Mas tu, vai-te matar e não grunhas, seja o que for! Não me persuadirás, mesmo que queiras!”

¹⁰⁰ Apenas uma vez, *μέν... ἀτάρ* sinaliza um contraste entre moves: Ar. *Ach.* 509-514 (exemplo 12).

¹⁰¹ Para uma definição técnica de ‘troca’, ‘move’ e ‘ato discursivo’, vide Introdução.

Hel. 1073-1078

Troca	Move Iniciativo	{Ελ.} σὲ χρῆ βραβεύειν πάντα· πόμπιμοι μόνον λαίφει πνοαὶ γένοιντο χΐλεως δρόμος.
	Move Reativo	{Με.} ἔσται· πόνους γὰρ δαίμονες παύσουσί μου.
Troca(...)	Move Iniciativo	ἀτὰρ θανόντα τοῦ μ' ἐρεῖς πεπυσμένη;
	Move Reativo	{Ελ.} σοῦ· καὶ μόνος γε φάσκε διαφυγεῖν μόρον Ἀτρώως πλέων σὺν παιδὶ καὶ θανόνθ' ὄραν.

Helena: É preciso que tu controles tudo. Ventos condutores nas velas venham apenas, e rota propícia.

Menelau: Assim será, pois as divindades cessarão minhas penas. Contudo, de quem dirás ter ouvido que estou morto?

Helena: De ti. E dirás que sozinho escapaste ao destino, navegando com o filho de Atreu, e que o viste morrer.

Helena e Menelau planejam sua fuga do Egito. Helena apresenta a Menelau a ideia de declará-lo morto para criar uma oportunidade de escapar pelo mar. Passo a passo, Helena explica o plano a ser seguido, ao que Menelau concorda, à medida em que vai se inteirando dos detalhes operacionais. Após assentir em fugir pelo mar, Menelau usa *ἀτὰρ* para passar para uma nova fase do planejamento, perguntando a Helena quem traria a notícia de sua suposta morte.

Convém notar que, nessa passagem, *ἀτὰρ* não apenas marca o início de um novo move, mas também de um novo par adjacente, ou de uma nova ‘troca’ (*exchange*) – para usar a expressão de Sinclair & Coulthard (1975). Um exemplo semelhante pode ser encontrado em *Hécuba*:

Hec. 667-673

Troca	Move Iniciativo	{Θε.} ὃ παντάλαινα κᾶτι μᾶλλον ἢ λέγω, δέσποιν', ὄλωλας κούκέτ' εἶ, βλέπουσα φῶς, ἄπαις ἄνανδρος ἄπολις ἐξεφθαρμένη.
	Move Reativo	{Εκ.} οὐ καινὸν εἶπας, εἰδόσιν δ' ὠνείδισας.
Troca(...)	Move Iniciativo	ἀτὰρ τί νεκρὸν τόνδε μοι Πολυξένης ἦκεις κομίζουσ', ἧς ἀπηγγέλθη τάφος πάντων Ἀχαιῶν διὰ χερὸς σπουδὴν ἔχειν;

Serva:
Ó senhora toda infeliz e ainda mais do que digo,

estás morta e não és mais, embora vejas a luz,
sem filho, sem marido, sem cidade, aniquilada.

Hécuba:

Nada de novo dizes, mas escarneces de quem sabe.

Contudo, por que vens o cadáver aí de Polixena
me trazendo, tendo sido anunciado que seu funeral
receberia atenção de todos os aqueus?

(Trad. Christian Werner)

À exclamação da Serva, Hécuba responde com impaciência, por achar que já sabe do pior (GREGORY, 1999, p. 128). Mas Hécuba, que acaba de chegar, não entende por que está em cena esse corpo, que ela toma por Polixena, e, na verdade, é Polidoro. Com um novo *move*, que inicia uma nova troca, a rainha questiona a Serva: é nesse momento que *ἀτάρ* é empregado na articulação do discurso de Hécuba. Aqui, novamente, *ἀτάρ* introduz um novo *move* depois de um *move* reativo, que respondeu ao turno anterior¹⁰². Esse mesmo padrão se repete em Eurípides nas seguintes passagens: *Heracl.* 661, 879; *Andr.* 883; *Hec.* 258, 671; *Tr.* 63, 266, 898; *IT* 672, 719; *Hel.* 86, 1076; *Ph.* 1643; e *Or.* 861 (14 vezes nas 33 ocorrências de *ἀτάρ* em Eurípides).

A seguinte passagem de *As Troianas* traz uma complicação para a interpretação de *ἀτάρ* por apresentar mais de um contraste no mesmo trecho, mas em diferentes níveis do discurso:

Tr. 895-902

Troca ₁	Move ₁ Reativo	Ato subsidiário ₁ (Função: apóstrofe)	{Ελ.} Μενέλαε,
		Ato central	φροίμιον μὲν ἄξιον φόβου τόδ' ἐστίν·
		Ato subsidiário ₂ (Função: motivação)	ἐν γὰρ χερσὶ προσπόλων σέθεν βίαι πρὸ τῶνδε δωμάτων ἐκπέμπομαι.
Troca ₂	Move ₂ Iniciativo	Ato subsidiário ₁ (Função: satélite da antítese)	<i>ἀτάρ</i> ¹⁰³ σχεδὸν μὲν οἶδά σοι στυγούμενη,
		Ato subsidiário ₂ (Função: núcleo da antítese)	ὅμως δ' ἐρέσθαι βούλομαι·
		Ato central	γινῶμαι τίνες Ἕλλησι καὶ σοὶ τῆς ἐμῆς ψυχῆς πέρι;
	Move ₃ Reativo	Ato subsidiário ₁ (Função: satélite da antítese)	{Με.} οὐκ εἰς ἀκριβὲς ἦλθες,

¹⁰² Uma única vez a partícula é usada em início de turno, na breve disticomitia de *Med.* 74-81.

¹⁰³ Ao contrário do que a tabela pode levar a pensar, esse *ἀτάρ* não tem escopo apenas sobre o verso que ele introduz. Vide explicação a seguir.

		Ato central (Função: núcleo da antítese)	ἀλλ' ἅπας στρατὸς κτανεῖν ἐμοί σ' ἔδωκεν,
		Ato subsidiário ₂ (Função: elaboração)	ὄνπερ ἠδίκεις.

Helena: Menelau, prêmio digno de medo
 esse aí: sim, nas mãos de teus servidores
 fui trazida dessa casa com violência.
 Bem, creio saber que sou odiada por ti;
 quero, porém, perguntar: quais são as atitudes,
 dos helenos e de ti, acerca de minha vida?
 Menelau: O exército não foi preciso, mas todo ele
 deu-te a mim, que injuriaste, para matar-te.
 (Trad. Christian Werner)

Helena começa sua fala com um reconhecimento da hostilidade de Menelau, que antes ordenara que seus servos a trouxessem arrastada pelos cabelos (vv. 880-883). Em outras palavras, a primeira sequência da fala de Helena é uma resposta não a algo que lhe tivesse sido dito, mas ao tratamento violento que recebeu.

A partir de ἀτάρ, um novo par adjacente é iniciado, quando Helena pergunta sobre o que os gregos decidiram a seu respeito. A pergunta dela, no entanto, é precedida pelo reconhecimento, mais uma vez, da hostilidade de Menelau. Esse preâmbulo dos vv. 898-899 contém uma negação de inferência, marcada pelas partículas μέν...ὁμως δέ, que funciona como uma estratégia de polidez: ao admitir que é odiada, o que poderia implicar em uma reação indesejada de Menelau ao que ela perguntasse, Helena tenta prevenir essa reação.

Resta entender qual seja a relação entre os segmentos marcados por μέν (v. 895) e ἀτάρ (v. 898). Parece-me preferível entender que μέν (v. 895) seja um ponto de partida para as próximas unidades discursivas (BAKKER, 1997, p. 80-85), anunciando as sequências futuras de todo o turno, enquanto ἀτάρ teria escopo sobre todo o segundo move de Helena, e não apenas sobre os versos 898-899. Dito de outra maneira, ἀτάρ marca o contraste discursivo entre os dois moves, enquanto o sentido de negação de inferência do verso que ele inicia é derivado apenas do contraste entre as proposições dos versos 898-899, marcados por μέν...ὁμως δέ.

Na primeira ocorrência da partícula na tragédia, a única em Ésquilo, desconsiderado o *Prometeu Acorrentado*, ἀτάρ já desempenha a mesma função de sinalizar o início de uma nova troca:

Pers. 331-336

(...) Troca	Move Reativo	{ΒΑΣΙΛΕΙΑ} αἰαῖ, κακῶν ὕψιστα δὴ κλύω τάδε, αἶσχη τε Πέρσαις καὶ λιγέα κωκύματα.
Troca (...)	Move Iniciativo	ἄτάρ φράσον μοι τοῦτ' ἄ ναστρέψας πάλιν, τοσόνδε πλῆθος ἦν νεῶν Ἑλληνίδων ὥστ' ἀξιῶσαι Περσικῷ στρατεύματι μάχην συνάψαι ναῖοισιν ἐμβολαῖς;

Rainha: *Aiai!* Eis que ouço os máximos males,
opróbrio aos persas e estrídulos gemidos!
Mas, voltando atrás, conta-me isto:
qual era a quantidade dos navios gregos
que ousassem contra exército persa
travar combate em batalha naval?
(Trad. Jaa Torrano)

Após reagir ao relato do mensageiro (vv. 302-330) com uma expressão de pesar, a rainha usa *ἄτάρ* para iniciar uma nova sequência conversacional sobre o tamanho da frota grega em comparação à persa.

Em Aristófanes, de um total de 47 ocorrências, 39¹⁰⁴ vezes a partícula marca uma relação de contraste discursivo. Nessa função, *ἄτάρ* tanto pode servir para opor dois *moves* ou duas unidades textuais maiores, como para alterar completamente o tema ou rumo do discurso ou ação em curso. Assim, *ἄτάρ* frequentemente introduz novos tópicos:

Ar. Ach. 410-413

{ΔΙ.} Ἀναβάδην ποεῖς,
ἐξὸν καταβάδην. Οὐκ ἐτὸς χωλοὺς ποεῖς.
Ἄτάρ τί τὰ ράκι' ἐκ τραγωδίας ἔχεις,
ἐσθῆτ' ἐλεινὴν; Οὐκ ἐτὸς πτωχοὺς ποεῖς.

Justinópolis: Tu compõe de pé pra riba,
Podeno tá de pés no chão, por isso tu compõe os manco.
Mas por que tu tá vestido cum's mulambo da tragédia,
Rôpas de dá dó? Por isso tu compõe os ismoleu.
(Trad. Ana Maria César Pompeu)

Ao ver Eurípides com os pés para cima, Diceópolis expressa a ideia da semelhança entre o artista e seus personagens, primeiro observando a posição de Eurípides, condizente com os coxos que ele costumaria compor, e depois notando os

¹⁰⁴ *Ach.* 412, 448, *Eq.* 111; *Nu.* 30, 187, 382, 677, 693, 760, 801; 1220; *V.* 15, 28, 147, 150, 530, 652, 815; 1514; *Pax* 177; *Av.* 69, 144, 648, 916; *Lys.* 65, 450; *Th.* 87, 215, 1119; *Ra.* 160; *Ec.* 248, 358, 376, 394, 551, 1067, 1071; *Pl.* 749, 1111.

trapos que ele veste (τὰ ῥάκι' ἐκ τραγωδίας), que lembram os mendigos de suas tragédias. Em outras palavras, ἀτάρ aqui introduz um novo tópico e também um novo foco de atenção visual de Diceópolis.

Na continuação dessa mesma cena, depois de conseguir de Eurípides o figurino de Télefo emprestado, Diceópolis tem mais um pedido a fazer:

Ar. *Ach.* 437-448

Troca	Move	{ΔΙ.} (...) Εὐριπίδη, 'πειδὴ περ ἐχαρίσω ταδί, κάκεινά μοι δὸς τὰκόλουθα τῶν ῥακῶν, τὸ πιλίδιον περὶ τὴν κεφαλὴν τὸ Μύσιον. Δεῖ γάρ με δόξαι πτωχὸν εἶναι τήμερον, εἶναι μὲν ὅσπερ εἰμί, φαίνεσθαι δὲ μή· τοὺς μὲν θεατὰς εἰδέναι μ' ὅς εἰμ' ἐγώ, τοὺς δ' αὖ χορευτὰς ἡλιθίους παρεστάναι, ὅπως ἂν αὐτοὺς ῥηματίοις σκιμαλίσω.
	Move	{ΕΥ.} Δώσω· πυκνῇ γὰρ λεπτὰ μηχανᾷ φρενί.
	Move	{ΔΙ.} Εὐδαιμονοίης – Τηλέφῳ δ' ἀγὼ φρονῶ. Εὖ γ' οἶον ἤδη ῥηματίων ἐμπίμπλαμαι.
Troca(...)	Move	Ἀτάρ δέομαί γε πτωχικοῦ βακτηρίου.

Justinópolis: (...) Eurípides, tu já me fez mermo essa graça,
Também me dá os complemento dos mulambo,
O bonezin mísio pra botá na cabeça.
É que tenho que 91ons que sô um ismoleu hoje,
Sê quem sô, não parece;
Os ispectadô vão sabê que sô eu,
Mas os coreuta vão 91ons abestaiadin,
Pra eu caçoá deles c'uns leriado.
Eurípides: Eu dou; pois com uma mente astuta tramas sutilezas.
Justinópolis: Que tu seja feliz; e pro Télefo o q'eu tô pensano.
Bem, eu já tô é chein de leriado.
Mas tô cum falta duma bengala d'ismoleu.
(Trad. Ana Maria César Pompeu)

Após agradecer pelo empréstimo do gorrinho mísio, é com ἀτάρ...γε que Diceópolis introduz o seu novo pedido. Essa função de ἀτάρ na estrutura conversacional, tão comum em Eurípides, também é frequente em Aristófanes. Além de *Ach.* 412 e 448, a partícula também aparece em contexto similar em *Eq.* 111; *Nu.* 30, 187, 382, 677, 693, 801; *V.* 15, 28, 147, 150, 530, 652, 815, 1514; *Pax* 177; *Av.* 144,

916; *Lys.* 65¹⁰⁵, 450; *Th.* 87, 215, 1119; *Ra.* 160; *Ec.* 248, 376, 394, 551, 1067, 1071; *Pl.* 749, 1111. O que difere Aristófanes de Eurípides nesse aspecto é a rapidez da ação cômica, que permite uma série de transições bruscas, mesmo no espaço de poucas linhas, como acontece em *V.* 146-151 e *Ec.* 1066-1071.

Um personagem também pode usar *ἀτάρ* para marcar uma tomada de atitude ou uma resolução, como na seguinte passagem:

Ar. *Ra.* 158-160

Move ₁	{ΔΙ.} Οὔτοι δὲ δὴ τίνες εἰσίν;
Move ₂	{HP.} Οἱ μεμνημένοι –
Move ₃	{ΞΑ.} Νῆ τὸν Δί' ἐγὼ γοῦν ὄνος ἄγω μυστήρια.
Move ₄	Ἀτὰρ οὐ καθέξω ταῦτα τὸν πλείω χρόνον.

Dioniso: E esses, quem são?

Hércules: Os iniciados ...

Xântias (*à parte*): Ora toma, a mim tocou-me ser o asno nos mistérios!

Pois não estou para carregar com esta tralha nem mais um minuto. (*Começa a pousar a carga no chão.*)

(Trad. Maria de Fátima Silva)

Em que Xântias passa da contestação do ridículo de seu papel à decisão de largar a carga. Por causa da presença da partícula γοῦν, que marca uma inferência relacionada ao segmento anterior, não é possível interpretar as duas frases de Xântias como dois atos discursivos em um contraste do tipo negação de inferência. A decisão de não mais aturar ser o burro dos mistérios é posterior à exclamação do verso 159 e marca uma espécie de desvio. Contextos semelhantes, em que *ἀτάρ* aponta para uma ação futura com atos ilocucionários compromissivos ou quase compromissivos, são Ar. *Nu.* 801, 1220 e *Lys.* 450 e talvez Ar. *Nu.* 760.

Em *As Aves*, a partícula ocorre duas vezes em início de turno. Na primeira delas, *ἀτάρ* ocorre no início de uma nova troca com novo interlocutor:

Ar. *Av.* 67-70

{ΘΕ.} Ὅδὶ δὲ δὴ τίς ἐστιν ὄρνις; Οὐκ ἐρεῖς;

{ΠΙ.} Ἐπικεχοδῶς ἔγωγε Φασιανικός.

{ΕΥ.} (*para o Servo*) **Ἀτὰρ** σὺ τί θηρίον ποτ' εἶ, πρὸς τῶν θεῶν;

{ΘΕ.} Ὅρνις ἔγωγε δοῦλος.

Criado: (*apontando Bom de Lábia*) E isto aí? Que ave é? Vai me dizer, ou não vai?

¹⁰⁵ Ἀτὰρ αἶδε καὶ δὴ σοὶ προσέρχονται τινες; aqui a ruptura introduzida por *ἀτάρ* é motivada pela chegada de algumas das mulheres que haviam sido convocadas por Lisístrata, ou seja, a partícula aponta para um novo foco visual (αἶδε).

Bom de Lábia: Eu? Um caga-sebo, de Fasis.
 Tudo Azul: (*para o criado*) Mas, pelos deuses, que bicho você é?
 Criado: Eu? Uma ave escrava.
 (Trad. Adriane da Silva Duarte)

Drummen (2016, III.4 §40) sugere que a atribuição das falas seja revista nessa passagem, com base em duas considerações: a) o manuscrito R, único que traz a lição *ἄτάρ* ao invés de *ἀλλά* é também o que único que não traz mudança de falante aqui, deixando os versos 68 e 69 a cargo de Pisitero¹⁰⁶; b) a meio-turno, *ἄτάρ* estaria em sua posição mais habitual, marcando o início de um novo par adjacente. O argumento filológico de Drummen é atraente, mas *ἄτάρ* em início de turno, apesar de pouco comum, não é impossível, como a própria autora admite. Com efeito, é na mesma comédia que aparece a outra única ocorrência de *ἄτάρ* em início de turno:

Ar. Av. 646-650
 {EP.} Δεῦρο τοίνυν εἴσιτον.
 {PI.} Ἵωμεν· εἰσηγοῦ σὺ λαβὼν ἡμᾶς.
 {EP.} Ἵθι.
 {PI.} Ἄτάρ, τὸ δεῖνα, δεῦρ' ἐπανάκρουσαι πάλιν.
 Φέρ' ἴδω, φράσον νῶν, πῶς ἐγὼ τε χοῦτοσι
 ξυνεσόμεθ' ὑμῖν πετομένοις οὐ πετομένῳ;

Poupa: Venham aqui, vão entrando.
 Bom de Lábia: Estamos indo! Leve-nos para dentro com você.
 Poupa: Venham!
 Bom de Lábia: (*hesitante*) Mas...ahn... (*para Tudo Azul*) Volte aqui!
 (*para a Poupa*) Vejamos, diga-nos, como eu e ele aqui
 vamos conviver com vocês? Vocês voam, nós não!
 (Trad. Adriane da Silva Duarte)

Dessa vez, *ἄτάρ* introduz uma mudança brusca de rumo, já que Pisitero já tinha aceitado o convite de acompanhar a Poupa, quando, de repente, volta atrás¹⁰⁷.

Outros possíveis paralelos para Ar. Av. 69 são as passagens de Aristófanes e Eurípides em que *ἄτάρ* marca nova troca com mudança de interlocutor: V. 652, Av. 916, Cyc. 84 e Ba. 453¹⁰⁸. Em todos os casos, vocativos são usados para especificar os novos

¹⁰⁶ Conforme anota o aparato de Dunbar (1998, p. 41).

¹⁰⁷ Além dessas duas ocorrências, *ἄτάρ* aparece somente mais uma vez em início de turno, em E. Med. 80, citada anteriormente.

¹⁰⁸ Dodds, 1960, p. 133: "P. turns from the soldiers to study the prisoner (*ἄτάρ*, 'Well!', marking the change of attention, cf. 248)." Seaford (1984, p. 119) compara *ἄτάρ* δὴ aqui às outras duas ocorrências da combinação, Tr. 63 e Andr. 883, observando a função das partículas na estrutura conversacional do discurso.

interlocutores, enquanto *ἀτάρ* sinaliza o início de uma nova troca. Cito os exemplos de Eurípides:

Cyc. 82-84

{Σι.} (*para o coro*) σιγήσατ', ὦ τέκν', ἄντρα δ' ἐς πετρηρεφῇ

ποίμνας ἀθροῖσαι προσπόλους κελεύσατε.

{Χο.} (*para o coro*) χωρεῖτ'· (*para o Sileno*) **ἀτὰρ** δὴ τίνα, πάτερ, σπουδὴν ἔχεις;

Sileno: Silêncio, ó filhos! Na gruta de pétreo teto,
exortai aos servos que reúnam os rebanhos.

Coro: Ide adiante! Mas, ó pai, que pressa tens?

(Trad. Jaa Torrano)

Ba. 451-454

{Πε.} (*para o coro*) μέθεσθε χειρῶν τοῦδ'· ἐν ἄρκυσιν γὰρ ὦν
οὐκ ἔστιν οὕτως ὥκυν ὥστε μ' ἐκφυγεῖν.

(*para Dioniso*) **ἀτὰρ** τὸ μὲν σῶμ' οὐκ ἄμορφος εἶ, ξένε,
ὥς ἐς γυναῖκας, ἐφ' ὅπερ ἐς Θήβας πάρει [...]

Penteu: Soltai suas mãos, pois está na rede:

não é tão rápido de modo a me escapar.

Mas de corpo não és feio, forasteiro,

para as mulheres, o que te traz a Tebas (...)

(Trad. Jaa Torrano)

Tanto em diálogos, quanto em monólogos, *ἀτάρ* pode introduzir uma verdadeira ruptura temática, que é mais clara nas seis ocorrências do corpus em que a partícula acompanha expressões metadiscursivas que explicitamente marcam descontinuidade temática¹⁰⁹. O trecho seguinte de *Fenícias* é um exemplo disso:

Ph. 379-384

Move	{Ιο.} κακῶς θεῶν τις Οἰδίπου φθείρει γένος· οὕτω γὰρ ἤρξατ', ἄνομα μὲν τεκεῖν ἐμέ, κακῶς δὲ γῆμαι πατέρα σὸν φθναί τε σέ.
Move	ἀτὰρ τί ταῦτα; δεῖ φέρειν τὰ τῶν θεῶν.
Move	ὅπως δ' ἔρωμαι, μή τι σὴν δάκω φρένα, δέδοιχ', ἃ χρήζω· διὰ πόθου δ' ἐλήλυθα.

Jocasta: Desgraçadamente um deus rui a estirpe edipiana.

Assim ele começou: eu gerei contra a lei,

¹⁰⁹ Além de Ph. 382 aqui citada, as outras ocorrências são: Andr. 397-398 (*ἀτὰρ* τί ταῦτ' ὁδύρομαι, τὰ δ' ἐν ποσὶν/οὐκ ἐξικμάζω καὶ λογιζομαι κακά;); Supp. 750 (*ἀτὰρ* τί ταῦτα;); Ion 433-434 (*ἀτὰρ* θυγατρὸς τῆς Ἐρεχθέως τί μοι μέλει;); Hel. 860 (φεῦγ'· *ἀτὰρ* τί φευκτέον;); e Ar. Nub. 691-693 (ὄρᾳ; γυναῖκα τὴν Ἀμυνίαν καλεῖς. | οὐκουν δικαίως, ἦτις οὐ στρατεύεται; *ἀτὰρ* τί ταῦθ' ἃ πάντες ἴσμεν μανθάνω;).

desgraçadamente teu pai desposou e tu nasceste.
 Mas por que isso? Força é acatar os deuses.
 Perguntar-te o que desejo, mas te incomodar
 temo, é para isso que vim até aqui.
 (Trad. Waldir M. de Sousa Jr)

Com ἀτάρ, Jocasta abandona suas ilações acerca da ruína da casa de Édipo e questiona a própria relevância de se ocupar desse assunto, o que a faz passar para o objetivo principal de sua vinda (vv. 383-384).

Ainda em outras passagens, ἀτάρ parece introduzir ruptura temática, como quando um personagem, a partir da situação em curso, abstrai uma máxima (*Tr.* 411), ou anuncia um porvir que seu interlocutor não pode antecipar (*Hipp.* 728, *Ba.* 516). Repito aqui o discurso de Taltíbio citado anteriormente:

Tr. 408-415

{Τα.} εἰ μή σ' Ἀπόλλων ἐξεβάκχευσεν φρένας,
 οὐ τὰν ἀμισθὶ τοὺς ἐμοὺς στρατηλάτας
 τοιαῖσδε φήμαις ἐξέπεμπες ἄν χθονός.
ἀτάρ τὰ σεμνὰ καὶ δοκίμασιν σοφὰ
 οὐδέν τι κρείσσω τῶν τὸ μηδὲν ἦν ἄρα.
 ὁ γὰρ μέγιστος τῶν Πανελλήνων ἄναξ,
 Ἀτρώως φίλος παῖς, τῆσδ' ἔρωτ' ἐξαίρετον
 μαινάδος ὑπέστη· (...)

Taltíbio: Não tivesse Apolo feito bacante teu espírito,
 não gratuitamente meus comandantes
 enviarias desta terra com tais rumores.
 Ora, o grandioso e o que parece arguto
 em nada são mais fortes do que a nulidade.
 O grande senhor de todos os helenos,
 o amado filho de Atreu, ao desejo que elege essa
 mênade submete-se (...)
 (Trad. Christian Werner)

A partir da contastação da loucura de Cassandra, Taltíbio usa ἀτάρ para passar à sua teorização sobre a potência do que parece sábio e venerável.

Um deslocamento visual é o que gera a ruptura temática introduzida por ἀτάρ no monólogo expositivo com que Penteu entra em cena nas *Bacantes*:

Ba. 233-253

{ΠΕΝΘΕΥΣ}

(…)

λέγουσι δ' ὥς τις εἰσελήλυθε ξένος,
 γόης ἐπωιδὸς Λυδίας ἀπὸ χθονός,
 ξανθοῖσι βοστρύχοισιν εὖοσμος κόμην,
 οἰνωπός, ὅσσοις χάριτας Ἀφροδίτης ἔχων,
 ὃς ἡμέρας τε κεῦφρόνας συγγίγνεται
 τελετὰς προτείνων εὐίους νεάνισιν.
 Εἰ δ' αὐτὸν εἶσω τῆσδε λήψομαι χθονός,
 παύσω κτυποῦντα θύρσον ἀνασεῖοντά τε
 κόμας, τράχηλον σώματος χωρὶς τεμῶν.
 ἐκεῖνος εἶναι φησι Διόνυσον θεόν,
 ἐκεῖνος ἐν μηρῶι ποτ' ἐρράφθαι Διός·
 ὃς ἐκπυροῦται λαμπάσιν κεραυνίαις
 σὺν μητρί, Δίους ὅτι γάμους ἐψεύσατο.
 Ταῦτ' οὐχὶ δεινὰ κάγχόνης ἔστ' ἄξια,
 ὕβρεις ὕβριζειν, ὅστις ἔστιν ὁ ξένος;
ἀτὰρ τόδ' ἄλλο θαῦμα· τὸν τερασκόπον
 ἐν ποικίλαισι νεβρίσι Τειρεσίαν ὀρῶ
 πατέρα τε μητρὸς τῆς ἐμῆς, πολὺν γέλων,
 νάρθηκι βακχεύοντ'· ἀναίνομαι, πάτερ,
 τὸ γῆρας ὑμῶν εἰσορῶν νοῦν οὐκ ἔχον.
 Οὐκ ἀποτινάξεις κισσόν; [...]

Penteu:

(…)

Dizem que veio um forasteiro
 feiticeiro cantor da terra lídia
 com loiros cachos de olente cabeleira,
 vinhoso, com graças de Afrodite nos olhos,
 ele passa dias e noites a conversar,
 oferecendo mistérios évios às donzelas.
 Se eu o agarrar dentro deste palácio,
 parará de brandir tirso e de sacudir
 cabeleiras, decepado o pescoço do corpo.
 Aquele diz que Dioniso é Deus,
 aquele diz costurado na coxa de Zeus
 quem todo se queima nas luzes do raio
 com a mãe que mentiu núpcias de Zeus.
 Essas destrezas não são dignas de força,
 transgredir tanto quem seja o forasteiro?
 Mas eis outro milagre: o sonda-signos
 Tirésias vejo em nébridas coloridas
 e o pai de minha mãe (é muito ridículo!)
 com hástea ser Baco. Recuso-me, pai,
 a ver vossa velhice não ter juízo.
 Não rejeitarás a hera? (...)
 (Trad. Jaa Torrano)

Do início da sua fala no v. 215 até o v. 248, Penteu ainda não tinha se dado conta da presença de Tirésias e Cadmo em cena (DODDS, 1960, p. 97). Combinando a partícula *ἀτὰρ* à expressão dêitica ‘τόδ’ ἄλλο θαῦμα’, o rei finalmente volta sua atenção aos personagens presentes.

Essa passagem de *Bacantes* poderia talvez ser comparada ao seguinte trecho do monólogo final de Héracles na tragédia que leva o seu nome:

HF 1347-1357¹¹⁰

Move ₁	ἔσκεψάμην δὲ καίπερ ἐν κακοῖσιν ὦν μὴ δειλίαν ὄφλω τιν' ἐκλιπὼν φάος· ταῖς συμφοραῖς γὰρ ὅστις οὐχ ὑφίσταται οὐδ' ἀνδρὸς ἂν δύναιθ' ὑποστῆναι βέλος. ἐγκαρτερήσω βίοντον·
Move ₂	εἴμι δ' ἐς πόλιν τὴν σὴν, χάριν τε μυρίαν δώρων ἔχω.
Move ₃	ἀτὰρ πόνων δὴ μυρίων ἐγευσάμην, ὦν οὔτ' ἀπεῖπον οὐδέν' οὔτ' ἀπ' ὀμμάτων ἔσταξα πηγάς, οὐδ' ἂν ὠϊόμην ποτὲ ἐς τοῦθ' ἰκέσθαι, δάκρυ' ἀπ' ὀμμάτων βαλεῖν.

¹¹⁰ O trecho citado é apenas um fragmento do discurso de Héracles (vv. 1340-1393).

Move ₄	νῦν δ', ὥς ἔοικε, τῇ τύχῃ δουλευτέον.
Move ₅	εἶέν· [pausa]
Move ₆	γεραιέ, τὰς ἐμὰς φυγὰς ὀρᾷς, ὀρᾷς δὲ παίδων ὄντα μ' αὐθέντην ἐμῶν. (...)

Mas considero se, ainda que entre males, não
seria culpado de certa covardia por abandonar a luz.
Pois aquele que não resiste às desgraças
não poderia resistir à lança de um homem.
Enfrentarei a vida: irei para tua
cidade e gratidão infinita tenho por tuas dádivas.
Experimentei infinitos trabalhos
dos quais não recusei nenhum, nem dos olhos
destilei pranto, nem jamais imaginaria
chegar a isto: lágrimas jorrarem-me dos olhos.
Mas, como parece, é necessário submeter-se à sorte.
Está bem. Velho, vês meu desterro
e vês que sou assassino de meus filhos.
(Trad. Cristina Franciscato)

Em seu último longo discurso, já no êxodo da tragédia, Héracles avalia a proposta de suportar os seus pesares e ir para Atenas com Teseu. No primeiro *move* citado, o herói rejeita o suicídio como covardia e toma a decisão de enfrentar a vida. Em seguida, ele anuncia sua decisão de aceitar a oferta de Teseu (a partícula δέ marca a progressão). No terceiro *move* do trecho, introduzido por ἀτάρ, Héracles se volta para os seus próprios dissabores e expressa o extremo de sua situação em uma passagem que sugere uma encenação de choro. O contraste semântico do poliptoto dos versos 1352-1353 (χάριν τε μυρίαν δώρων/ πόνων δὴ μυρίων) é o elo coesivo entre os dois *moves*, mas a didascália do segmento com ἀτάρ sugere um novo foco de atenção para Héracles: da deliberação quanto ao seu futuro, o herói passa a chorar pelas mágoas passadas. Com νῦν δ', enfim, o discurso se encaminha para o encerramento de uma sessão que se realiza na expressão da máxima τῇ τύχῃ δουλευτέον. O próximo verso traz dois sinais de início¹¹¹ de uma nova troca: a partícula εἶέν, presumidamente acompanhada de pausa (como sinaliza a pontuação dos editores)¹¹², e o vocativo, que indica a mudança de interlocutor (de Teseu para Anfitrião).

¹¹¹ Polanyi & Scha (1983, p. 152-153).

¹¹² Em sua descrição do inglês usado por alunos e professores em sala de aula, Sinclair & Coulthard (1975, p. 44-45) falam de *framing moves*, realizados por meio de marcadores e pausa (como “Right^”) que indicam o fim de um estágio de uma lição e o início de outro.

Das 86 ocorrências encontradas nos dramas completos de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes, em 68 delas¹¹³, ἀλλά introduz um novo *move* ou troca, um novo passo na progressão do discurso. A ideia de contraste, nesses casos, está presente na medida em que a nova unidade discursiva é distinta da unidade anterior, seja por introduzir um novo tema ou tópico, seja por introduzir uma nova sequência conversacional.

3.4 CONCLUSÃO

Em síntese, das 86 ocorrências de ἀλλά no drama grego, em 68 delas, a partícula sinaliza contrastes discursivos, com funções variadas. Com frequência, ἀλλά marca fronteiras na estrutura conversacional, sinalizando o início de uma nova troca ou par adjacente. A partícula também pode marcar mudança de interlocutor, introdução de novo tópico ou foco visual, ou descontinuidade temática, inclusive na forma de um deslocamento radical na direção do discurso.

Em uma minoria dos casos, geralmente em resposta a μέν, ἀλλά (γε) marca negação de inferência. Nesse uso, a partícula instrui o ouvinte a processar a próxima oração como contradizendo ou eliminando um subentendido/pressuposto (assumption).

Esses dois tipos de contraste distinguidos em Eurípides indicam que ἀλλά opera no nível interpessoal, marcando tanto contrastes macroestruturais e, portanto, a progressão do discurso, quanto sinalizando uma relação adversativa entre atos discursivos, o que explica a vacilação da descrição de Denniston entre o que ele chama de valores progressivo e adversativo de ἀλλά.

A tabela a seguir resume os resultados da análise de ἀλλά no drama:

¹¹³ O inventário completo é A. *Pers.* 333; E. *Cyc.* 84; *Med.* 80, 184; *Heracl.* 661, 879; *Hipp.* 728; *Andr.* 397, 883; *Hec.* 258, 671; *Supp.* 750; *HF* 1353; *Tr.* 63, 266, 411, 898; *IT* 672, 719; *Ion* 433; *Hel.* 86, 860, 1076; *Ph.* 382, 1643; *Or.* 861; *Ba.* 248, 453, 516; *Ach.* 412, 448, *Eq.* 111; *Nu.* 30, 187, 382, 677, 693, 760, 801; 1220; *V.* 15, 28, 147, 150, 530, 652, 815; 1514; *Pax* 177; *Av.* 69, 144, 648, 916; *Lys.* 65, 450; *Th.* 87, 215, 1119; *Ra.* 160; *Ec.* 248, 358, 376, 394, 551, 1067, 1071; *Pl.* 749, 1111.

Tabela 4 – A partícula *ἀλλά* no drama clássico

	Negação de Inferência	Contraste Discursivo	Total de ocorrências
Ésquilo	0	1	1
<i>PV</i>	2	0	2
Sófocles	3	0	3
Eurípides	5	28	33
Aristófanes	8	39	47
Total	18	68	86

4 ΜΈΝΤΟΙ

4.1 REVISÃO DA LITERATURA

Na descrição de Denniston, a partícula μέντοι pode apresentar três valores básicos: afirmativo/enfático, adversativo ou progressivo. Isso significa que μέντοι, assim como ἀλλά em seu raro uso adverbial, pode ter funções não conectivas. Mais detalhes sobre a classificação de Denniston serão abordados nos exemplos discutidos a seguir.

Loudová (2013), usando a terminologia de Bruce Fraser (2009), distingue dois usos diferentes de μέντοι. Como marcador discursivo contrastivo, a partícula é usada para negar ou modificar uma expectativa potencialmente falsa da parte do leitor levantada no discurso precedente. Como marcador pragmático de comentário¹¹⁴, μέντοι é interpretado como uma expressão de ênfase ou afirmação (‘certamente’), frequentemente associada a pronomes.

Labéy (1950, p. 38-39) classifica μέντοι como uma intensiva restritiva e diz que ela pode, excepcionalmente, introduzir uma interrogação. Na combinação καὶ μέντοι, traduzida como ‘mais au fait, d’ailleurs’, o autor diz que a nuance restritiva se atenua, e a partícula rompe o fio do raciocínio, anunciando uma ideia repentina (ibidem, p. 64).

Segundo Blomqvist (1969, p. 27-35), μέντοι, no período helenístico, é predominantemente adversativo, mas também apresenta valores progressivo, enfático e preparatório (antecedendo um δέ).

Para Sicking, μέντοι é usado para prevenir um mal-entendido. Uma possível paráfrase para essa partícula seria ‘I am upholding the claim’ (μέν) ‘in contrast to what you might have been led to surmise’ (τοι) (1993, p. 33). Sicking discorda da classificação tripartite de Denniston e sugere que todos os valores de μέντοι podem ser genericamente entendidos como “correção de possíveis equívocos e/ou negação de expectativa” (ibidem, p. 34-35).

López Eire afirma que, entre outras funções, μέντοι serve para sublinhar enfaticamente pronomes idênticos ou equivalentes que se repetem em uma frase e dá

¹¹⁴ Com um marcador pragmático de comentário, “o falante transmite uma atitude em relação à ação ou estado representado no segmento” (FRASER, 2009, p. 892).

exemplos de μέντοι com pronomes interrogativos, demonstrativos e pessoais (1996, p. 129-130).

Segundo Slings (1997, p. 114-122), em A μέντοι B, em que A e B são declarações verdadeiras, B geralmente nega uma expectativa gerada por A. A partícula, além do mais, pode ser usada tanto em POPs, retomando o fio principal da história após uma sequência encaixada, quanto em PUSHes, para abrir pequenos excursos.

Ruijgh afirma que a evolução semântica de μέντοι de ‘certamente’ (vraiment) para ‘no entanto’ (cependant) é comparável àquela que encontramos para *uero* e *uerum* no latim (1971, p. 203).

Comparações com outras línguas mostram que, de fato, essa evolução semântica é corriqueira. Em *Cohesion in English* (1976), Halliday & Hasan incluem ‘of course’ no rol de itens conjuntivos: enquanto ‘of course’ tônico significa ‘you should have known that already’, ‘of course’ não acentuado significa ‘I accept the fact’, ou, retoricamente, ‘you must accept the fact’, e é tipicamente usado para desarmar uma pessoa e fazê-la aceitar algo que o falante sabe que ela deve rejeitar. Esse segundo significado teria uma leve força adversativa, derivada do fato de que sugere que algo era óbvio, mas foi ignorado (ibidem, p. 269)¹¹⁵.

Em seu artigo sobre conectivos concessivos¹¹⁶, König diz que esses conectivos são desenvolvimentos tardios e de etimologia transparente, sendo as partes que os compõem fáceis de identificar (1988, p. 151-152):

Concessive relations can be expressed in many languages by emphatically asserting the truth of one pair of clauses linked in some fashion. Expressions with the meaning ‘true, fact, well, indeed’ are frequently grammaticalized as concessive relations. As a result of such processes of grammaticalization, former truth predicates and similarly emphatic predicates may become positionally restricted (E. *true* vs. the parenthetical expression *it is true*) and combinations of such connectives with a single clause typically no longer function as complete sentences, but require a continuation with *but q* (cf. E. *true p but...*; G. *zwar p aber...*). (KÖNIG, 1988, p. 154)

¹¹⁵ Um exemplo dado por Halliday & Hasan: “You find these properties expensive? Of course prices have increased lately, you know” (1976, p. 269).

¹¹⁶ König não diferencia conectivos concessivos de adversativos (1988, p. 149). Outros autores, como Rudolph (1996, p. 14), consideram que os conectivos concessivos são subordinativos, enquanto os adversativos são coordenativos (sendo ambos contrastivos). As definições de König para as relações concessivas se assemelham à negação de inferência/expectativa desta tese: “Concessive sentences can be used to anticipate a potential counterargument, to warn somebody against drawing the wrong conclusion, and to restrict the validity of a previous statement.” (ibidem, p. 148)

Para Allan, “the original affirmative meaning [de μέντοι] shades into a more intersubjective use in which a speaker emphatically pronounces his view in opposition to the view of the addressee” (2017a, p. 288). Nessa função interacional, a partícula poderia ser glosada como ‘contrary to what you think’ (ibidem, p. 289). O sentido adversativo de μέντοι teria origem então em contextos adversativos, como quando a partícula aparece em início de turno e em *move* reativo em Aristófanes (ibidem, p. 289). Por fim, o autor acrescenta que, na prosa de Tucídides, o sentido adversativo já é inequívoco, como é demonstrado na construção μέν... μέντοι, e μέντοι parece ter tomado o lugar de ἀλλά na função de marcar negação de expectativa, relegando a ἀλλά o sentido de substituição (ibidem, p. 290-292).

Em grego antigo, a evolução semântica de μήν, tal como descrita por Thijs (2017), pode ajudar a entender o desenvolvimento de μέντοι. Etimologicamente aparentada com μέντοι, μήν também parece evoluir de uma partícula atitudinal para um conectivo discursivo de contraste. Segundo Thijs, o sentido básico de μήν, que seria contrariar expectativas e suposições do destinatário, se mantém estável ao longo do tempo, e o que diferencia o uso atitudinal do uso conectivo é a origem das expectativas e suposições contrariadas. Quando essa origem é o contexto extralinguístico e as palavras do destinatário, a partícula é atitudinal, mas, quando a origem é o discurso do próprio falante, então μήν se torna propriamente conectiva (ibidem, p. 87). Thijs também argumenta que uma divisão rígida entre as duas categorias não é possível em grego antigo e que as partículas, às vezes, podem desempenhar funções simultâneas em diferentes domínios funcionais (ibidem, p. 103-108)¹¹⁷.

O corpus estudado contém 39 ocorrências de μέντοι¹¹⁸, examinadas a seguir.

4.2 ATITUDINAL

¹¹⁷ Veja também Bonifazi, Drummen & De Kreijl: “Particles may signal the sequence of acts and moves in the discourse (organizational functions), and qualify the attitude of the speaker towards the content (modal functions) at the same time. In other words, our analysis of so-called “modal” particles takes into account their potentially co-existing organizational functions. By analogy, instead of assigning *either* connective or adverbial functions to particles (which largely coincide with organizational vs. modal functions), we find that it is better to think of functions as existing on a continuum.” (2016, I.4, §6)

¹¹⁸ Essa contagem inclui a conjectura γένοιτο μέντᾱν, θύγατερ, οὐριος δρόμος de Diggle para *HF* 95 (L traz γένοιτ’ ᾗν ὧ θύγατερ).

Sem função conectiva, μέντοι opera no nível da Ilocução, expressando o ponto de vista do falante em relação à Ilocução e também alinhando o ponto de vista do falante com o do ouvinte¹¹⁹. A partícula é mais claramente atitudinal nas passagens em que outra partícula já ocupa a função de conectivo, por exemplo:

Heracl. 515-521

ἀλλ' οὐδὲ μέντοι, τῶνδε μὲν τεθνηκότων,
αὐτὴ δὲ σωθεῖς, ἐλπίδ' εὖ πράξειν ἔχω.

Mas, por certo, nem morrendo esses
e eu sobrevivendo tenho esperança de ter êxito (...)

Se a relação com o segmento discursivo anterior é sinalizada por ἀλλά, resta a μέντοι as funções atitudinais de expressar compromisso com a veracidade da afirmação (μὲν) e chamar a atenção do ouvinte (τοι)¹²⁰.

Também com ἀλλά, μέντοι aparece outra vez, agora em uma ordem:

Hipp. 304-306

ἀλλ' ἴσθι μέντοι – πρὸς τὰδ' αὐθαδεστέρα
γίγνου θαλάσσης – εἰ θανῇι, προδοῦσα σοῦς
παῖδας, πατρώων μὴ μεθέξοντας δόμων,

Mas sabe bem — diante disso, sê mais teimosa
do que o mar! —, se morreres, terás traído teus filhos,
que não partilharão da casa paterna (...)

Em uma Ilocução diretiva, μέντοι não pode, naturalmente, expressar compromisso com a veracidade de uma asserção que não existe. A partícula antes serve, nesse caso, para reforçar a ordem, chamando a atenção do ouvinte¹²¹.

Denniston classifica como progressiva a combinação καί... μέντοι, incluindo a seguinte passagem de Eurípides no seu rol de exemplos:

Heracl. 389-398

{Δη.} ἥκει στράτευμ' Ἀργεῖον Εὐρυσθεύς τ' ἄναξ.

¹¹⁹ Essa é a definição de Allan, em artigo em preparação. Sobre o nível da Ilocução, vide seção 1.4 da Introdução.

¹²⁰ Acredito que aqui cada partícula retenha sua função. Denniston, por outro lado, põe essa ocorrência na alínea de um ἀλλά μέντοι progressivo (condizente com a minha classificação desse ἀλλά como de contraste discursivo) e glosa a passagem como “examining a fresh alternative” (GP 411).

¹²¹ É curioso que para essa passagem Denniston tenha se atrapalhado e dado duas classificações distintas: em GP 403, ele classifica esse μέντοι como enfático, enquanto, em GP 411, ele considera a combinação completa ἀλλά μέντοι como adversativa.

ἐγὼ νιν αὐτὸς εἶδον. ἄνδρα γὰρ χρεῶν, 390
 ὅστις στρατηγεῖν φησ' ἐπίστασθαι καλῶς,
 οὐκ ἀγγέλοισι τοὺς ἐναντίους ὀρᾶν.
 Πεδία μὲν οὖν γῆς ἐς τὰδ' οὐκ ἐφῆκέ πω
 στρατόν, λεπαίαν δ' ὀφρύην καθήμενος
 σκοπεῖ (δόκησιν δὴ τόδ' ἂν λέγοιμί σοι) 395
 ποῖαι προσάξει στρατόπεδον †τὰ νῦν δορὸς†
 ἐν ἀσφαλεῖ τε τῇσδ' ἰδρύσεται χθονός.
καὶ τὰμὰ μέντοι πάντ' ἄραρ' ἤδη καλῶς·

É chegado o exército argivos e também Euristeu soberano.
 Eu mesmo o vi – pois um homem que diz 390
 bem entender como ser general
 não por mensageiros deve ver os oponentes.
 Na verdade, para as planícies desta terra ainda
 não enviou exército, mas sobre rochoso penhasco sentado
 examina (apenas minha opinião direi a ti) 395
 por onde guiará tamanho exército a nossas fronteiras
 e em segurança irá estabelê-lo nesta terra.
 Quanto à minha parte, de fato, tudo já foi devidamente arranjado (...)

Não há motivo para interpretar esse καί... μέντοι como uma combinação fixa com significado específico (ao menos, não ainda em Eurípides) e nem para atribuir um sentido de progressão a μέντοι, se καί sozinho pode indicar transição¹²²: no caso a passagem da descrição do campo argivos para o ateniense.

Outra passagem em que a partícula é claramente atitudinal é a seguinte:

Hec. 599-602

[ἄρ' οἱ τεκόντες διαφέρουσιν ἢ τροφαί;
 ἔχει γε **μέντοι** καὶ τὸ θρεφθῆναι καλῶς
 δίδαξιν ἐσθλοῦ· τοῦτο δ' ἦν τις εὖ μάθηι,
 οἷδεν τό γ' αἰσχροὺν κανόνι τοῦ καλοῦ μαθόν.]

Mas os genitores fazem a diferença ou a criação?
 Ser belamente criado por certo também envolve
 a lição do nobre: se alguém aprender isso bem,
 após aprender, conhece o feio com a régua do belo.
 (Trad. Christian Werner)

Como a interrogação anterior oferece duas alternativas sem demonstrar uma clara predileção por nenhuma das duas, μέντοι não nega expectativa, e sim elabora sobre uma das opções disponíveis.

¹²² “If καί co-occurs with linguistic elements that shift our attention to some new unit of the discourse, that καί introduces a transition.” (BONIFAZI, 2016, IV.2 §136)

Por fim, a ocorrência seguinte é classificada por Denniston como enfática (*GP* 399):

Ph. 898-899

{Κρ.} φράσον πολίταις καὶ πόλει σωτηρίαν.
{Τε.} βούλησι σὺ **μέντοι** κούχῃ βουλήσῃ τάχα.

Creonte: Diz a salvação aos cidadãos e à cidade!
Tirésias: Tu o queres sim, e logo não quererás.
(Trad. Jaa Torrano, com alterações)

Se fosse conectiva, a partícula μέντοι estaria em início de turno, marcando uma relação de contraste entre dois *moves* conversacionais consecutivos. Como μέντοι é pospositiva, ‘início de turno’, para essa partícula é, na verdade, a segunda posição (lei de Wackernagel). Não é o caso aqui. Como observa Denniston, o μέντοι enfático (correspondente ao nosso atitudinal) é frequentemente associado a pronomes como σύ, οὗτος e τοιοῦτος (*GP* 399). Mais uma vez, μέντοι assevera a veracidade do ato discursivo, chamando atenção do ouvinte.

4.3 ADVERSATIVO

Excluindo-se as cinco passagens citadas acima, todas as outras 34 ocorrências de μέντοι no corpus são, no mínimo, ambíguas, *podendo ou não* serem interpretadas como conectivos contrastivos¹²³.

Por duas vezes, μέντοι é precedido por μέν:

IT 1327-1335

{Αγ.} ἐπεὶ πρὸς ἀκτὰς ἦλθομεν θαλασσίας,
οὗ ναῦς Ὀρέστου κρύφιος ἦν ὠρμισμένη,
ἡμᾶς μέν, οὓς σὺ δεσμὰ συμπέμπεις ξένων
ἔχοντας, ἐξένευσ’ ἀποστῆναι πρόσσω 1330
Ἀγαμέμνονος παῖς, ὥς ἀπόρρητον φλόγα
θύουσα καὶ καθαυτὸν ὄν μετώιχετο,
αὐτὴ δ’ ὀπισθε δέσμ’ ἔχουσα τοῖν ξένοιιν

¹²³ A lista completa é *Cyc.* 160; *Alc.* 725, 811, 1103; *Med.* 72, 95, 534, 725, 790, 1147, 1167; *Heracl.* 267, 593, 637, 1016; *Hipp.* 103, 329, 568, 903, 984, 1163, 1185; *Hec.* 761, 885; *El.* 660, 1011; *HF* 95, 1264; *IT* 637, 1335; *Ion* 812; *Hel.* 994; *Ph.* 272; *Or.* 106.

ἔστειχε χερσί. Καὶ τὰδ' ἦν ὕποπτα μὲν,
ἤρεσκε μέντοι σοῖσι προσπόλοις, ἄναξ. 1335

Quando fomos às falésias marinhas,
onde Orestes aportava navio oculto
a nós, que tu envias com as algemas
dos forasteiros, a filha de Agamêmnon 1330
acenou-nos sairmos, como sacrificando
secreta chama e purificação procurada,
ela ia atrás dos forasteiros com algemas
nas mãos. Ainda que isso fosse suspeito,
agradava, porém, a teus servos, senhor. 1335
(Trad. Jaa Torrano)

A construção contrastiva μὲν... μέντοι, em que se afirma enfaticamente a verdade de duas proposições aparentemente inconciliáveis, é o tipo de gramaticalização de conectivos concessivos de que fala König (supra), equivalente ao inglês *true p but...*, ao alemão *zwar p aber...* e ao próprio grego μὲν... δέ. No trecho citado acima, o mensageiro usa a construção μὲν... μέντοι em sua avaliação do comportamento de Ifigênia: ele não pode deixar de admitir que o comportamento da sacerdotisa era suspeito, mas ele precisa também justificar a Toas por que razão os servos não agiram para impedir o plano dos argivos.

O segundo exemplo de μὲν... μέντοι é complicado pela presença de uma segunda concessiva (sublinhada abaixo), encaixada na proposição B:

Hipp. 983-985

{Ιπ.} πάτερ, μένος μὲν ξύντασις τε σῶν φρενῶν
δεινὴ· τὸ μέντοι πρᾶγμ', ἔχον καλοὺς λόγους,
εἴ τις διαπτύξειεν οὐ καλὸν τόδε.

Pai, a força e rigidez de teu peito
terríveis são, mas a sua questão, ainda que tenha belos argumentos,
se alguém desdobrá-la, não será bela assim.

A expectativa negada pela construção μὲν... μέντοι é que a queixa de Teseu seja legítima, já que a sua veemência faz supor que ele tenha razão. O que Hipólito quer dizer, em síntese, é que a causa de Teseu é infundada, mas ele não o diz sem atenuar ainda mais essa sua afirmação, admitindo também, com a frase participial concessiva, uma certa aparência de justeza no que Teseu diz.

Confirmando o apelo interacional da partícula, μέντοι é comum em esticomitias, nas quais está em 14¹²⁴ das 39 ocorrências do corpus. Nesse contexto das disputas esticomíticas, é tentador interpretar μέντοι como um conectivo com sentido de negação de inferência ou réplica¹²⁵:

Heracl. 265-267

{Κη.} οὐ βούλομαί σε πόλεμον Ἀργείοις ἔχειν.

{Δη.} καὶ γὰρ τοιοῦτος· τῶνδε δ' οὐ μεθήσομαι.

{Κη.} ἄξω γε **μέντοι** τοὺς ἐμοὺς ἐγὼ λαβών.

Arauto: Não quero que tu tenhas guerra com os argivos.

Demofonte: Nem eu do mesmo modo, mas estes não deixarei partir.

Arauto: Levá-los-ei assim mesmo, tomando o que é meu.

Contrariando a possível inferência de que não poderá levar embora os heraclidas, já que Demofonte diz não o permitir, o arauto afirma que, de fato, vai levá-los, sim.

Acrescento um exemplo similar para esclarecimentos adicionais:

Or. 105-107

{Ελ.} σύ νυν χάριν μοι τὸν φόβον λύσσασα δός.

{Ηλ.} οὐκ ἂν δυναίμην μητρὸς ἐσβλέψαι τάφον.

{Ελ.} αἰσχρόν γε **μέντοι** προσπόλους φέρειν τάδε.

Helena: Então, liberta-me desse receio e concede-me um favor!

Electra: Não sou eu que poderei olhar para o túmulo de minha mãe!

Helena: Contudo, é vergonhoso que sejam escravos a levar estas oferendas.

(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira Silva)

Helena quer que Electra leve oferendas ao túmulo de Clitemnestra (v. 94). Quando Electra diz não ser capaz de levá-la, Helena infere que teria então de mandar escravos para cumprir a tarefa, já que ela mesma tem vergonha de se mostrar aos argivos (v. 98). Essa inferência é negada na frase com μέντοι, que dá uma razão para não mandar os escravos. Essa razão, por sua vez, é marcada pela partícula γε, que sinaliza um foco contraexpectativo (DIK, 1995, p. 43-45). Assim como co-ocorre com

¹²⁴ *Cyc.* 160; *Alc.* 725, 811, 1103; *Heracl.* 267, 637; *Hipp.* 103, 329, 568; *Hec.* 761, 885; *El.* 660; *Ph.* 899; *Or.* 106.

¹²⁵ Algumas ocorrências de μέντοι em esticomitia não estão em início de turno e, por isso, não podem, a rigor, ser consideradas réplicas. São elas: *Hipp.* 329, 568; *Hec.* 761, 885. Além disso, em *Ph.* 899 é atitudinal (vide supra). Por outro lado, também há vezes em que μέντοι aparece em início de turno (como réplica), fora das esticomitias: *El.* 1011, *HF* 95.

frequência com ἀτάρ (vide 3.2 nesta tese), γε é frequente em construções contrastivas com μέντοι¹²⁶, presumidamente pelas mesmas razões: γε seleciona um pedaço de informação novo e saliente, apropriado em situações de negação de expectativa.

No próximo exemplo, μέντοι, em esticomitia, conecta duas proposições pronunciadas pelo mesmo falante:

Hec. 760-761

{Εκ.} ὁρᾷς νεκρὸν τόνδ' οὗ καταστάζω δάκρυ;
{Αγ.} ὁρῶ· τὸ **μέντοι** μέλλον οὐκ ἔχω μαθεῖν.

Hécuba: Vês este morto aí sobre o qual verto lágrimas.
Agamêmnon: Vejo: mas o futuro não consigo apreender.
(Trad. Christian Werner)

Na frase iniciada por μέντοι, a expectativa negada é a de que Agamêmnon entenderia o que Hécuba quer apenas vendo o corpo de Polidoro.

A próxima ocorrência de μέντοι é classificada como progressiva por Denniston (*GP* 407):

Cyc. 158-160

{Οδ.} μῶν τὸν λάρυγγα διεκάναξέ σου καλῶς;
{Σι.} ὥστ' εἰς ἄκρους γε τοὺς ὄνυχας ἀφίκετο.
{Οδ.} πρὸς τῷδε **μέντοι** καὶ νόμισμα δώσομεν.

Odisseu: Será que desceu bem tua laringe?
Sileno: Que chegou até às pontas dos dedos.
Odisseu: Além disso, certamente daremos também moedas. / Mas, além disso, daremos também moedas.
(Trad. Jaa Torrano, com alterações)

Denniston inclui essa passagem na alínea “(ii) Proceeding to a new item in a series, a new point, a new argument.” (*GP* 407). No caso dessa passagem, a nuance progressiva, tal como descrita por Denniston, pode ser atribuída a πρὸς τῷδε e também ao καὶ inclusivo, sem a necessidade de se imputar um sentido progressivo a μέντοι. Não é claro, no entanto, se predomina aqui a função atitudinal ou a função conectiva da partícula. Se interpretado como conectivo, μέντοι negaria a possível inferência de que Odisseu teria apenas vinho para trocar pelos víveres que ele deseja. Se atitudinal, μέντοι

¹²⁶ γε μέντοι aparece 11 vezes no corpus em *Alc.* 725, *Med.* 95, 534, *Heracl.* 267, 593, 637, 1016, *Hipp.* 103, *Hec.* 600, *Hel.* 994, *Or.* 106.

expressaria compromisso com o conteúdo comunicado, ao mesmo tempo em que chamaria a atenção do Sileno para uma nova informação.

A próxima passagem também é considerada progressiva por Denniston:

El. 651-660

{Hl.} λέγ', ὦ γεραιέ, τάδε Κλυταιμῆστραι μολών.
 {<Pr.}> >
 {<Hl.>} λεχώ μ' ἀπάγγελ' οὔσαν ἄρσενος τόκωι.
 {Pr.} πότερα πάλαι τεκοῦσαν ἢ νεωστὶ δῆ;
 {Hl.} δέχ' ἡλίου, ἐν οἷσιν ἀγνεύει λεχώ.
 {Pr.} καὶ δὴ τί τοῦτο μητρὶ προσβάλλει φόνον; 655
 {Hl.} ἥξει κλύουσα λόχιά μου νοσήματα.
 {Pr.} πόθεν^{PUSH}; †τί δ'† αὐτῇ σοῦ μέλειν δοκεῖς, τέκνον;
 {Hl.} ναί· καὶ δακρύσει γ' ἄξιωμ' ἐμῶν τόκων.
 {Pr.} ἴσως· πάλιν μοι μῦθον ἐς καμπὴν ἄγε.
 {Hl.} ἐλθοῦσα **μέντοι**^{POP} δῆλον ὡς ἀπόλλυται. 660

Electra: Ancião, vai e diz a Clitemnestra isto!

Anuncia meu parto ser de filho varão!

Ancião: Há muito tempo, ou há pouco tempo?

Electra: Há dez sóis, nos quais o parto é puro.

Ancião: E por que é que isso dá morte à mãe? 655

Electra: Virá ao ouvir que convalesço do parto.

Ancião: Como? Crês que ela pense em ti, filha?

Electra: Sim! E chorará a condição de meu filho.

Ancião: Talvez. Vai ao termo do que me dizes.

Electra: É claro que, vindo, ela decerto morre. 660

(Trad. Jaa Torrano)

Enquanto explica como pretende matar a mãe, Electra é brevemente interrompida por um questionamento do ancião sobre a efetividade do seu pretexto para atraí-la. Esse pequeno excursus se inicia no v. 657 e termina com o pedido expresso do ancião para que Electra retome sua história (v. 659). A partícula μέντοι aparece então em POP. Em sua tradução, Jaa Torrano opta pela leitura atitudinal 'decerto'. Mas nada impede que μέντοι também seja lido com um conectivo adversativo que expressa um protesto contra a demora do ancião de entender o óbvio ('Mas é claro que, vindo, ela morre'). Quanto ao sentido de progressão identificado por Denniston, penso que ele seja secundário, originado do fato de μέντοι estar em POP, retomando uma sequência principal.

Na passagem seguinte, μέντοι também indica POP, mas, dessa vez, dentro de um monólogo:

Hel. 993-995

κτεῖν', εἰ^{PUSH} δοκεῖ σοι· δυσκλεᾶς γὰρ^{PUSH} οὐ κτενεῖς·
μᾶλλον γε μέντοι^{POP} τοῖς ἑμοῖς πείθου λόγους,
ἴν' ἥις δικαία καὶ δάμαρτ' ἐμὴν λάβω.

Mata-nos, se te parece, pois inglórios não matarás;
mas, de preferência, sê persuadida pelas minhas palavras
para que tu sejas justa e eu tome minha esposa.

Ao desafiar Teônoe, Menelau lança uma bravata em PUSH ('faça como quiser'), posteriormente justificada por um segundo PUSH, que reafirma a honra do casal espartano. Com μᾶλλον γε μέντοι, em POP, ele indica, porém, um curso de ação preferível, ainda que uma eventual decisão de Teônoe de entregar o casal não seja um desfecho de todo ruim.

A próxima passagem não é mencionada por Denniston, mas Barrett (2001, p. 379), usando a terminologia de Denniston, a classifica como uma progressiva do tipo puramente temporal (*GP* 406, i):

Hipp. 1181-1185

χρόνῳ δὲ δὴ ποτ' εἶπ' ἀπαλλαχθεὶς γόων·
τί ταῦτ' ἀλύω; πειστέον πατρὸς λόγους.
ἐντύναθ' ἵππους ἄρμασι ζυγηφόρους,
δμῶες, πόλις γὰρ οὐκέτ' ἔστιν ἡδε μοι.
Τοῦνθένδε μέντοι πᾶς ἀνὴρ ἠπείγετο,

“Por que me entristeço? É necessário obedecer às ordens do pai.
Preparai a parelha de cavalos do carro,
escravos, pois esta cidade não é mais minha.”
E então, de fato, cada homem se apressou,

Denniston diz que esse sentido de μέντοι progressivo temporal “is almost confined to prose. In the few verse examples there is usually some other factor which helps to establish the connexion: and this is often the case in prose as well.” (*GP* 406). De fato, em *S. OC* 1653, pode-se argumentar que o sentido temporal venha do advérbio ἔπειτα, da mesma maneira em que, no exemplo citado acima, ἐνθένδε, no início de uma nova seção narrativa, contribui para o sentido de sucessão temporal¹²⁷. Mesmo que contextos temporais como esses tenham contribuído para o eventual desenvolvimento

¹²⁷ Também em relato de mensageiro, *Med.* 1167 poderia ser comparada a *Hipp.* 1185. Mas, μέντοι, na primeira passagem, é mais claramente contrastivo. A visão de Creúsa graciosamente rondando o quarto com os belos presentes enviados por Medeia (v. 1163-1166) é bruscamente perturbada pelo efeito do veneno no corpo da princesa (v. 1167).

de um sentido progressivo de μέντοι¹²⁸, essa evolução ainda não parece completada na língua da tragédia.

Em início de turno, Denniston classifica como enfático o seguinte μέντοι:

El. 998-1012

{Κλ.} ἔκβητ' ἀπῆνης, Τρωιάδες, χειρὸς δ' ἐμῆς
 λάβεσθ', ἵν' ἔξω τοῦδ' ὄχου στήσω πόδα.
 Σκύλοισι μὲν γὰρ θεῶν κεκόσμηται δόμοι 1000
 Φρυγίοις, ἐγὼ δὲ τάσδε, Τρωιάδος χθονὸς
 ἐξαίρετ', ἀντὶ παιδὸς ἦν ἀπώλεσα
 σμικρὸν γέρας, καλὸν δὲ κέκτημαι δόμοις.
 {Ηλ.} οὐκ οὖν ἐγὼ (δούλῃ γὰρ ἐκβεβλημένη
 δόμων πατρώων δυστυχεῖς οἰκῶ δόμους), 1005
 μήτερ, λάβωμαι μακαρίας τῆς σῆς χερὸς;
 {Κλ.} δοῦλαι πάρεισιν αἶδε· μὴ σὺ μοι πόνει.
 {Ηλ.} τί δ'; αἰχμάλωτόν τοί μ' ἀπώικισας δόμων,
 ἡριμμένων δὲ δωμάτων ἡιρήμεθα,
 ὥς αἶδε, πατρὸς ὀρφανοὶ λελειμμένοι. 1010
 {Κλ.} τοιαῦτα μέντοι σὸς πατὴρ βουλευέματα
 ἐς οὓς ἐχρῆν ἦκιστ' ἐβούλευσεν φίλων.

Clitemnestra: Descei do carro, troianas! A mão
 tomai, para eu sair desta viatura!
 Os templos dos Deuses têm espólios 1000
 frígios, mas eu estas seletas troianas
 obtive em vez da filha, que perdi,
 parco prêmio, mas belo para a casa.
 Electra: Ó mãe, ainda que eu servente banida
 da casa do pai tenha casa de má sorte, 1005
 não devo tomar a tua venturosa mão?
 Clitemnestra: Disponho das servas; não te canses!
 Electra: Por quê? Tiraste-me cativa de casa,
 e vencida a casa, fomos vencidas,
 como essas, ficamos órfãs de pai. 1010
 Clitemnestra: Tais desígnios, todavia, teu pai teve
 contra quem dos seus menos devia.
 (Trad. Jaa Torrano)

Ao dizer que foi feita órfã de pai, Electra alude ao assassinato de Agamêmnon perpetrado por Clitemnestra e Egisto. Essa mera alusão faz com que Clitemnestra tenha que justificar seu ato: Agamêmnon foi morto, mas ele mesmo provocou sua morte ao

¹²⁸ Em Xenofonte, μέντοι parece já marcar fronteiras narrativas e descontinuidade temática: e. g. X. *HG* 3.5.25 e 4.8.31 (os exemplos são da comunicação “The Complicated Birth of the Adversative Particle μέντοι in Ancient Greek: Semantic change and scope increase”, apresentada por Rutger J. Allan, em Nijmegen, em 2017).

armar contra os seus (i.e., nega-se a inferência de que Clitemnestra seja a vilã da história)¹²⁹.

Na próxima passagem, μέντοι introduz um PUSH, e não um POP, como é mais usual:

HF 1263-1268

Zeὺς δ', ὅστις ὁ Ζεὺς, πολέμιόν μ' ἐγείνατο
 Ἥραι (σὺ μέντοι^{PUSH} μηδὲν ἀχθεσθῆις, γέρον·
 πατέρα γὰρ ἀντὶ Ζηνὸς ἡγοῦμαι σ' ἐγώ), 1265
 ἔτ' ἐν γάλακτί τ' ὄντι γοργωποὺς ὄφεις
 ἐπεισέφρησε σπαργάνοισι τοῖς ἐμοῖς
 ἢ τοῦ Διὸς σύλλεκτρος, ὥς ὀλοίμεθα.

Zeus, seja Zeus quem for, gerou-me inimigo
 de Hera. Mas tu não te aborreças, velho,
 pois pai eu considero-te, não Zeus. 1265
 Eu ainda lactava e gorgônteas serpentes
 introduziu em meus cueiros
 a consorte de Zeus, para que fôssemos aniquilados.
 (Trad. Cristina Franciscato)

Após mencionar que foi gerado por Zeus, Héracles faz um aparte em deferência a Anfitrião que está em cena¹³⁰. Com o segmento articulado por μέντοι, ele nega a expectativa de que consideraria Zeus como pai do ponto de vista afetivo.

O próximo μέντοι, segundo Denniston, se refere não ao verso anterior, mas à situação geral, ao fato de que Ifigênia está a ponto de planejar a morte de Orestes (*GP* 405):

IT 636-638

ἀλλ' εἴμι δέλτον τ' ἐκ θεᾶς ἀνακτόρων
 οἴσω. Τὸ μέντοι δυσμενὲς μὴ μοῦγκαλῆις,
 φυλάσσετ' αὐτοῦς, πρόσπολοι, δεσμῶν ἄτερ.

Mas irei e trarei a carta do santuário
 da Deusa. Não me tenhais inimizade.
 Ó servos, guardai-os, sem as cadeias!
 (Trad. Jaa Torrano)

¹²⁹ Emde Boas (2017a, p. 144 n. 164) também interpreta esse μέντοι como um conectivo de negação de expectativa.

¹³⁰ Denniston (*GP* 405) supõe que o comentário de Héracles seja motivado por um gesto de Anfitrião, mas essa suposição não me parece necessária.

Ao anunciar que vai buscar a tabuinha no templo da deusa, Ifigênia implica que vai cumprir o roteiro recém-acertado (v. 578 et seq.): salvar o portador da carta, Pílates, mas sacrificar Orestes. Pode-se dizer, então, que μέντοι nega um curso de ação sugerido pela proposição A. No entanto, por introduzir um pedido, uma espécie de ruptura discursiva (vide 2.2.1.3 nessa tese), essa negação de inferência se aproxima de um contraste discursivo.

Por duas vezes, μέντοι *talvez* preceda um δέ, o que o faria preparatório:

Med. 67-73

{Πα.} ἤκουσά του λέγοντος, οὐ δοκῶν κλύειν,
 πεσσοὺς προσελθών, ἔνθα δὴ παλαιότεροι
 θάσσουσι, σεμνὸν ἀμφὶ Πειρήνης ὕδωρ,
 ὡς τούσδε παῖδας γῆς ἑλᾶν Κορινθίας 70
 σὺν μητρὶ μέλλοι τῆσδε κοίρανος χθονὸς
 Κρέων. ὁ μέντοι μῦθος εἰ σαφὴς ὅδε
 οὐκ οἶδα· βουλοίμην δ' ἂν οὐκ εἶναι τόδε.

Preceptor: Ouvi dizerem, sem parecer escutar,
 perto dos jogos de velhos sentados
 à beira da venerável fonte Pirene,
 que o soberano deste solo coríntio 70
 Creonte baniria os filhos e a mãe.
 No entanto, se esta palavra é clara,
 não sei; quereria eu que não fosse.
 (Trad. Jaa Torrano)

Hipp. 902-904

{Ιπ.} κραυγῆς ἀκούσας σῆς ἀφικόμην, πάτερ,
 σπουδῇ· τὸ μέντοι πρᾶγμ' ὅτῳ στένεις ἔπι
 οὐκ οἶδα, βουλοίμην δ' ἂν ἐκ σέθεν κλύειν.

Hipólito: Tendo ouvido teu grito, vim, pai,
 apressado; porém a matéria pela qual lamentas
 não conheço, mas gostaria de ouvi-la de ti.

Apesar de as diferenças na pontuação de Diggle favorecerem uma ou outra interpretação em cada passagem, julgo que as duas sejam bastante semelhantes, tanto no conteúdo, quanto na forma. Nos dois exemplos, o falante usa o aoristo do verbo ἀκούω para reportar algo sobre o qual ele diz não ter segurança ou não entender. Se μέντοι for conectivo no primeiro exemplo, o que ele nega é a expectativa de que o que o Preceptor ouviu seja verdade inquestionável; no segundo, a expectativa de que Hipólito tenha entendido a razão do berreiro de Teseu. Em ambos os casos, a proposição após μέντοι

começa da mesma maneira, com o mesmo optativo βουλοίμην e a partícula δέ. Além desse possível sentido conectivo, com referência ao segmento anterior, μέντοι pode ser também preparatório, caso em que μέντοι... δέ expressariam juntos negação de expectativa. No exemplo da *Medeia*, a inferência negada seria a de que o relato do Preceptor seja verdadeiro, no caso de *Hipólito*, a inferência de que Hipólito continuará na ignorância.

Com optativo, expressando desejo, μέντοι aparece em *Med.* 95 e *Heracl.* 593, que cito a seguir:

Heracl. 591-594

τάδ' ἀντὶ παίδων ἐστὶ μοι κειμήλια
καὶ παρθενείας, εἴ τι δὴ κατὰ χθονός.
Εἴη γε μέντοι μηδέν· εἰ γὰρ ἔξομεν
κάκεϊ μερίμνας (...)

São esses feitos as minhas riquezas, em lugar dos filhos
e da virgindade, se de fato algo há embaixo da terra.
Mas que não haja nada!, pois se tivermos
preocupações também lá (...)

Com a condicional do v. 592, a donzela acena para a possibilidade de que haja algum tipo de vida após a morte, no Hades. Nesse contexto, μέντοι é empregado para refutar essa possibilidade, mas na forma de um desejo.

Uma única vez, μέντοι *de dicto* é usado para pôr de lado um assunto:

Med. 772-773, 787-792

ἤδη δὲ πάντα τάμ' αἶ σοι βουλευόμενα	772
λέξω· (...)	773
(...)	
κἄνπερ λαβοῦσα κόσμον ἀμφιθῆι χροῖ,	787
κακῶς ὀλεῖται πᾶς θ' ὅς ἂν θίγηι κόρης·	
τοιοῖσδε χρίσω φαρμάκοις δωρήματα.	
ἐνταῦθα μέντοι τόνδ' ἀπαλλάσσω λόγον.	790
ὦμωξά δ' οἷον ἔργον ἔστ' ἐργαστέον	
τοῦντεῦθεν ἡμῖν·	

Já te direi todas as minhas decisões,	772
(...)	
Se ela pegar o adorno e puser na pele,	787
morrerá mal e todos os que a tocarem,	
com tais drogas untarei os seus dons.	
Aqui, porém, despedirei esta palavra.	790
Deplorei como o feito deve ser feito	

por mim doravante, (...)
(Trad. Jaa Torrano)

Com μέντοι, Medeia nega a expectativa de que continuaria a explicar as consequências do seu plano para Creúsa. Mas a partícula também exerce uma função na articulação da macroestrutura do discurso, na medida em que anuncia uma mudança de assunto.

4.4 CONCLUSÃO

Como partícula atitudinal, μέντοι expressa compromisso com o ato discursivo que a contém, ao mesmo tempo em que requer atenção especial do ouvinte à informação transmitida. Como conectivo discursivo, μέντοι conecta dois segmentos, em que o segundo nega uma possível inferência ou expectativa do primeiro.

Criada a partir da junção das partículas atitudinais μέν e τοι, μέντοι é também atitudinal em Eurípides, mas não só. Ainda que, em várias passagens, a partícula possa ser interpretada tanto como atitudinal, quanto como conectiva, a construção μέν... μέντοι comprova que o uso de μέντοι como conectivo de negação de inferência/expectativa também ocorre em Eurípides. Sobre tudo as ocorrências em que μέντοι inicia *move* reativo favorecem uma interpretação conectiva adversativa da partícula.

Além disso, a ocorrência da partícula em contextos de progressão narrativa facilita o desenvolvimento de um sentido de puro contraste discursivo, que se verá mais tarde na prosa helenística. Também é possível que já haja, em Eurípides, uma gramaticalização da construção μέντοι... δέ, em que μέντοι é preparatório.

5 KAÍTOI

5.1 REVISÃO DA LITERATURA

Denniston dá três valores principais para *καίτοι*: adversativo, continuativo e lógico (*GP* 555-564). Nos sentidos adversativo e lógico, ele distingue ainda alguns usos diferentes, explicando, por exemplo, que *καίτοι* pode ser usado em um parêntese no discurso (diríamos, em *PUSH*) e que, no uso lógico, *καίτοι* marca a transição de premissa a premissa em um silogismo cuja conclusão frequentemente é deixada à imaginação.

Bäumlein também já tinha dito que *καίτοι* introduz um desenvolvimento lógico, um avanço no discurso, e que a partícula aparece em oposição ao que foi dito anteriormente. Ele ainda dá exemplos de *καίτοι* na tragédia introduzindo uma interrupção (1861, p. 245).

Para Labéy (1950, p. 36-37), *καίτοι* é uma verdadeira combinação de partículas com dois usos diferentes: um emprego intensivo, em que a partícula introduz um pensamento surgido bruscamente, com frouxa ligação com o que precede; e um emprego restritivo, que é mais frequente e equivale ao francês ‘*pourtant*’ (‘no entanto’).

Em sua monografia sobre partículas na prosa helenística, Blomqvist diz que *καίτοι* é propensa à argumentação e que frequentemente introduz uma objeção à opinião de um oponente real ou imaginário (1969, p. 35-36). Como Denniston, Blomqvist também distingue usos adversativo, progressivo/continuativo e lógico (“na fronteira entre os usos adversativo e progressivo”, *ibidem*, p. 37) e ainda acrescenta um uso confirmatório, típico de Aristóteles, e um *καίτοι* ‘fraco’, de sentido semelhante a *καίπερ*. Sua explicação sobre essa última variedade da partícula é bastante confusa, já que ele compara essa versão ‘fraca’ de *καίτοι* ao *καίτοι* em parêntese de Denniston (equivalente à nossa negação de inferência invertida em *PUSH*, sobre a qual, vide *infra*)¹³¹. Blomqvist acrescenta também que, a partir de Políbio, começam a ser mais

¹³¹ Toda a explicação seguinte é perfeitamente condizente com o papel de *καίτοι* na introdução de uma sequência secundária no discurso, um *PUSH*, papel esse já comum em Eurípides, como se verá a seguir: “Such clauses are virtually, although not formally, subordinated to the preceding sentence, and they are often translated by subordinated concessive clauses. One sign of their dependent position is that, when the argumentation is continued after the *καίτοι* clause, the objection, refutation, etc. is not directed against

frequentes as ocorrências de καίτοι com particípio¹³², enquanto καίπερ, por sua vez, também começa a ocorrer com verbo finito (ibidem, p. 46-48).

Segundo Sicking, o falante, em Lísias, usa καίτοι para incluir algo ao contexto precedente (καί), ao mesmo tempo em que dirige a atenção da audiência a esse algo (τοι), especificando que ele, o falante, está apto a fazê-lo e confrontando um fato aceito com uma suposição potencialmente controversa, e sugerindo ainda que haja uma discrepância ou inconsistência entre os dois (1993, p. 33). Sicking também diz que καίτοι, como μέντοι e τοίνυν, é usado pelo falante para chamar a atenção para uma declaração que ele assume ou finge assumir que se desvia das expectativas da audiência (ibidem, p. 49).

López Eire, acerca da língua de Aristófanes, diz que καίτοι diz respeito à função fática da linguagem e é um indicador conversacional que serve para interromper bruscamente o curso normal de um pensamento (1996, p. 130). O autor dá *Lys.* 922 como exemplo de καίτοι como partícula introdutora de objeções (ibidem, p. 121-122) – interpretação de que discordo: Mirrina usa a partícula quando subitamente percebe que lhe falta uma esteira e que ela deve ir 117onsu-la; nos termos desta tese, esse seria um contraste discursivo.

Na definição de Slings (1997, p. 122), καίτοι em PUSHes é o espelho de μέντοι. Enquanto em A μέντοι B, B nega uma expectativa de A ('ele é rico μέντοι infeliz'), em A καίτοι B, é A que nega uma expectativa de B ('ele é infeliz καίτοι rico'). Καίτοι se assemelha, então, a uma concessiva posposta, com a diferença de que a ênfase deve recair sobre o segmento B¹³³.

Em artigo influenciado pela teoria da argumentação de Ducrot, Jacquino¹³⁴ diz que καίτοι "introduit un élément nouveau, non prévisible de façon evidente d'après le contexte (une incidente), qui doit relancer la réflexion" (1997, p. 133). A formalização de Jacquino¹³⁴, no entanto, inspirada novamente na descrição de Ducrot para o *mais* francês, é equivalente à descrição que usamos para μέντοι e para ἀλλά em seu sentido contraexpectativo:

the καίτοι clause alone, but against a sentence before the καίτοι clause or against a whole complex of clauses, one of which is the καίτοι clause, i. e. the καίτοι clause no longer stands on the same level as the rest of the argumentation." (BLOMQVIST, 1969, p. 39).

¹³² No período clássico, καίτοι com particípio é raro ou inexistente, cf. Bolling, 1902.

¹³³ Por essa razão, 'ele é infeliz καίτοι rico' não equivale ao português 'ele é infeliz, ainda que rico'. Uma possível paráfrase em português seria algo como 'ele é infeliz – e olhe que ele é rico'.

Nous avons une affirmation *A* qui pourrait aller dans le sens d'une conclusion *c*, non explicitée. Καίτοι introduit une affirmation *B* qui ne détruit pas *A*, mais qui pousse à conclure $\neg c$. (ibidem, p. 136)

Ou seja, Jacquinod identifica o sentido de negação de expectativa da partícula, mas deixa passar a posição invertida das proposições, apontada por Slings. É importante ressaltar que essa inversão é crucial para a continuação do discurso: não é verdade, como quer Jacquinod, que a consideração acrescentada por καίτοι modifique o curso da discussão (ibidem, p. 139), ao menos, não definitivamente, pois o que a partícula introduz é um parêntese sobre uma possível objeção *já superada* e, por isso, o POP conseguinte pode ignorar a sequência secundária com καίτοι.

Em Platão, Jacquinod observa passagens em que καίτοι têm empregos em lugares onde ἀλλά aparentemente poderia figurar, mas rapidamente acrescenta que ἀλλά marca uma ruptura que καίτοι não pode marcar (ibidem, p. 141). Por causa dessa sua opinião, Jacquinod tem dificuldades para explicar o emprego da partícula em certas passagens da tragédia¹³⁴ em que καίτοι parece marcar rupturas: A. PV 101 (καίτοι τί φημί;), S. OC 1132 (καίτοι τί φωνῶ;) e S. Ph. 1257¹³⁵ (καίτοι σ' ἐάσω – em início de turno, única ocorrência da partícula nessa posição em todo o drama supérstite).

Jacquinod também nota que a partícula é fortemente dialogal (ibidem, p. 137) e que ela supõe uma espécie de duplicação do interlocutor (ibidem, p. 139). Mais interessante é sua observação de que não há nada de inerentemente lógico em suas aplicações: “La présence de καίτοι dans un syllogisme (canoniquement constitué, ou, ce qui est le plus fréquent, restitué pas les commentateurs) n'est qu'un cas de son emploi dans un raisonnement” (ibidem, p. 135-136). Por fim, o autor diz que καίτοι está em relação de completariedade com καίπερ: ambas são concessivas, mas a segunda introduz uma oração subordinada (ibidem, p. 149).

Também influenciada pela teoria da argumentação, Oréal diz que o enunciador usa a partícula καίτοι para marcar a pertinência e a não-autonomia do enunciado que a contém (1997, p. 246), explicando que esse enunciado não tem valor independente do ponto de vista da argumentação (ibidem, p. 236).

Segundo Revuelta (2013), καίτοι serve introduzir contra-argumentos e para enfraquecer a afirmação anterior. Também na EAGLL, Loudová (2013) classifica a

¹³⁴ O autor faz um breve levantamento de καίτοι em Ésquilo, Sófocles e Aristófanes, mas não chega a mencionar Eurípides.

¹³⁵ “Il y a un changement complet, un vrai revirement, et on attendrait dans ces conditions une autre particule.” (JACQUINOD, 1997, p. 147).

partícula como um marcador discursivo de contraste e observa que ela é mais frequente nos textos argumentativos da prosa e do drama do que na poesia.

Allan exemplifica o uso não contrastivo de *καίτοι* em Tucídides. Para ele, esse seria o sentido original da partícula, “marking that the Discourse Act is to be considered in close connection with the preceding one (*καί*) and that the addressee should take note of it (*τοί*)” (2017a, p. 293). Além desse sentido original, Allan diz também que, como negação de expectativa invertida, o falante enfaticamente pede que o ouvinte *não* tire uma certa conclusão que poderia lhe surgir.

5.2 NEGAÇÃO DE INFERÊNCIA INVERTIDA

O primeiro e mais frequente emprego de *καίτοι* é aquele batizado por Slings (vide supra) de negação de expectativa invertida, que é correspondente à nossa negação de inferência invertida. Observe-se um primeiro exemplo:

Alc. 280-299

{Αλ.} Ἄδμηθ', ὁράις γὰρ ^{PUSH} τὰ μὰ πρᾶγμαθ' ὥς ἔχει, 280
 λέξαι θέλω σοι πρὶν θανεῖν ἃ βούλομαι.

ἐγὼ σε πρᾶσβεύουσα κἀντὶ τῆς ἐμῆς
 ψυχῆς καταστήσασα φῶς τόδ' εἰσορᾷν
 θνήσκω, παρόν^{PUSH} μοι μὴ θανεῖν, ὑπὲρ σέθεν,
 ἀλλ' ἄνδρα τε σχεῖν θεσσαλῶν ὃν ἤθελον

285

καὶ δῶμα ναίειν ὄλβιον τυραννίδι.
οὐκ ἠθέλησα ζῆν ἀποσπασθεῖσα σοῦ
σὺν παισὶν ὀρφανοῖσιν, οὐδ' ἐφεισάμην
ἥβης, ἔχουσ' ἐν οἷς ἐτερπόμεν ἐγώ.

καίτοι ^{PUSH} σ' ὁ φύσας χῆ τεκοῦσα προὔδοσαν, 290
καλῶς μὲν αὐτοῖς κατθανεῖν ἦκον βίου,
καλῶς δὲ σῶσαι παῖδα κεῦκλεως θανεῖν.

μόνος γὰρ ^{PUSH} αὐτοῖς ἤσθα, κοῦτις ἐλπίς ἦν
 σοῦ καθανόντος ἄλλα φιτύσειν τέκνα.

καὶ γὰρ τ' ἂν ἔζων καὶ σὺ τὸν λοιπὸν χρόνον, 295
 κοῦκ ἂν μονωθεὶς σῆς δάμαρτος ἔστανες
 καὶ παῖδας ὠρφάνευες. ἀλλὰ ^{POF} ταῦτα μὲν
 θεῶν τις ἐξέπραξεν ὥσθ' οὕτως ἔχειν.

εἶέν.^{POP} σύ νύν μοι τῶνδ' ἀπόμνησαι χάριν (...)

Admeto, já que vês como vão as coisas para mim, 280
quero dizer-te antes de morrer o que desejo.

Tendo honrado a ti mais do que à minha vida
 e tendo feito tu veres esta luz do dia,
 morro, sendo-me possível não morrer por ti,
 mas ter um marido tessálio que quisesse 285
 e habitar próspera casa de algum soberano.
 Não quis viver separada de ti,
 com crianças órfãs, e não poupei
 a juventude, ainda que tenha o que me alegre.
 E, de fato, o que te engendrou e a que te pariu te abandonaram, 290
 mesmo que tivessem alcançado um ponto em que belamente poderiam morrer,
 belamente salvar o filho e com glória morrer.
 Pois tu eras filho único, e não havia esperança de que,
 com tu morrendo, gerassem outros filhos.
 E tu e eu viveríamos o resto de nossas vidas, 295
 e tu, abandonado, não gemerias pela esposa,
 nem cuidarias dos filhos órfãos. Mas algum dos deuses
 fez com que assim fosse.
 Que seja. Agora te lembra do favor que me tens.

Todo o trecho destacado até a partícula εἴεν é um único *move*, complexo em si mesmo e subsidiário ao próximo, servindo como demonstração de que Alceste tem direito de pedir o que ela vai pedir. Após os dois versos introdutórios, Alceste inicia sua alegação principal com os pronomes ἐγώ σε, em assíndeto, os quais serão espelhados por σύ νύν μοι no v. 299 – o que sintetiza a lógica do discurso dela: se primeiro Alceste fez algo por Admeto, depois é ele quem deve fazer algo por ela. Um primeiro PUSH introduzido pelo particípio παρόν ressalta ainda mais a boa vontade de Alceste. Em seguida, novamente em assíndeto, Alceste salienta o caráter voluntário da sua decisão (οὐκ ἠθέλησα) e o sacrifício da sua juventude (v. 288-289). Com o segmento iniciado por καίτοι, Alceste exalta ainda mais o seu sacrifício, ao compará-lo com o comportamento dos sogros. A negação de inferência invertida se constrói da seguinte maneira: A) ‘eu dou minha vida e sacrifico minha juventude por você’, B) ‘e isso a despeito do fato de que seus pais, que nem juventude tinham para sacrificar, não aceitaram morrer por você’ – sendo que essa proposição B poderia levar à conclusão c de que ‘eu, que sou jovem e não tenho laço de sangue com você, também não me sacrificaria para salvá-lo’¹³⁶. Para pôr de lado o assunto, ἀλλά *de dicto* acrescenta um

¹³⁶ O discurso de Admeto para o pai em 642-652 ecoa essa fala de Alceste, notadamente no uso de καίτοι (os manuscritos trazem até mesmo um par de versos idênticos (295-296=651-652), deletados pelos editores modernos).

lugar-comum sobre a influência divina nas coisas humanas e εἶέν completa a mudança de rumo.¹³⁷

A partícula καίτοι aparece duas vezes na próxima passagem, ainda com o mesmo sentido contraexpectativo:

Med. 184-203

Τρ.} δράσω τάδ'· ἀτὰρ φόβος εἰ πείσω
δέσποιναν ἐμήν· 185

μόχθου δὲ χάριν τήνδ' ἐπιδώσω.
καίτοι τοκάδος δέργμα λεαίνης
ἀποταυροῦται δμωσίν, ὅταν τις
μῦθον προφέρων πέλας ὀρμηθῇ.

σκαιοὺς δὲ λέγων κούδέν τι σοφοὺς 190
τοὺς πρόσθε βροτοὺς οὐκ ἂν ἀμάρτοις,

οἵτινες ὕμνους ἐπὶ μὲν θαλίαις
ἐπὶ τ' εἰλαπίναις καὶ παρὰ δείπνοις
ἤϋροντο βίωι τερπνὰς ἀκοάς·

στυγίους δὲ βροτῶν οὐδεὶς λύπας 195
ἤϋρετο μούσῃ καὶ πολυχόρδοις

ᾠδαῖς παύειν, ἐξ ᾧ θάνατοι
δειναί τε τύχαι σφάλλουσι δόμους.

καίτοι τάδε μὲν κέρδος ἀκεῖσθαι
μολπαῖσι βροτούς· ἵνα δ' εὐδαιπνοι 200

δαῖτες, τί μάτην τείνουσι βοήν;
τὸ παρὸν γὰρ ἔχει τέρψιν ἅφ' αὐτοῦ
δαιτὸς πλήρωμα βροτοῖσιν.

Nutriz: Assim farei, mas pavor é se persuadirei
minha senhora; 185

mas farei este favor laborioso.
Todavia, olhar de leoa parida
faz dela touro ante todo servo
que a ela se vá e dirija a palavra.

Não erraria se dissesse sinistros, 190
e não sábios, os antigos mortais,

que inventaram hinos para festas
e para banquete, e nos jantares

audição divertida com os víveres; 195
nenhum mortal inventou o fim

de odiosos pesares, com Musa
e cantos de muitas cordas, quando
mortes e má sorte abatem a casa.

¹³⁷ Slings (1997, p. 109) diz que, quando ἀλλά é usado em POP para encerrar um tópico discursivo, o POP geralmente é realizado em duas etapas: no presente caso, por ἀλλά e εἶέν. Classifico, no entanto, esse uso de ἀλλά como negação de inferência/expectativa, e não como substituição ('replacing' na terminologia de Slings), porque esta tese estabelece a presença de uma negação anterior como requisito mínimo para substituições (cf. Slings, ibidem, p. 106-107).

Mas os mortais logram remediá-lo
 com os cantares; onde há felizes
 jantares, por que modular voz vã?
 Presente a plenitude da ceia tem
 por si mesma prazer para mortais.
 (Trad. Jaa Torrano)

200

Após um momento de hesitação, a Ama promete que irá buscar Medeia, mas expõe o obstáculo que deverá enfrentar, o olhar de leoa parida de Medeia, o qual seria motivo suficiente para que a Ama evitasse falar com a patroa (a expectativa contrariada). No verso 190, com δέ, a Ama introduz uma gnome sobre a inépcia dos homens de outrora, eles que criaram canções apenas para deleite em ocasiões festivas, mas nada que fizesse cessar os sofrimentos humanos. A proposição introduzida pelo segundo καίτοι responde aos versos 195-198 e expressa a expectativa frustrada de que alguém deveria, de fato, ter inventado as tais canções consoladoras. Na ordem básica da negação de inferência, o raciocínio seria: sendo proveitoso que alguém criasse canções que acabassem com o sofrimento humano (*A*), ninguém as criou (*B*), mesmo que *A* gerasse a expectativa *c* de que alguém o fizesse.

El. 930-933

πᾶσιν δ' ἐν Ἀργείοισιν ἤκουες τάδε·
 Ὁ τῆς γυναικός, οὐχὶ τάνδρὸς ἡ γυνή.
καίτοι τόδ' αἰσχρόν, προστατεῖν γε δομάτων
 γυναῖκα, μὴ τὸν ἄνδρα·

Em toda Argos, escutavas o seguinte:
 o homem da esposa e não a esposa do homem.
 Por certo, isto é vergonhoso, a mulher mandar
 na casa, não o homem.
 (Trad. Karen A. Sacconi)

Usando os termos de Sicking (1993, p. 33), esse καίτοι é usado por Electra para acrescentar algo ao contexto precedente e chamar a atenção para esse algo, a saber, a indecência da conduta de Egisto. Além disso, o fato de ser vergonhoso poderia fazer supor que esse comportamento seria evitado, e é essa suposição, potencialmente inconsistente com a proposição anterior, que Electra reconhece. O efeito pretendido parece ser salientar a excepcionalidade do comportamento de Egisto.

A próxima passagem contém duas negações de inferência, uma na ordem básica e uma invertida:

Hipp. 1296-1297

ἄκουε, θησεῦ, σῶν κακῶν κατάστασιν.

καίτοι^{PUSH} προκόψω γ' οὐδέν, ἀλγυνῶ δέ σε·
 ἀλλ'^{POP} ἐς τόδ' ἦλθον, παιδὸς ἐκδεῖξαι φρένα
 τοῦ σοῦ δικαίαν, ὥς ὑπ' εὐκλείας θάνηι,
 καὶ σῆς γυναικὸς οἴστρον ἢ τρόπον τινὰ
 γενναιότητα.

Ouve, Teseu, o estado de teus males,
 ainda que eu não vá melhorar nada, mas te angustiar.
 Contudo foi para isto que vim, para mostrar que o coração
 do teu filho é justo, para que em boa fama ele morra,
 e para mostrar a louca paixão de tua mulher, ou, de certo modo,
 sua nobreza.

A negação de inferência invertida é: A) 'ouve os seus infortúnios', B) 'mesmo que isso só te angustie' – em que de 'ouvir te angustiará' infere-se © 'tu não deverias ouvir'. Além disso, a objeção sugerida pela proposição com καίτοι é replicada por ἀλλά em POP, retornando à sequência principal.

Outros exemplos de καίτοι e ἀλλά usados sequencialmente em PUSHes e POPs são:

IT 719-722

ἀτὰρ τὸ τοῦ θεοῦ σ' οὐ διέφθορέν γέ πω
 μάντευμα· **καίτοι**^{PUSH} κἀγγὺς ἔστηκας φόνου.
 ἀλλ'^{POP} ἔστιν, ἔστιν ἡ λίαν δυσπραξία
 λίαν διδοῦσα μεταβολάς, ὅταν τύχηι.

No entanto, o oráculo do deus ainda não te destruiu, por muito perto que estejas da morte. Mas o certo, certo mesmo, é que quando se dá uma grande desgraça, a sorte traz, em determinadas ocasiões, grandes mudanças.
 (Trad. Nuno Simões Rodrigues)

No capítulo desta tese sobre ἀλλά, já foi dito que, quando em POP, o ἀλλά substitutivo corrige elemento de antes do PUSH (p. 32-33), e isso prova que o que καίτοι introduz é uma sequência secundária, que desvia o discurso apenas momentaneamente de sua linha de raciocínio principal. No que diz respeito à construção do contraste, a expectativa contrariada aqui é a de que Orestes já tenha sido arruinado pelo oráculo do deus, expectativa advinda do fato de ele estar perto de ser assassinado.

Algo semelhante acontece no próximo exemplo:

Or. 1666-1670

{Op.} ὦ Λοξία μαντεῖε, σῶν θεσπισμάτων
οὐ ψευδόμαντις ἦσθ' ἄρ' ἀλλ' ἐτήτυμος.
καίτοι^{PUSH} μ' ἐσήκει δαῖμα, μή τινας κλύων
ἀλαστόρων δόξαιμι σὴν κλύειν ὅπα.
ἀλλ'^{POP} εὖ τελεῖται, πείσομαι δέ^{POP} σοῖς λόγοις.

Orestes: Ó Lóxias profético, os teus oráculos não eram falazes, mas verdadeiros. Todavia, insinuava-se em mim o terror de que, escutando algum gênio mau, eu tivesse julgado ouvir a tua voz. Mas tudo chega a bom termo e obedecerei às tuas palavras.
(Trad. Augusta Fernanda de Oliveira e Silva)

Mais uma vez, a proposição iniciada por καίτοι contém a expectativa de um obstáculo que poderia ter impossibilitado a verdade da proposição anterior (havendo razão para o medo de Orestes, Apolo seria mesmo um falso adivinho), sendo que esse potencial obstáculo é admitido, mas considerado já superado. Mais uma vez, ao PUSH com καίτοι se segue um POP em duas etapas (cf. *Alc.* 280-299 supra), com ἀλλά e δέ.

Na próxima passagem, Denniston identifica um uso lógico de καίτοι, em um suposto silogismo sem conclusão expressa e com a premissa menor antecedendo a maior (*GP* 562):

Heracl. 972-973

{Θε.} οὐκ ἔστι τοῦτον ὅστις ἂν κατακτάνοι.
{Αλ.} ἔγωγε· **καίτοι** φημὶ κάμ' εἶναί τινα.

Servo: Não há quem o mate.

Alcmena: Eu o faria. E, entretanto, digo que sou alguém!

A negação de expectativa pode ser reconstruída da seguinte maneira: se eu digo que sou alguém, disso se infere que eu não poderia matar Euristeu (por causa da regra que o Servo estabeleceu), mas eu o mataria ainda assim. Como as proposições estão invertidas e se afirma primeiro a possibilidade de matar e depois se reconhece o obstáculo que potencialmente poderia impedi-la, usa-se καίτοι, e não μέντοι ou ἀλλά. Não há diferença entre o uso de καίτοι nessa passagem e nas outras analisadas anteriormente, as quais o próprio Denniston considera adversativas. É desnecessário, portanto, tentar reconstruir um silogismo, cujas partes nem estão explicitamente expressas, para dar conta desse uso de καίτοι.

O próximo trecho tem duas ocorrências de καίτοι, sendo que a segunda também é classificada como lógica por Denniston:

Tr. 661-672

κεί μὲν παρώσασ' Ἑκτορος φίλον κάρᾳ
 πρὸς τὸν παρόντα πόσιν ἀναπτύξω φρένα,
 κακὴ φανοῦμαι τῷι θανόντι· τόνδε δ' αὖ
 στυγοῦσ' ἐμαυτῆς δεσπότης μισήσομαι.
καίτοι λέγουσιν ὥς μί' εὐφρόνη χαλαῖ
 τὸ δυσμενὲς γυναικὸς εἰς ἀνδρὸς λέχος·
 ἀπέπτυσ' αὐτὴν ἣτις ἄνδρα τὸν πάρος
 καινοῖσι λέκτροις ἀποβαλοῦσ' ἄλλον φιλεῖ.
 ἀλλ' οὐδὲ πῶλος ἣτις ἄν διαζυγῇ
 τῆς συντραφείσης ῥαϊδίως ἔλκει ζυγόν.
καίτοι τὸ θηριῶδες ἄφθογγόν τ' ἔφυ
 ξυνέσει τ' ἄχρηστον τῇ φύσει τε λείπεται.

Se, desdenhando a fronte amada de Heitor,
 ao meu amo atual abrir o coração,
 vil aparecerei ao morto: mas, se do meu senhor
 sinto nojo, serei odiada por ele.
 Dizem, porém, que uma noite alegre relaxa
 a aversão da mulher à cama do marido:
 execro qualquer uma que, o ex-marido
 expelindo em vista de nova cama, outro ama.
 Mas nem a potra, quando desjungida
 da companheira, puxa fácil o jugo.
 O animal porém nasceu sem fala
 e fica sem usar ciência e natureza.
 (Trad. Christian Werner até o v. 670. Trad. Jaa Torrano para os v. 671-672)

No caso do primeiro καίτοι, o que parece suscitar o seu emprego é o que Andrômaca sugere no tom das suposições que ela faz, incluindo o vocabulário afetuosamente usando para se referir a Heitor (φίλον κάρᾳ). Também a própria caracterização tradicional de Andrômaca contribui para que haja a expectativa de que ela prefira o marido morto a qualquer outro, apesar (καίτοι) do que diz a sabedoria popular sobre como uma boa noite de sexo pode aplacar a hostilidade feminina. Andrômaca, no entanto, rejeita enfaticamente essa estratégia: a mera ideia a faz usar o verbo performativo ἀπέπτυσσᾰ para condenar bruscamente (veja-se o assíndeto) a mulher que admitir esse comportamento. Em seguida, ela acrescenta um argumento contra a sabedoria popular: ἀλλά no v. 669 se refere aos v. 665-666. A negação de inferência invertida introduzida pelo segundo καίτοι se constrói da seguinte maneira: A) nem uma potra aceita facilmente a perda da companheira, B) apesar de ser um animal que não tem linguagem nem consciência (ξύνεσις) – fato esse que poderia levar à conclusão *c* de que

ela não se importaria com a ausência da companheira. Mais uma vez, a noção de silogismo é dispensável para se entender o sentido de καίτοι.

5.3 CONTRASTE DISCURSIVO

Nessa alínea, reúno as ocorrências de καίτοι que Denniston coloca em um grupo de adversativas “used by a speaker in pulling himself up abruptly” (GP, 557). O melhor exemplo vem do monólogo angustiado de Medeia:

Med. 1040-1053

φεῦ φεῦ· τί προσδέρκεσθέ μ' ὄμμασιν, τέκνα;	1040
τί προσγελάτε τὸν πανύστατον γέλων;	
αἰαῖ· τί δράσω; καρδία γὰρ οἴχεται,	
γυναῖκες, ὄμμα φαιδρὸν ὡς εἶδον τέκνων.	
Οὐκ ἂν δυναίμην· χαιρέτω βουλευματα	
τὰ πρόσθεν· ἄζω παῖδας ἐκ γαίας ἐμούς.	1045
τί δεῖ με πατέρα τῶνδε τοῖς τούτων κακοῖς	
λυποῦσαν αὐτὴν δις τόσα κτᾶσθαι κακά;	
οὐ δῆτ' ἔγωγε· χαιρέτω βουλευματα.	
καίτοι τί πάσχω; βούλομαι γέλωτ' ὀφλεῖν	
ἐχθροὺς μεθεῖσα τοὺς ἐμούς ἀζημίους;	1050
τολμητέον τάδ'· ἀλλὰ τῆς ἐμῆς κάκης,	
τὸ καὶ προσέσθαι μαλθακοὺς λόγους φρενί.	
Χωρεῖτε, παῖδες, ἐς δόμους. (...)	

<i>Pheû pheû!</i> Por que me fitais, ó filhos?	1040
Por que ainda me rides o último riso?	
<i>Aiaí!</i> Que fazer? O coração se foi,	
ante o olhar puro dos filhos, mulheres!	
Eu não poderia; despeço as anteriores	
decisões; levarei meus filhos da terra	1045
Por que afligir o pai deles com males	
e ter eu mesma duas vezes tais males?	
Não assim eu! Decisões se despeçam!	
Que me deu? Quero me expor ao riso	
por deixar impunes os meus inimigos?	1050
Assim se ouse! Mas que vileza minha,	
pôr no espírito ainda brandas palavras!	
Entrai, filhos, em casa!	
(Trad. Jaa Torrano)	

A inquietação de Medeia se deixa perceber não tanto pelo uso de partículas, quanto pela ausência delas: o trecho entre os versos 1040-1047 é quase todo assindético (a exceção é γάρ no v. 1042). A visão das crianças a faz primeiro hesitar (v. 1040-1043), decidir-se, sob o impulso do momento, pelo abandono dos planos anteriores (v. 1044-1045) e então acrescentar um argumento inflamado em favor da sua nova resolução (v. 1046-1047). É com καίτοι τί πάσχω que Medeia interrompe seu rompante de arrependimento e volta à decisão de matar os filhos, justificada pelo medo de ser ridicularizada pelos inimigos. A partícula καίτοι introduz então um direcionamento novo para o discurso.

Uma interrupção com a mesma frase καίτοι τί πάσχω aparece mais uma vez no corpus:

Ion 1380-1386

καὶ νῦν λαβὼν τήνδ' ἀντίπηγ' οἴσω θεῶι	1380
ἀνάθημ', ἴν' εὖρω μηδὲν ὧν οὐ βούλομαι.	
Εἰ γάρ με δούλη τυγχάνει τεκοῦσά τις,	
εὐρεῖν κάκιον μητέρ' ἢ σιγῶντ' ἔαν.	
ὦ Φοῖβε, ναοῖς ἀνατίθηναι τήνδε σοῖς·	
καίτοι τί πάσχω; τοῦ θεοῦ προθυμίαι	1386
πολεμῶ, τὰ μητρὸς σύμβολ' ὅς σέσωκέ μοι;	

Agora recebo este berço e farei oferta	1380
a Deus para não achar o que não quero.	
Se me acontece a mãe ser uma escrava,	
achar a mãe é pior que manter silêncio.	
Ó Febo, ofereço este berço a teu templo.	
Mas o que sofro? Luto contra o desejo	1386
do Deus que me salvou sinais da mãe.	
(Trad. Jaa Torrano)	

Dessa vez, a frase é usada por Íon para interromper sua fala e também o próprio ato de consagrar o berço a Apolo. O próximo καίτοι também introduz uma interrupção de uma prece, agora, a Zeus:

HF 498-502

ἐγὼ δὲ σ', ὦ Ζεῦ, χεῖρ' ἐς οὐρανὸν δικῶν	
αὐδῶ, τέκνοισιν εἴ τι τοισίδ' ὠφελεῖν	
μέλλεις, ἀμύνειν, ὥς τάχ' οὐδὲν ἀρκέσεις.	500
καίτοι κέκλησαι πολλάκις μάτην πονῶ·	
θανεῖν γάρ, ὥς ἔοικ', ἀναγκαίως ἔχει.	

Mas eu, ó Zeus, ergo as mãos ao céu e

rogo-te: se estas crianças em algo pretendes
ajudar, defende-os, pois logo não serás útil. 500
Porém, foste chamado muitas vezes, peno em vão:
morrer, como parece, é necessário.
(Trad. Cristina Franciscato)

Diferentemente do que ocorre em negações de inferência invertidas, o segmento B introduzido por καίτοι não pode reconhecer a verdade do segmento A, a prece, uma vez que um pedido não é uma proposição e não tem valor de verdade¹³⁸. Com καίτοι, Anfítrio desiste de suplicar a Zeus e parece aceitar a morte (v. 502). Nesse contexto de ruptura, parece-me que καίτοι poderia ser substituído por ἀλλά ou ἀτάρ.

O próximo trecho que classifico como contraste discursivo é chamado de continuativo por Denniston:

And. 645-666

{Με.} τί δῆτ' ἄν εἴποις τοὺς γέροντας ὥς σοφοὶ	645
καὶ τοὺς φρονεῖν δοκοῦντας Ἑλλήσιν ποτε;	
ὅτ' ὦν σὺ Πηλεὺς καὶ πατὴρ κλεινοῦ γεγώς,	
κῆδος συνάψας, αἰσχρὰ μὲν σαντῶι λέγεις	
ἡμῖν δ' ὀνειδίη διὰ γυναῖκα βάρβαρον	
τήνδ', ἣν ἐλαύνειν χρῆν σ' ὑπὲρ Νείλου ῥοᾶς	650
ὑπὲρ τε Φᾶσιν, καμὲ παρακαλεῖν αἰεὶ,	
οὔσαν μὲν ἠπειρώτιν, οὐ πεσέματα	
πλεῖσθ' Ἑλλάδος πέπτωκε δοριπετῇ νεκρῶν,	
τοῦ σοῦ τε παιδὸς αἵματος κοινουμένην.	
Πάρις γάρ, ὃς σὸν παῖδ' ἔπεφν' Ἀχιλλέα,	655
Ἑκτορος ἀδελφὸς ἦν, δάμαρ δ' ἦδ' Ἑκτορος.	
Καὶ τῆιδέ γ' εἰσέρχῃ σὺ ταὐτὸν ἐς στέγος	
καὶ ξυντράπεζον ἀξιοῖς ἔχειν βίον,	
τίκτειν δ' ἐν οἴκοις παῖδας ἐχθίστους ἑαῖς.	
Κἀγὼ προνοίαι τῇ τε σῇ κάμῃ, γέρον,	660
κτανεῖν θέλων τήνδ' ἐκ χερῶν ἀρπάζομαι.	
καίτοι φέρ' ἄψασθαι γὰρ οὐκ αἰσχρὸν λόγου·	
ἦν παῖς μὲν ἡμῇ μὴ τέκνη, ταύτης δ' ἄπο	
βλάστῳσι παῖδες, τούσδε γῆς Φθιώτιδος	
στήσεις τυράννου, βάρβαροι δ' ὄντες γένος	665
Ἑλλήσιν ἄρξουσ';	

Menelau: Por que os velhos se diriam os sábios	645
e os gregos os consideram prudentes,	
se tu, Peleu, nascido de ínclito pai,	

¹³⁸ De outra maneira, poder-se-ia argumentar que καίτοι se refere às condições de felicidade de A, já que é uma das pré-condições preparatórias dos pedidos que o falante acredite ser o ouvinte capaz de realizar a ação requisitada. Neste caso, seria necessário admitir que καίτοι indicaria aqui uma negação de inferência na ordem comum. Parece-me mais atraente interpretar καίτοι como introduzindo uma interrupção da ação; as mudanças nos modos verbais apoiam essa interpretação.

aliado familiar, aviltas a ti mesmo,
e a mim me vituperas, por esta mulher
bárbara, que devias banir além do Nilo, 650
e além do Faze, e cada vez me chamar,
por ser ela do continente onde caíram
muitos gregos mortos a golpes de lança,
e ser participante da morte de teu filho?
Páris, que matou teu filho Aquiles, era 655
irmão de Heitor; ela, mulher de Heitor.
E tu entras com ela na mesma moradia
e honras-te em ter a vida de comensal
e deixas que crie em casa o pior inimigo.
Eu, cauto por ti e por mim, ancião, 660
quero 129ons-la e tiram-me das mãos.
Mas vamos! Não vexa tocar este assunto.
Se minha filha não procriar e desta
florescerem os filhos, tu os farás reis
de Ftia e ainda bárbaros de nascença 665
serão reis de gregos?
(Trad. Jaa Torrano, com alterações)

Comentando essa passagem, Denniston diz que καίτοι φέρ' é "almost equivalent to ἀτάρ, and marks something of a new departure" (*GP* 559). Considero acertada a comparação com ἀτάρ (Cap. 3.2), mas não vejo razão para distinguir um uso 'continuativo' de καίτοι, ao menos, não no drama¹³⁹. Como ἀτάρ, καίτοι aqui introduz um novo *move*, em que Menelau vai argumentar contra Peleu permitir que Andrômaca crie seus filhos. Não há descontinuidade temática: os filhos já tinham sido mencionados no v. 559

A próxima passagem é classificada por Denniston como um uso lógico de καίτοι:

HF 1312-1323

{Θη.} < >
παραινέσαιμ' ἄν μᾶλλον ἢ πάσχειν κακῶς.
Οὐδεὶς δὲ θνητῶν ταῖς τύχαις ἀκήρατος,
οὐ θεῶν, ἀοιδῶν εἴπερ οὐ ψευδεῖς λόγοι. 1315
οὐ λέκτρ' ἐν ἀλλήλοισιν, ὧν οὐδεὶς νόμος,
συνῆψαν; οὐ δεσμοῖσι διὰ τυραννίδα
πατέρας ἐκηλίδωσαν; ἀλλ' οἰκοῦσ' ὅμως
Ὀλυμπον ἠνέσχοντό θ' ἡμαρτηκότες.
καίτοι^{PUSH} τί φήσεις, εἰ σὺ μὲν θνητὸς γεγώς 1320
φέρεις ὑπέρφευ τὰς τύχας, θεοὶ δὲ μή;

¹³⁹ A única outra ocorrência de καίτοι 'continuativo' na tragédia seria *S.Tr.* 719, que me parece uma negação de inferência invertida.

Θήβας μὲν οὖν^{POP} ἔκλειπε τοῦ νόμου χάριν,
ἔπου δ' ἄμ' ἡμῖν πρὸς πόλισμα Παλλάδος.

Teseu: []

...eu aconselharia mais do que a sofrer o mal.

Mas nenhum dentre os mortais é intangível à sorte

nem dentre os deuses, se não mentem os cantos dos aedos.

1315

Não partilharam, sem lei nenhuma, os leitos

uns dos outros? Com grilhões, pelo poder, não

desonraram seus pais? Mas habitam todavia

o Olimpo e toleraram seus erros.

Mas o que dirás se tu, que és mortal,

1320

sofres em excesso tua sorte, e os deuses não?

Tebas então deixa em respeito à lei

e acompanha-nos à cidade de Palas.

(Trad. Cristina Franciscato)

No texto impresso acima, cada recuo de margem tem o propósito de indicar um nível subsidiário do discurso. Assim, a sequência iniciada no v. 1316 serve como demonstração da alegação principal dos v. 1314-15, de que até os deuses são suscetíveis à sorte. No v. 1318, ἀλλά nega a possível inferência de que os deuses sofreriam demasiadamente por conta de suas atribulações. Com καίτοι, não há negação de inferência invertida, mas há um pequeno desvio: tematicamente os versos 1320-1321 estão ligados à proposição anterior, mas a pergunta retórica feita por Teseu é um breve aparte, em que se avança sobre a inconveniência do comportamento de Héracles. Mudanças no tempo verbal (do aoristo para o futuro), na pessoa dos verbos (terceira para segunda pessoa singular) e também na força ilocucionária das sentenças contribuem para o sentido de deslocamento desse trecho. Em seguida, οὖν, no v. 1322, indica um retorno à sequência principal, ao mesmo tempo em que apresenta a opção de deixar Tebas e seguir Teseu como conclusão lógica do arrazoado anterior.

Por fim, uma única vez no corpus, καίτοι aparece no contexto de uma interrupção motivada por uma entrada de personagem em cena:

Ph. 690-696

[{Ετ.} χώρει σὺ καὶ κόμιζε τὸν Μενοικέως 690

Κρέοντ', ἀδελφὸν μητρὸς Ἰοκάστης ἐμῆς,

λέγων τάδ', ὥς οἰκεῖα καὶ κοινὰ χθονὸς

θέλω πρὸς αὐτὸν συμβαλεῖν βουλευμάτα,

πρὶν ἐς μάχην τε καὶ δορὸς τάξιν μολεῖν.

καίτοι ποδῶν σῶν μόχθον ἐκλύει παρών· 695

ὁρῶ γὰρ αὐτὸν πρὸς δόμους στείχοντ' ἐμούς.]

Etéocles: Anda, traz-me aqui o filho de Meneceu, 690
 Creonte, irmão de minha mãe Jocasta,
 e diz-lhe isto: sobre minhas decisões,
 privadas e públicas, desejo consultá-lo
 antes de as lançar pormos em ordem de guerra.
 Mas poupe-se dor em teus pés, ei-lo aqui.
 Vejo-o se aproximando de meu palácio. 695
 (Trad. Waldir. M. de Sousa Jr.)

Willink (1990, p. 193-194) atetizou essa passagem, atribuindo-a a um suposto interpolador Ψ , que também seria o maior responsável pelas reputadas anomalias do final da peça. O motivo da desconfiança de Willink não está relacionado a nenhuma razão de estilo, o qual ele considera “blameless, but rather flat” (ibidem, p. 193), mas apenas ao conteúdo da fala. Mais uma vez, καίτοι aqui marca uma mudança brusca: Etéocles cancela sua ordem anterior de mandar buscar Creonte. E então, com γάρ, ele elabora dizendo que já vê Creonte em cena. É exagerado dizer que a partícula marque uma entrada de personagem nessa passagem, mas é fácil imaginar que esse contexto de interrupção esteja na origem da instrumentalização de ἀλλά (e ἀλλά γάρ) para marcar entradas de personagem em cena.

5.4 CONCLUSÃO

Ao menos no que diz respeito a καίτοι em Eurípides, a classificação proposta por Denniston, principalmente a sua distinção de sentidos lógico e continuativo, não parece capturar as características essenciais dos principais usos da partícula.

A partir da análise das 26 ocorrências de καίτοι em Eurípides, identificamos antes dois tipos de contraste que a partícula pode indicar. Como marcador de negação de inferência invertida, καίτοι aparece 20 vezes¹⁴⁰, articulando duas proposições em que a primeira nega uma possível inferência da segunda. Dito de outra maneira, καίτοι introduz uma concessiva posposta, em uma sequência subsidiária (um PUSH), um parêntese argumentativo, cuja função é descartar possíveis objeções ao que se afirma no segmento principal.

¹⁴⁰ *Cyc.* 480; *Alc.* 290, 648; *Med.* 187, 199; *Heracl.* 973; *Hipp.* 1297; *And.* 220; *Supp.* 486; *El.* 932, 1013, 1080; *Tr.* 665, 671, 1015; *IT* 720; *Ion* 352; *Hel.* 950; *Or.* 77, 1668.

Além disso, em apenas 6 ocorrências¹⁴¹, a partícula indica contraste discursivo, seja na forma de uma interrupção brusca, seja como o início de um novo *move*, uma nova fase na argumentação.

¹⁴¹ *Med.* 1049; *And.* 662; *HF* 501, 1320; *Ion* 1385; *Ph.* 695.

6 CONCLUSÃO

O objetivo desta tese foi descrever os usos das principais partículas adversativas ἄλλά, ἀτάρ, μέντοι e καίτοι em Eurípides, a partir do exame do contexto linguístico de cada ocorrência do corpus.

No capítulo introdutório, foram explicitados os principais conceitos e princípios teóricos que fundamentaram as análises linguísticas empreendidas. Além de uma visão geral do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, esse capítulo também apresentou a tipologia de relações adversativas utilizada na classificação das partículas estudadas.

Considerando as camadas da língua distinguidas pela Gramática Discursivo-Funcional e as funções que as partículas podem exercer com referência a cada camada, resumimos os dados encontrados na seguinte tabela:

Tabela 5 – Partículas adversativas e suas funções¹⁴²

Camadas	Função	ἄλλά	ἀτάρ	μέντοι	καίτοι	μήν ¹⁴³
Ato Discursivo e Move	Conectiva: Substituição	+	-	-	-	-
	Conectiva: Negações de inferência	Negação de inferência comum	+	+	+	-
		Réplica	+	-	+	-
		Negação de inferência invertida	-	-	+	-
	Conectiva: Contraste discursivo	+	+	+	+	+
Ilocução	Atitudinal	-	-	+	-	+
Conteúdo Comunicado	Partícula de foco	+	-	-	-	-

Entre as partículas estudadas, ἄλλά é a mais frequente e mais geral, equivalente ao pt. *mas* e ao ing. *but*. Ela é usada não somente para indicar substituições, em seu emprego prototípico, mas também para marcar negações de inferência, réplica e

¹⁴² Essa tabela é inspirada em quadros comparativos de Allan (2017a) e Allan (em preparação).

¹⁴³ Baseado nas conclusões de Allan (2017a) e Thijs (2017).

contrastes discursivos, nos mais variados contextos linguísticos. Além disso, o corpus também apresenta usos não-conectivos de ἀλλά, em que a partícula opera na camada do Conteúdo Comunicado, aparentemente indicando que algo se localiza no extremo de uma escala ('ao menos').

Fortemente interacional, ἀτάρ, a segunda partícula analisada, é usada sobretudo para marcar interrupções, ou mudanças nos rumos do discurso, por exemplo, o início de um novo par adjacente. A partícula, ademais, também pode marcar negações de inferência, especialmente em resposta a um μὲν preparatório. Como é pouco frequente depois de Homero, seria conveniente comparar os usos de ἀτάρ no drama com os usos de Platão e Heródoto, que são os outros autores que mais a empregam.

Quanto a μέντοι, os dados da tragédia são testemunho da multifuncionalidade dessa partícula. A partir do sentido atitudinal, composto pela soma de suas partes constitutivas μὲν e τοι, μέντοι adquire funções conectivas de contraste. Se, originalmente, a partícula qualifica a atitude do falante em relação ao conteúdo, essa sua qualificação passa a ajudar a organizar as sequências discursivas. Prova de que as duas funções são próximas é que, em Eurípides, a maioria das ocorrências de μέντοι é ambígua, podendo ser interpretada como uma coisa, ou outra.

Καίτοι, por fim, é uma partícula que se especializou na função de introduzir uma sequência secundária contendo uma possível objeção, apresentada como já superada, à sequência principal (negação de inferência invertida). Secundariamente, a partícula também pode marcar contrastes discursivos na forma de interrupções. Sua etimologia transparente e seus usos não contrastivos em outros autores incentiva pesquisas adicionais com o intuito de esclarecer os contextos que favorecem sua especialização.

De um modo geral, do ponto de vista da história da língua, certos usos das partículas, notadamente ἀλλά como partícula de foco e ἀλλά apodótico, e também as evoluções de μέντοι e καίτοι, se beneficiariam de uma análise que levasse em conta textos de outros gêneros e épocas. No vasto e multifuncional mundo das partículas, um estudo dos usos de ἀλλά, ἀτάρ, μέντοι e καίτοι em Eurípides pode ser apenas um começo.

REFERÊNCIAS

Edições, traduções e comentários

ARAÚJO, Orlando Luiz de. *Electra de Sófocles: estudo e tradução*. 2001. 147f. Dissertação de mestrado (Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.

ARISTÓFANES. *As Rãs*. Tradução do grego, introdução e comentário de Maria de Fátima Silva. Coimbra/São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014.

_____. *Duas Comédias: Lisístrata e As Tesmoforiantes*. Tradução, apresentação e notas de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Os Cavaleiros*. Tradução de Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2004a.

_____. *As Vespas; As Aves; As Rãs*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.

_____. *As Aves*. Tradução, introdução, notas e glossário de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. *Pluto (A Riqueza)*. Introdução, versão do grego e notas de Américo da Costa Ramalho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. *As Nuvens*. Tradução de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Difel, 1967.

ARISTOPHANE. *Comédies*. Texte établi par Victor Coulon et Jean Irigoin. Paris: Les Belles Lettres, 1923-1930. 5 vol.

ARISTOPHANES. *Wasps*. Edited with introduction and commentary by Douglas M. MacDowell. Oxford: Clarendon Press, 1971.

_____. *Clouds*. Edited with introduction and commentary by Kenneth Dover. Oxford: Clarendon Press, 1968.

BARRETT, W. S. *Euripides Hippolytos*. Oxford: Clarendon, 2001.

BILES, Zachary P.; OLSON, S. Douglas. *Aristophanes: Wasps*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2015.

CREPALDI, Clara Lacerda. *Helena de Eurípides: estudo e tradução*. São Paulo: FFLCH/USP, 2015.

CROPP, M. J. *Euripides: Iphigenia in Tauris*. Warminster: Aris & Phillips, 2000.

DIGGLE, J. *Euripidis Fabulae*. Tomus I (Insunt Cyclops, Alcestis, Medea, Heraclidae, Hippolytus, Andromacha, Hecuba). Oxford: Clarendon Press, 1989.

_____. *Euripidis Fabulae*. Tomus II (Insunt Supplices, Hercules, Ion, Troiades, Electra, Iphigenia Taurica). Oxford: Clarendon Press, 1982.

_____. *Euripidis Fabulae*. Tomus III (Insunt Helena, Phoenissae, Orestes, Bacchae, Iphigenia Aulidensis, Rhesus). Oxford: Clarendon Press, 1994.

DUNBAR, Nan. *Aristophanes: Birds*. Oxford/New York: Clarendon Press, 1998.

ÉSQUILO. *Tragédias*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.

EURÍPIDES. *Teatro Completo, Volume II*. Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2016 (recurso eletrônico).

_____. *Teatro Completo, Volume I*. Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2015 (recurso eletrônico).

_____. *Alceste, Hipólito, Heraclidas*. Tradução de Clara L. Crepaldi. São Paulo: Martin Claret, 2017.

_____. *Ifigénia entre os Tauros*. Tradução do grego, introdução e comentário de Nuno Simões Rodrigues. Coimbra/São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2014.

_____. *As Suplicantes*. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2012.

_____. *Héracles*. Tradução de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Palas Athena, 2003.

_____. *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de Augusta Fernanda Oliveira e Silva. Brasília: Editora UNB, 1999.

_____. *Bacas*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Tragédias I: El Cíclope, Alceste, Medea, Los Heraclidas, Hipólito, Andrómaca, Hécuba*. Introducción, traducción y notas de Alberto Medina González y Juan Antonio López Férez. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

FINGLASS, P. J. *Sophocles: Electra*. Edited with introduction and commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

GREGORY, Justina. *Euripides: Hecuba*: Introduction, text, and commentary. Atlanta: Scholars Press, 1999.

GRIFFITH, Mark. *Aeschylus: Prometheus Bound*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

JEBB, Richard. *Sophocles: The Plays and Fragments*. With Critical Notes, Commentary and Translation in English Prose. Volume 6: The Electra. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1894].

KAMERBEEK, J. C. *The Plays of Sophocles*. Commentaries. Vol. III: Antigone. Leiden: Brill, 1978.

_____. *The Plays of Sophocles*. Commentaries. Vol. II: Trachiniae. Leiden: Brill, 1959.

KYRIAKOU, Poulheria. *A commentary of Euripides' Iphigenia in Tauris*. Berlin: De Gruyter, 2006.

MASTRONARDE, Donald. *Euripides: Medea*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PAGE, D. L. *Select Papyri*: Vol. 3 – Literary Papyri Poetry. Loeb Classical Library. London/Cambridge: William Heinemann/Harvard University Press, 1950.

_____. *Aeschylus Septem Quae Supersunt Tragoedias*. Oxford: Oxford University Press, 1972.

POMPEU, Ana Maria César. *Dioniso Matuto: uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês*. Curitiba: Appris, 2014.

SACCONI, Karen Amaral. *Electra de Eurípedes: estudo e tradução*. 2012. 149f. Dissertação de mestrado (Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012.

SAIS, Lilian Amadei. *Reso, de Eurípedes: tradução e estudo comparativo do tema da astúcia*. 2010. 286f. Dissertação de mestrado (Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

SEAFORD, Richard. *Euripides: Cyclops*. Oxford/New York: Clarendon Press/Oxford, 1984.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. *As Traquínias*. Tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

_____. *Rei Édipo*. Tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

SOPHOCLE. *Tragédies*. Texte établi par Alphonse Dain et Jean Irigoin. Paris: Les Belles Lettres, 1960. 3 vol.

SOUSA JR., Waldir Moreira de. *As Fenícias de Eurípedes: estudo e tradução*. 2015. 211f. Dissertação de mestrado (Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2015.

TORRANO, Jaa. *As Fenícias*, de Eurípides. *Codex*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 112-181, 2016. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/5346/3922>>. Acesso em 12 dez 2017.

WERNER, Christian. *Duas Tragédias Gregas: Hécuba e Troianas*. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

ZANIRATTO, Cristiane Patrícia. *Tradução, comentário e notas de Édipo em Colono de Sófocles*. 2003. 128f. Dissertação de mestrado (Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003.

Bibliografia secundária

ALLAN, R. J. Towards a Typology of the Narrative Modes in Ancient Greek. Text Types and Narrative Structure in Euripidean Messenger Speeches. In: BAKKER, Stéphanie J.; WAKKER, Gerry C. (Ed.). *Discourse Cohesion in Ancient Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2009. p. 171-203.

_____. Clause Intertwining and Word Order in Ancient Greek. *Journal of Greek Linguistics*, Leiden, v. 12, p. 5-28, 2012. Disponível em <[http://dare.uvu.vu.nl/bitstream/handle/1871/38133/JGL_012_01_01-Allan_print\[1\].pdf?sequence=1](http://dare.uvu.vu.nl/bitstream/handle/1871/38133/JGL_012_01_01-Allan_print[1].pdf?sequence=1)>. Acesso em 23 jun 2013.

_____. Changing the Topic: Topic Position in Ancient Greek Word Order. *Mnemosyne: A Journal of Classical Studies*, Leiden, v. 67, n. 2, 2014, p. 181-213.

_____. Ancient Greek Adversative Particles in Contrast. In: DENIZOT, C.; SPEVAK, O. (Ed.). *Pragmatic Approaches to Latin and Ancient Greek*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2017a. p. 273-301.

_____. The Grammaticalization of Greek Particles: a Functional Discourse Grammar Approach. In: LOGOZZO, Felicia; POCCETTI, Paolo (Ed.). *Ancient Greek Linguistics: New Approaches, Insights, Perspectives*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2017b. p. 103-118.

_____. *Classifying Greek Particles: a Functional Discourse Grammar Approach*. Em preparação.

ANSCOMBRE, A. J. C.; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1983.

AUWERA, Johan van der. Conditionals and antecedent possibilities. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 7, p. 297-309

BAKKER, Egbert J. *Linguistics and Formulas in Homer: Scalarity and the Description of the Particle per*. Amsterdam: J. Benjamins, 1988.

_____. Boundaries, Topics, and the Structure of Discourse: an Investigation of the Ancient Greek Particle *Dé*. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 17, n. 2, p. 275-311, 1993.

_____. *Poetry in Speech: Orality and Homeric Discourse*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1997.

BAKKER, Stéphanie J.; WAKKER, Gerry C. (Ed.). *Discourse Cohesion in Ancient Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2009.

BASSET, Louis. 'Ἄλλ' ἐξόλοισθ' αὐτῷ κοάξ. Réexamen des emplois de ἄλλά à la lumière de l'énonciation dans les *Grenouilles* d'Aristophane. In: RIJKSBARON, Albert (Ed.). *New Approaches to Greek particles: proceedings of the colloquium held in Amsterdam, January 4-6, 1996, to honour C.J. Ruijgh on the occasion of his retirement*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1997. p. 75-99.

BÄUMLEIN, W. *Untersuchen über griechische Partikeln*. Stuttgart: Verlag der J.B.Metsleridien Buchhandlung, 1861.

BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

BLOMQVIST, Jerker. *Greek Particles in Hellenistic Prose*. Lund: Gleerup, 1969.

BOLLING, George Melville. Kaitoi with the participle. *The American Journal of Philology*, Baltimore, v. 23, n. 3, p. 319-321, 1902. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/288570>>. Acesso em 31 jan 2017.

BONIFAZI, Anna. Memory and Visualization in Homeric Discourse Markers. In: MACKAY, E. Anne. *Orality, literacy, memory in the ancient Greek and Roman world*. Leiden: Brill, 2008. p. 35-64.

_____. The pragmatic meanings of some discourse markers in Homer. In: RIEKEN, E.; WIDMER, P. (Ed.) *Pragmatische Kategorien: Form, Funktion und Diachronie*. Akten der Arbeitstagung der Indogermanischen Gesellschaft von 24. Bis 26. September 2007 in Marburg. Wiesbaden: Reichert, 2009. p. 29-36.

_____. *Homer's Versicolored Fabric: The Evocative Power of Ancient Greek Epic Word-Making*. Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies, 2012.

_____. Particles in Ancient Greek Discourse: Vol. 4 – Particle Use in Herodotus and Thucydides. In: BONIFAZI, Anna; DRUMMEN, Annemieke; KREIJ, Mark de. *Particles in Ancient Greek Discourse: Five Volumes Exploring Particle Use across Genres*. Hellenic Studies Series 74. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2016. Disponível em: http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_BonifaziA_DrummenA_deKreijM.Particles_in_Ancient_Greek_Discourse.2016. Acesso em 31 jan 2017.

BONIFAZI, Anna; DRUMMEN, Annemieke; KREIJ, Mark de. *Particles in Ancient Greek Discourse: Five Volumes Exploring Particle Use across Genres*. Hellenic Studies Series 74. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2016. Disponível em:

http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_BonifaziA_DrummenA_deKreijM.Particles_in_Ancient_Greek_Discourse.2016. Acesso em 31 jan 2017.

BUTLER, Christopher S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories. Part 2: From Clause to Discourse and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. Funcionalismo holandês: da Gramática Funcional à Gramática Funcional do Discurso. *Signótica*, Goiânia, edição especial n. 2, p. 167-180, 2008. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/3645>>. Acesso em 14 set 2015.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.

COLLARD, Christopher. Colloquial Language in Tragedy: A Supplement to the Work of P. T. Stevens. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 55, n. 2, p. 350-386, 2005. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/4493344>>. Acesso em 05 nov 2015.

DE KREIJ, Mark. Particles in Ancient Greek Discourse: Vol. 2 – Particle Use in Homer and Pindar. In: BONIFAZI, Anna; DRUMMEN, Annemieke; KREIJ, Mark de. *Particles in Ancient Greek Discourse: Five Volumes Exploring Particle Use across Genres*. Hellenic Studies Series 74. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2016. Disponível em: http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_BonifaziA_DrummenA_deKreijM.Particles_in_Ancient_Greek_Discourse.2016. Acesso em 31 jan 2017.

DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. 2nd ed. Revised by K. J. Dover. London: Bristol Classical Press, 1996 [1950].

DESCROIS, J. *Le trimètre iambique: des iambographes à la comédie nouvelle*. Macon: Protat Frères, 1931.

DIGGLE, J. *The textual tradition of Euripides' Orestes*. New York: Oxford University Press, 1991.

DIK, S. *Coordination: its implications for the theory of general linguistics*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1968.

_____. *The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause*. 2 ed. rev. (Edited Kees Hengeveld). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The Theory of Functional Grammar. Part 2: Complex and Derived Questions*. 2 ed. rev. (Edited Kees Hengeveld). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

DIK, Helma. *Word Order in Greek Tragic Dialogue*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007.

_____. *Word Order in Ancient Greek: A Pragmatic Account of Word Order Variation in Herodotus*. Amsterdam Studies in Classical Philology 5. Amsterdam: J. C. Gieben, 1995.

DRUMMEN, Annemieke. Discourse Cohesion in Dialogue. Turn-Initial ἀλλά in Greek Drama. In: BAKKER, Stéphanie J.; WAKKER, Gerry C. (Ed.). *Discourse Cohesion in Ancient Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2009. p. 135-154.

_____. Particles in Ancient Greek Discourse: Vol. 3 – Particle Usage in Aeschylus, Sophocles, Euripides and Aristophanes. In: BONIFAZI, Anna; DRUMMEN, Annemieke; KREIJ, Mark de. *Particles in Ancient Greek Discourse: Five Volumes Exploring Particle Use across Genres*. Hellenic Studies Series 74. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2016. Disponível em: http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_BonifaziA_DrummenA_deKreijM.Particles_in_Ancient_Greek_Discourse.2016. Acesso em 31 jan 2017.

DUCROT, O. et al. Mais occupe-toi d'Amélie. In: _____. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. Présupposés et sous-entendus. In: _____. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984a. p. 13-31.

_____. Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation. In: _____. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984b. p. 171-233.

DUHOUX, Yves. Les particules: une classe de mots à supprimer en grec ancien? In: CRESPO, E.; DE LA VILLA, J.; REVUELTA, A. R. (Ed.). *Word Classes and Related Topics in Ancient Greek: Proceedings of the Conference on 'Greek Syntax and Word Classes' held in Madrid on 18-21 June 2003*. Louvain-la-Neuve: Peeters, 2006. p. 519-536.

DUNKEL, G. E. Indogermanisch *át, Vedisch átha. *Historische Sprachforschung*, Göttingen, v. 101, n. 1, 1988, p. 53-78. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/40848909>>. Acesso em 28 ago 2015.

_____. *Lexikon der indogermanischen Partikeln und Pronominalstämme*. 2 vol. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2014.

DURÁN LÓPEZ, María de los Angeles. Las partículas griegas y las funciones de comunicación. *Revista española de lingüística*, Madrid, v. 30, n. 1, 2000, p. 45-76. Disponível em <www.sel.edu.es/pdf/ene-jun-00/duran.pdf>. Acesso em 22 set 2015.

EMDE BOAS, Evert van. *Language and Character in Euripides' Electra*. Oxford: Oxford University Press, 2017a.

_____. Analyzing Agamemnon: Conversation Analysis and Particles in Greek Tragic Dialogue. *Classical Philology*, Chicago, v. 112, n. 4, 2017b, p. 411-434. Disponível em <<https://doi.org/10.1086/694674>>. Acesso em 14 nov 2017.

FRASER, Bruce. Topic orientation markers. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 41, p. 892-898, 2009.

GOLDSTEIN, David. *Classical Greek Syntax: Wackernagel's Law in Herodotus*. Leiden: Brill, 2016.

HANNAY, Mike; KROON, Caroline. Acts and the relationship between discourse and grammar. *Functions of Language*, Amsterdam, vol. 12, issue 1, p. 87 –124, 2005.

HARTUNG, Johann Adam. *Lehre von den Partikeln der griechischen Sprache*. Erlangen: Joh. Ja. Palm und Ernst Enke, 1832-1833. 2 v.

HERINGTON, C. J. *The Author of the Prometheus Bound*. Austin/Texas: University of Texas Press, 1970.

HENGVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOEKSTRA, A. *Homeric modifications of formulaic prototypes: studies in the development of Greek epic diction*. Amsterdam: North Holland, 1965.

HUMBERT, Jean. *Syntaxe grecque*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1960.

INGLESE, Guglielmo. Connectives and discourse markers in Ancient Greek: the diachrony of *atár* from Homeric Greek to Classical Attic. *Journal of Greek Linguistics* (no prelo).

JACQUINOD, Bernard. Sur le rôle pragmatique de *καίτοι*. In: RIJKSBARON, Albert (Ed.). *New Approaches to Greek particles: proceedings of the colloquium held in Amsterdam, January 4-6, 1996, to honour C.J. Ruijgh on the occasion of his retirement*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1997. p. 131-149.

JULIA, Marie-Ange. Les particules *αὐτάρ* et *ἀτάρ*. Passerelles entre la structuration syntaxique et la structuration informative de l'énoncé ? *Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes*, Paris, v. 75, n.1, p. 83- 98, 2001.

KATZ, Joshua T. The epic adventures of an unknown particle. In: GEORGE, Coulter et al. *Greek and Latin from an Indo-European Perspective*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 2007. p. 65-79.

KÖNIG, Ekkehard. Concessive connectives and concessive sentences: cross-linguistic regularities and pragmatic principles. In: HAWKINS, John A. (Ed.). *Explaining Language Universals*. Oxford: Basil Blackwell, 1988. p. 145-166.

KREIJ, Mark de. Particles in Ancient Greek Discourse: Vol. 2 – Particle Usage in Homer and Pindar. In: BONIFAZI, Anna; DRUMMEN, Annemieke; KREIJ, Mark de. *Particles in Ancient Greek Discourse: Five Volumes Exploring Particle Use across Genres*. Hellenic Studies Series 74. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2016. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn->

3:hul.ebook:CHS_BonifaziA_DrummenA_deKreijM.Particles_in_Ancient_Greek_Discourse.2016. Acesso em 31 jan 2017.

KROON, Caroline. *Discourse Particles in Latin: a study of nam, enim, autem, vero and at*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1995.

_____. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONNOLLY, John H.; VISMANS, Roel M.; BUTLER, Christopher S.; GATWARD, Richard A. (Ed.) *Discourse and pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. p. 17-32.

_____. A framework for the description of Latin discourse markers. *Journal of pragmatics*, Amsterdam, v. 30, p. 205-223, 1998.

LABÉY, Daniel. *Manuel des particules grecques*. Paris: Klincksieck, 1950.

LAKOFF, Robin. If's, and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, Charles J.; TERENCE LANGENDOEN, D. (Ed.). *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Irvington, 1971. p. 114-149.

LÓPEZ EIRE, Antonio. *La lengua coloquial de la Comedia aristofánica*. Murcia: Universidad de Murcia, 1996.

LOUDOVÁ, Kateřina Bočková. Particles (Formal Features). In: GIANNAKIS, Georgios K. (Ed.). *Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics*. Leiden: Brill, 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1163/2214-448X_eagll_COM_00000273>. Acesso em 12 set 2015.

MACEDO, José Marcos. Entry-marking ἀλλὰ γάρ in Greek tragedy and comedy. *Organon*, Porto Alegre, v. 31, n. 60, p. 107-129, 2016. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/58421>>. Acesso em 25 jun 2017.

MALCHUKOV, Andrej. Towards a semantic typology of adversative and contrast marking. *Journal of Semantics*, Oxford, v. 21, n. 2, p. 177-198, 2004.

MARCUS, M.; SANTORINI, B; MARCINKIEWICZ, M. A. Building a Large Annotated Corpus of English: The Penn TreeBank. *Computational Linguistics*, v. 19, n. 2, p. 313–330, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.

MATÍĆ, Dejan. Topic, Focus, and Discourse Structure: Ancient Greek. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 27, n. 3, p. 573–633, 2003.

MAURI, Caterina. *Coordination Relations in the Languages of Europe and Beyond*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

MONRO, David Binning. *A Grammar of the Homeric Dialect*. Hildesheim/New York: Georg Olms Verlag, 1974 [1891].

NORDGREN, Lars. *Greek Interjection*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2015.

PALEY, F. A. *A short treatise on the Greek particles and their combinations according to Attic usage*. Cambridge: Deighton, 1881.

PINKSTER, Harm. *Latin Syntax and Semantics*. New York: Routledge, 1990.

POLANYI, L.; SHA, R. On the Recursive Structure of Discourse. In: EHLICH, K.; van RIEMSDIJK, H. (Ed.). *Connectedness in Sentence, Discourse and Text: Proceedings of the Tilburg Conference Held on 25 and 26 January 1982*. Tilburg: Tilburg University, 1983. p. 141-178.

REVUELTA, Antonio. Particles (Syntactic Features). In: GIANNAKIS, Georgios K. (Ed.). *Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics*. Leiden: Brill, 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1163/2214-448X_eagll_COM_00000272>. Acesso em 12 set 2015.

RIJKSBARON, Albert (Ed.). *New Approaches to Greek particles: proceedings of the colloquium held in Amsterdam, January 4-6, 1996, to honour C.J. Ruijgh on the occasion of his retirement*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1997.

ROULET, Eddy. *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris: Didier, 1999.

ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Avec la collaboration de Marcel Burger. Bern: Peter Lang, 2001.

ROULET, Eddy et al. *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne/Francfort-s. Main/New York/Paris: Peter Lang, 1987.

RUDOLPH, Elisabeth. *Contrast: adversative and concessive relations and their expressions in English, German, Spanish, Portuguese on sentence and text level*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1996.

RUIJGH, C. J. *L'élément achéen dans la langue épique*. Assen: Van Gorcum, 1957.

_____. *Autour de τὸ ἐπικόν: études sur la syntaxe grecque*. Amsterdam: Hakkert, 1971.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, Washington DC, v. 50, n. 4, Part I, p. 696-735, 1974. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/412243>>. Acesso em 15 abr 2016.

SACKS, Harvey. *Lectures on Conversation*. 2 vol. Oxford: Blackwell, 1992.

SCHEGLOFF, Emanuel A. *Sequence Organization in Interaction: A Primer in Conversation Analysis*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SCHEIN, Seth L. *The Iambic Trimeter in Aeschylus and Sophocles: a study in metrical form*. Leiden: Brill, 1979.

SCHENKEVELD, Dirk. From particula to particle: the genesis of a class of words. In: ROSIER, Irène (Ed.). *L'héritage des grammairiens latins de l'Antiquité aux Lumières*: actes du Colloque de Chantilly 2-4 septembre 1987. Paris: Diffusion, 1988. p. 81-93.

SCHEPPERS, Frank. *The Colon Hypothesis: Word Order, Discourse Segmentation and Discourse Coherence in Ancient Greek*. Brussels: VUBPRESS, 2011.

SCHUREN, Lisbeth. *Shared Storytelling in Euripidean Stichomythia*. Leiden: Brill, 2014.

SICKING, C. M. J. Devices for text articulation in Lysias I and XII. In: SICKING, C. M. J.; van OPHUIJSEN, J. M. *Two Studies in Attic Particle Usage: Lysias and Plato*. Leiden: Brill, 1993. p. 3-63.

SINCLAIR, J. M.; COULTHARD, R. M. *Towards an analysis of discourse: the English used by teachers and pupils*. London: Oxford University Press, 1975.

SLINGS, S. R. Adversative relators between PUSH and POP. In: RIJKSBARON, Albert (Ed.). *New Approaches to Greek particles*: proceedings of the colloquium held in Amsterdam, January 4-6, 1996, to honour C.J. Ruijgh on the occasion of his retirement. Amsterdam: J.C. Gieben, 1997. p. 101-129.

SMITH, Daniel Lynwood. *The Rhetoric of Interruption: Speech-Making, Turn-Taking, and Rule-Breaking in Luke-Acts and Ancient Greek Narrative*. Berlin: De Gruyter, 2012.

SOULETIS, Marie-Ange. *Chaines pronominales dans l'Iliade: ordre fixe, variations d'ordre et fonctions de quelques particules*. 1998. 634 f. Thèse de doctorat (Sciences historiques et philologiques) – École Pratique des Hautes Études, Paris, 1998.

SPOOREN, W. P. M. S. *Some aspects of the form and interpretation of global contrastive coherence relations*. 1989. 172 p. Tese – Katholiek Universiteit, Nijmegen, 1989.

THIJS, Kees. The Attic particle μήν: intersubjectivity, contrast and polysemy. *Journal of Greek Linguistics*, Leiden, vol. 17, p. 73-112, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1163/15699846-01701005>>. Acesso em 27 jul 2017.

TOULMIN, S. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

TRONCI, Liana. On the distribution of some interactive/conclusive discourse markers in Plato's *Theaetetus*. In: DENIZOT, C.; SPEVAK, O. (Ed.). *Pragmatic Approaches to Latin and Ancient Greek*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2017. p. 213-234.

VERHAGEN, Arie. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax, and Cognition*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2005.

VILJAMAA, Toivo. Colon and Comma. Dionysius of Halicarnassus on the Sentence Structure. In: SWIGGERS, Pierre; WOUTERS, Alfons (Ed.). *Syntax in Antiquity*. Leuven/Paris/Dudley: Peeters, 2003. p. 163-178.

WAKKER, Gerry C. Emphasis and Affirmation: Some Aspects of μήν in Tragedy. In: RIJKSBARON, Albert (Ed.). *New Approaches to Greek particles*: proceedings of the colloquium held in Amsterdam, January 4-6, 1996, to honour C.J. Ruijgh on the occasion of his retirement. Amsterdam: J.C. Gieben, 1997. p. 209-231.

_____. 'Well, I Will Now Present My Arguments.' Discourse Cohesion Marked by οὖν ε τοίνυν in Lysias. In: BAKKER, Stéphanie J.; WAKKER, Gerry C. (Ed.). *Discourse Cohesion in Ancient Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2009. p. 63-81.

WILLINK, C. W. The goddess EΥΛΑΒΕΙΑ and pseudo-Euripides in Euripides' *Phoenissae*. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, vol. 36, p. 182 – 201, 1990. Disponível em <http://journals.cambridge.org/abstract_S0068673500005277>. Acesso em 18 dez 2017.

YORKE, E. C. The Date of the Prometheus Vinctus. *The Classical Quaterly*, Cambridge, vol. 30, no. 3/4, p. 153-154, 1936. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/637310>>. Acesso em 11 abr 2017.

APÊNDICE A – LISTA DE ΑΑΑΑ EM EURÍPIDES POR TIPO DE CONTRASTE

Substituição

Cyc. 139, 154, 553, 560, 688; *Alc.* 50, 168, 207, 230, 276, 285, 322, 337, 645, 755, 802, 956, 1013, 1035, 1039, 1077, 1089, 1126; *Med.* 102, 292, 336, 446, 471, 523, 559, 569, 591, 595, 621, 783, 808, 867, 952, 1077, 1157, 1247, 1350, 1366; *Heracl.* 85, 112, 175, 186, 255, 287, 314, 380, 424, 467, 480, 489, 540, 549, 559, 566, 590, 616, 703, 807, 816, 821, 885, 954, 1007; *Hipp.* 76, 79, 298, 360, 379, 421, 489, 491, 620, 978, 998, 1001, 1048, 1052, 1323, 1330, 1456; *And.* 96, 103, 151, 162, 169, 179, 206, 208, 342, 377, 392, 448, 552, 562, 569, 608, 629, 680, 696, 762, 872, 953, 1005, 1128, 1132, 1193; *Hec.* 105, 214, 290, 390, 409, 411, 512, 573, 598, 605, 674, 797, 948, 1018, 1023, 1121, 1189, 1219, 1245; *Supp.* 107, 174, 256, 405, 408, 516, 674, 698, 709, 725, 902, 1187; *El.* 58, 196, 537, 857, 884, 893, 949, 964, 983, 1089; *HF* 32, 160, 163, 166, 246, 249, 317, 629, 653, 671, 932, 1075, 1177, 1253; *Tr.* 57, 252, 306, 350, 476, 748, 865, 901, 905, 945, 1141, 1185, 1262; *IT* 224, 292, 547, 622, 721, 885, 931, 1322; *Ion* 133, 187, 290, 305, 439, 451, 581, 1315, 1372, 1407, 1531, 1547, 1554, 1562; *Hel.* 33, 161, 451, 520, 582, 751, 821, 939, 957, 989, 1134, 1421, 1557, 1640; *Ph.* 482, 495, 527, 529, 558, 588, 789, 1112, 1218, 1267, 1495, 1556, 1606, 1642, 1692; *Or.* 252, 314, 388, 452, 577, 636, 649, 742, 956, 1040, 1058, 1097, 1141, 1170, 1508, 1532, 1557, 1667; *Ba.* 208, 315, 437, 458, 468, 790, 792, 1128, 1206, 1284, 1341.

Negação de Inferência Comum

Cyc. 432, 481, 698; *Alc.* 218, 297, 353, 616, 693, 749, 827, 906, 928, 1075, 1080; *Med.* 252, 310, 316, 365, 381, 529, 532, 587, 889, 893, 1051, 1073, 1085, 1192; *Heracl.* 14, 147, 199, 318, 387, 462, 464, 520, 543, 554, 618, 686, 928, 989, 934, 997, 1038; *Hipp.* 41, 47, 358, 456, 471, 500, 638, 795, 966, 1298, 1312, 1325; *And.* 39, 221, 262, 264, 312, 346, 610, 713, 955, 1132; *Hec.* 219, 264, 284, 382, 799, 809, 825, 973, 1193, 1199, 1214; *Supp.* 109, 216, 350, 627, 951, 1043, 1082, 1099, 1219; *El.* 293, 375, 498, 518, 529, 545, 753, 793, 1032, 1118; *HF* 114, 209, 303, 586, 996, 1002, 1103, 1318, 1365, 1382, 1413; *Tr.* 246, 366, 630, 669, 1019; *IT* 28, 64, 321, 325, 328, 999, 1364, 1377; *Ion* 404, 745; *Hel.* 128, 281, 285, 296, 512, 645, 952, 966, 1041, 1232, 1402, 1660; *Ph.* 274, 358, 438, 628, 705, 719, 897, 918, 1069, 1081, 1156, 1168, 1382, 1386, 1446, 1618b; *Or.* 138, 399, 539, 563, 740, 943, 1023, 1168, 1447, 1559, 1670; *Ba.* 324, 776, 828, 882, 1027, 1100, 1249, 1255, 1346.

Réplica

Cyc. 135, 688; *Alc.* 44, 487, 494, 553, 716, 1109, 1129; *Med.* 326, 619, 816, 1389; *Heracl.* 99, 689; *And.* 256, 845; *Hec.* 401, 741, 1259; *Supp.* 135, 152, 295, 1068; *El.* 283, 577, 1316; *HF* 1202, 1399; *Tr.* 716; *IT* 560, 620, 806, 1022; *Ion* 755, 769, 1287, 1288, 1325, 1443; *Hel.* 835, 1065, 1231, 1630, 1636; *Ph.* 385, 395, 609, 1329, 1659, 1669, 1684; *Or.* 414, 773, 777, 791, 1109, 1117, 1526, 1593, 1604; *Ba.* 192, 817, 818, 837, 932.

Contraste Discursivo

Cyc. 94, 201, 259, 309, 345, 428, 595, 616, 646, 666; *Alc.* 58, 79, 112, 136, 209, 363, 389, 422, 479, 505, 541, 781, 816, 826, 832, 1034, 1147, 1153; *Med.* 46, 133, 180, 321, 401, 610, 688, 709, 731, 742, 759, 820, 911, 918, 932, 950, 969, 1019, 1067, 1133, 1242, 1258, 1301, 1344, 1408; *Heracl.* 90, 174, 226, 247, 343, 377, 425, 451, 471, 515, 572, 597, 678, 698, 726, 770, 797, 888, 957, 1040; *Hipp.* 51, 82, 170, 191, 248, 304,

473, 688, 705, 708, 846, 858, 887, 923, 932, 1013, 1094, 1314; *And.* 89, 135, 222, 380, 433, 572, 639, 876, 921, 943, 989, 1263; *Hec.* 144, 286, 679, 724, 787, 888, 960, 976, 983, 1019, 1039, 1054, 1250; *Supp.* 163, 252, 359, 549, 582, 608, 772, 794, 932, 1182; *El.* 107, 190, 332, 348, 377, 391, 420, 614, 764, 787, 850, 864, 879, 948, 1123, 1132, 1135, 1172, 1233, 1245, 1320, 1342; *HF* 98, 138, 258, 298, 442, 503, 622, 624, 704, 747, 833, 1128, 1153, 1285, 1286, 1422; *Tr.* 45, 92, 143, 361, 444, 697, 706, 726, 774, 880, 1153, 1192, 1275, 1285; *IT* 76, 102, 118, 167, 354, 456, 603, 636, 646, 699, 759, 979, 983, 1053, 1068, 1086, 1170, 1296, 1411, 1473, 1492; *Ion* 26, 76, 94, 144, 336, 390, 392, 413, 434, 565, 576, 663, 870, 981, 1456, 1569; *Hel.* 323, 442, 477, 490, 562, 744, 954, 1047, 1177, 1296, 1385, 1429, 1545, 1628, 1656; *Ph.* 84, 99, 118, 151, 371, 435, 518, 616, 728, 753, 850, 891, 970, 990, 1009, 1207, 1259, 1274, 1308, 1592, 1618a, 1619, 1671, 1704, 1708, 1762; *Or.* 301, 311, 449, 600, 725, 781, 799, 953, 1042, 1060, 1082, 1179, 1278, 1293, 1323, 1337, 1366, 1524, 1549, 1618; *Ba.* 55, 197, 309, 363, 606, 613, 732, 780, 857, 922, 928, 933, 1081, 1165.

Não-verbal

Med. 550; *El.* 550; *IT* 754; *Ion* 241, 1275; *Hel.* 702; *Or.* 1609.

Partícula de foco

Cyc. 652; *Med.* 912, 942; *Heracl.* 565; *Hec.* 391, 843; *Supp.* 570; *HF* 331; *IT* 631, 1005; *Ion* 426, 978, 1304; *Hel.* 990; *Ph.* 498, 618, 946, 1667, 1751; *Or.* 1562; *Ba.* 785.

APÊNDICE B – LISTA DE ΑΑΑÁ EM INÍCIO DE TURNO POR TIPO DE CONTRASTE EM EURÍPIDES

Substituição

Med. 1366.

Réplica

Cyc. 135, 688; *Alc.* 44, 487, 494, 553, 716, 1109, 1129; *Med.* 326, 619, 816, 1389; *HerACL.* 99, 689; *And.* 256, 845; *Hec.* 401, 741, 1259; *Supp.* 135, 152, 295, 1068; *El.* 283, 577, 1316; *HF* 1202, 1399; *Tr.* 716; *IT* 560, 620, 806, 1022; *Ion* 755, 769, 1287, 1288, 1325, 1443; *Hel.* 835, 1065, 1231, 1630, 1636; *Ph.* 385, 395, 609, 1329, 1659, 1669, 1684; *Or.* 414, 773, 777, 791, 1109, 1117, 1526, 1593, 1604; *Ba.* 192, 817, 818, 837, 932.

Contraste Discursivo

Alc. 79, 136, 816, 826, 1153; *Med.* 688, 759; *HerACL.* 425, 597; *Hipp.* 932; *Hec.* 1039; *Supp.* 608; *El.* 420, 1233; *HF* 747, 1128; *IT* 118, 759, 1170; *Hel.* 1047, 1429; *Ph.* 151, 616, 728; *Or.* 781.

Não-verbal

El. 550; *IT* 754; *Hel.* 702; *Or.* 1609.